

CADERNO

2

Série - Trabalhando com Homens Jovens



# Paternidade e Cuidado

Autor:



Coordenação  
do Projeto:



Colaboração:



Apoio:



# Coordenação do Projeto

---

**Instituto PROMUNDO** é uma organização não-governamental com escritórios no Rio de Janeiro e Brasília que procura aplicar conceitos das áreas de desenvolvimento humano, marketing social e direitos da criança através de pesquisa, apoio técnico, capacitação e disseminação de resultados de estratégias efetivas e integrais que contribuam para a melhoria das condições de vida de crianças, jovens e suas famílias. PROMUNDO executa estudos de avaliação; oferece treinamento para organizações trabalhando nas áreas relacionadas ao bem-estar de crianças, jovens e famílias; e trabalha com organizações parceiras que desenvolvam serviços e intervenções inovadoras para crianças, jovens e famílias. PROMUNDO é

uma organização não-governamental brasileira afiliada ao John Snow Research and Training Institute e a John Snow do Brasil. Suas áreas específicas de atuação incluem: prevenção de violência, fortalecimento de sistemas comunitários de apoio para crianças e adolescentes; gênero, saúde e adolescência; e crianças e famílias afetadas pela AIDS.

**Contatos:** Gary Barker / Marcos Nascimento  
Rua Francisco Serrador, 2 / sala 702 - Centro  
Rio de Janeiro, RJ, 20031-060, Brasil  
Tel: (21) 2544-3114 / 2544-3115  
Fax: (21) 2220-3511  
E-mail: g.barker@promundo.org.br  
Website: www.promundo.org.br

## Apoio

---

**IPPF/WHR – International Planned Parenthood Federation/Western Hemisphere Region** é uma organização sem fins lucrativos que trabalha na América Latina e no Caribe através de 44 organizações afiliadas, provendo serviços na área do Planejamento Familiar e outras áreas de saúde sexual e reprodutiva para mulheres, homens e jovens da região. IPPF/WHR tem posto particular ênfase em incorporar perspectivas de gênero e de direitos na provisão dos serviços. Esta ênfase, por sua vez, tem sido motor de projetos regionais para

envolver aos homens na saúde sexual e reprodutiva e para dirigir esforços na área da violência de gênero. IPPF/WHR tem sido também pioneiro no desenvolvimento de serviços para jovens.

120 Wall Street, 9th Floor  
New York, NY 10005  
Tel: (212) 248-6400  
Fax: (212) 248-4221  
E-mail: info@ippfwhr.org  
Website: www.ippfwhr.org

# Autoria

---

O **Programa PAPAÍ** é uma instituição civil sem fins lucrativos que desenvolve pesquisas e ações educativas no campo das relações de gênero, saúde, educação e ação social, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. Promovemos atividades de intervenção social junto a homens, jovens e adultos, em Recife, nordeste brasileiro, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir do enfoque de gênero, em nível nacional e internacional. Nossa equipe é composta por homens e mulheres: profissionais (graduados e pós-graduados) e estudantes da área de Ciências Humanas e Sociais, além de inúmeros colaboradores e colaboradoras, diretos e indiretos. Principais temas de trabalho: paternidade na adolescência, prevenção de DST e Aids, comunicação e saúde, violência de gênero, redução de danos e drogas.

**Coordenação Geral:** Benedito Medrado; Jorge Lyra  
Karla Galvão; Pedro Nascimento

**Autores/as:** Benedito Medrado (coordenação)  
Jorge Lyra (coordenação)  
Karla Galvão; Maristela Moraes  
Dolores Galindo; Cláudio Pedrosa

**Colaboradores/as:** João Bosco Lima Júnior;  
Luciana Souza Leão; Maria do Carmo Adrião  
Moisés Barreto; Nadjanara Vieira

**Contatos:** Jorge Lyra / Benedito Medrado  
Rua Mardônio Nascimento, 119 - Várzea  
Recife, PE, 50741-380, Brasil  
Tel/Fax: (81) 3271-4804  
E-mail: papai@npd.ufpe.br  
Website: www.ufpe.br/papai

# Colaboração

---

**ECOS-Comunicação em Sexualidade** organização não-governamental que, desde 1989, vem incentivando trabalhos nas áreas de **advocacy**, pesquisa, educação pública e produção de materiais educativos em sexualidade e saúde reprodutiva. A experiência acumulada tem apontado para a necessidade de construção de um olhar de gênero que considere a perspectiva de masculina sobre sexualidade e saúde reprodutiva. Isto significou incluir em nossas práticas educativas

e de comunicação, de maneira inovadora, a ótica de jovens e adultos do sexo masculino.

**Contato:** Silvani Arruda  
Rua do Paraíso, 592 - Paraíso  
São Paulo, SP, 04103-001, Brasil  
Tel/Fax: (11) 3171-0503 / 3171-3315  
E-mail: ecos@uol.com.br  
Website: www.ecos.org.br

**Salud y Género AC** é uma associação civil, formada por mulheres e homens de distintas profissões e experiências de trabalho que se mesclam para desenvolver propostas educativas e de participação social inovadoras no campo da saúde e gênero. Contamos com dois escritórios: um em Xalapa, Veracruz, e outro em Querétaro, Querétaro, México. Salud y Género se desenvolve em um campo complexo e transformador, utilizamos a perspectiva de gênero como instrumento de nosso trabalho, pois nos permite ver possibilidades de transformação nas relações entre homens e mulheres. Através de nossas ações, pretendemos contribuir a uma melhor saúde e qualidade de vida de mulheres e homens nas áreas da saúde mental, sexual e reprodutiva, considerando que a equidade e a democracia são uma meta e responsabilidade compartilhada. Desenvolvemos oficinas educativas na República

Mexicana e Latino Americana, oferecemos um Curso em Gênero e Saúde, desenhamos e elaboramos materiais educativos e promovemos a incorporação do enfoque de gênero nas políticas públicas nas áreas de saúde, educação e população.

**Contatos:** Benno de Keijzer/Gerardo Ayala  
En Xalapa; Carlos Miguel Palacios # 59  
Col. Venustiano Carranza  
Xalapa, Veracruz, México.  
CP 91070  
Tel/fax (52 8) 18 93 24  
E-mail: salygen@infosel.net.mx

**En Querétaro:** Escobedo # 16-5  
Centro, Querétaro, Querétaro, México.  
CP 76000  
Tel/fax (52 4) 2 14 08 84  
E-mail: salgen@att.net.mx

**Colaboradores nas Provas de Campo:** cinco ONGs colaboraram validar estes cadernos em campo, sendo: BEMFAM (Brasil), INPPARES (Peru), MEXFAM (México), PROFAMILIA (Colômbia) e Save the Children – US (Bolívia). No módulo 3 se encontra uma descrição de cada uma delas e informação para contato.



# ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	05
<b>INTRODUÇÃO:</b> Como foi elaborado e como usar este caderno.....	07
<b>MÓDULO 1: O QUÊ E O PORQUÊ.</b> Homens no contexto do cuidado: masculinidade como construção de gênero .....	19
Por que conversar sobre paternidade e cuidado com homens jovens? .....	21
O que é cuidado? .....	22
Os homens se cuidam? .....	23
As mulheres cuidam mais que os homens? .....	23
Um homem pode aprender a cuidar? .....	24
Se os homens cuidassem mais dos filhos a situação seria diferente? .....	25
Crianças criadas sem o pai enfrentam mais dificuldades que outras? .....	25
Por que não se fala sobre paternidade na adolescência? .....	26
Por que acontece a maternidade e paternidade na adolescência?.....	27
Como envolver o homem jovem no cuidado infantil? .....	32
Que ganhos o homem jovem pode ter? .....	33
Pontos-chave .....	33
<b>MÓDULO 2: COMO.</b> Como trabalhar com homens jovens	
O que o educador pode fazer .....	39
Técnica1- O Que Vem à Sua Cabeça? Os Sentidos de Cuidar .....	43
Técnica2- Cuidando do Ninho: A Experiência de Cuidar .....	44
Técnica3- Objetos, Plantas, Animais e Pessoas .....	45
Técnica4- Os Homens, as Mulheres, o Cuidar .....	47
Técnica5- Cuidando de Si: Homens, Gênero e Saúde.....	49
Técnica6- Fala de Pai, Fala de Mãe.....	52
Técnica7- Pai Animal: Natureza <i>Versus</i> Cultura do Cuidado Infantil .....	55
Técnica8- Mural Egípcio: a Gravidez na Adolescência.....	57
Técnica9- Júri Simulado: Paternidade na Escola.....	59
Técnica10- Um Recado para Ti: Você Vai Ser Pai!.....	61
Técnica11- O Cuidado Infantil no Cotidiano dos Homens .....	64
Técnica12- O Bebê está Chorando .....	66
Técnica13- Homem Cuidando de Menino, Homem Cuidando de Menina .....	69
Técnica14- Cuidado do Lar: Só Existe Quando Não é Feito.....	71
Técnica15- Cuidado em Famílias.....	73
Técnica16- Compartilhando o Cuidado .....	75
<b>MÓDULO 3: ONDE.</b> Onde buscar mais informação.....	77
Recursos .....	79
Organizações colaboradoras .....	83
Relato de uma experiência: Programa PAPAI .....	85
<b>ANEXO:</b> Prova de campo dos cadernos .....	89



# AGRADECIMENTOS

---

Este caderno foi produzido através de um esforço conjunto dos integrantes do Programa PAPAI, sob coordenação de Benedito Medrado e Jorge Lyra. Também contamos com preciosas contribuições de colegas e amigos de diversas instituições, para os quais gostaríamos de registrar nossos sinceros agradecimentos:

- Gary Barker e Marcos Nascimento, Instituto Promundo
- Judith Helzner e Humberto Arango, IPPF/WHR
- Margareth Arilha e Silvani Arruda, Comunicação em Sexualidade (ECOS)
- Benno de Keijzer e Gerardo Ayala, Salud y Género
- Reginaldo Bianco, 3 Laranjas Comunicação
- Os jovens pais do Hospital das Clínicas – UFPE, Recife, Brasil
- Os jovens da Escola Estadual Novaes Filho, Recife, Brasil
- Paul Bloem, Organização Mundial da Saúde - OMS
- Matilde Maddaleno, Organização Panamericana da Saúde - OPS
- Angela Sebastiani, INPPARES
- Liliana Schmitz, PROFAMILIA
- Meca Barreto César, Mônica Almeida e Ney Costa, BEMFAM
- Elizabeth Arteaga e Fernando Cerezo, Save the Children (Bolívia)
- José Angel Aguilar, MEXFAM
- Dra. Elza Berquó, NEPO/UNICAMP/CEBRAP

## **Agradecimento especial**

Gostaríamos de registrar nosso especial agradecimento a Gary Barker e Marcos Nascimento, pela eficiente e cuidadosa coordenação geral deste projeto.

## **Apoio financeiro e material**

- International Planned Parenthood Federation/ Western Hemisphere Region (IPPF/WHR)
- Summit Foundation
- Moriah Fund
- Gates Foundation
- US Agency for International Development
- Organização Mundial de Saúde / Organização Panamericana de Saúde



# Sexualidade

## projeto

# violência

# INTRODUÇÃO



Como foi elaborado  
e como usar este caderno

# Sexualidade

projeto

# violência



Beijing (1995) enfatizaram a importância de incluírem os homens nos esforços de melhorar o status de mulheres e meninas. O Programa de Ação da CIPD, por exemplo, procura “promover a equidade de gênero em todas as esferas da vida, incluindo família e comunidade, levando os homens a assumir sua parcela de responsabilidade por seu comportamento nas esferas sexual e reprodutiva bem como por seus papéis sociais e familiares”.

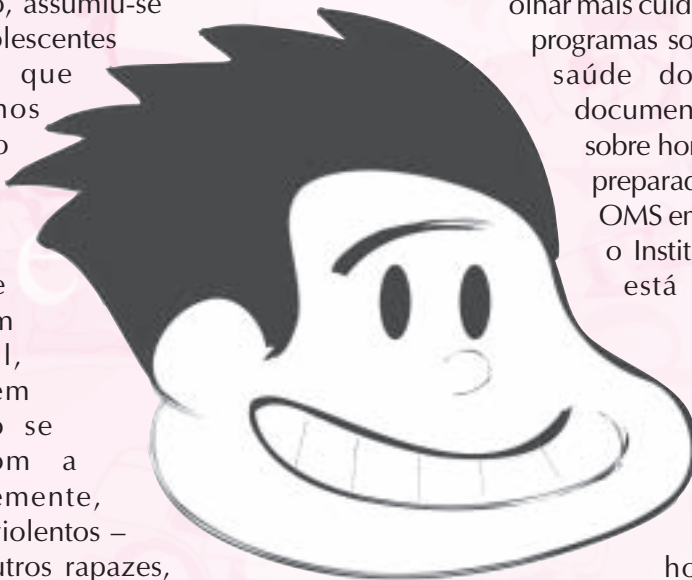
## 1- Por que focar atenção nos rapazes?

Por muito tempo, assumiu-se que os homens adolescentes estavam bem e que tinham menos necessidades do que as mulheres em termos de saúde. Outras vezes, pensava-se que trabalhar com rapazes era difícil, por eles serem agressivos e não se preocuparem com a saúde. Frequentemente, eram vistos como violentos – violentos contra outros rapazes, contra si mesmos e contra as mulheres. Pesquisas recentes e novas perspectivas chamam a atenção para um entendimento mais apurado de como os rapazes são socializados, do que eles precisam em termos de um desenvolvimento saudável, e o que os educadores de saúde e outros profissionais podem fazer para atendê-los de forma mais apropriada.

Nos últimos anos, inúmeras iniciativas procuraram um maior “empowerment” das mulheres e diminuir a hierarquia entre os gêneros. Muitas formas de “advocacy” mostraram a importância de engajar os homens, adultos e jovens, no bem-estar das mulheres, tanto adultas como jovens. A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD, 1994) e a IV Conferência Mundial sobre Mulheres em

Em 1998, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decidiu prestar uma maior atenção nas necessidades dos homens adolescentes, reconhecendo que muitas vezes não houve um olhar mais cuidadoso por parte dos programas sobre as questões de saúde dos rapazes. Um documento de “advocacy” sobre homens adolescentes, preparado e impresso pela OMS em colaboração com o Instituto PROMUNDO, está incluído neste caderno. A UN A I D S dedicou a campanha de AIDS 2000-2001 aos homens, incluindo os homens jovens, e reconhecendo que o comportamento deles constitui um fator que os coloca em situações de risco, bem como às suas parceiras e parceiros. É necessário engajá-los de forma positiva tanto na prevenção do HIV/AIDS quanto no suporte para aqueles que vivem com AIDS.

Nos últimos anos, houve um aumento considerável no reconhecimento dos custos de alguns aspectos tradicionais da masculinidade tanto para homens adultos quanto para os rapazes – o pouco envolvimento com o cuidado com as crianças; maiores taxas de morte por acidentes de trânsito, suicídio e violência do que as mulheres, assim como o consumo de álcool e drogas. Os rapazes têm inúmeras necessidades no campo da saúde o que requer usar esta perspectiva de gênero.





O que significa aplicar a “perspectiva de gênero” para trabalhar com homens adolescentes e jovens?

Gênero se refere às formas como somos socializados, como nos comportamos e agimos, tornando-nos homens e mulheres; refere-se também à forma como estes papéis e modelos, usualmente estereotipados, são internalizados, pensados e reforçados. A origem de muitos dos comportamentos dos homens e rapazes – negociação ou não do uso de preservativo, cuidado ou não das crianças quando são pais, utilização ou não da violência contra sua parceira – muitas vezes é encontrada na forma como os meninos foram socializados. Por vezes, assume-se que determinados comportamentos são da “natureza do homem”, ou que “homem é assim mesmo”. Contudo, a violência praticada por rapazes, o uso abusivo de drogas, o suicídio e o comportamento desrespeitoso em relação à sua parceira, estão relacionados à forma como as famílias, e de um modo mais amplo, a sociedade, educam meninos e meninas. Mudar a forma como educamos e percebemos os rapazes não é tarefa fácil, mas é necessária para a mudança de aspectos negativos de algumas formas de masculinidade.

Muitas culturas promovem a idéia de que ser um “homem de verdade” significa ser provedor e protetor. Incentivam os meninos a serem agressivos e competitivos – o que é útil na formação de provedores e protetores – o que leva, por vezes, as meninas a aceitarem a dominação masculina. Por outro lado, os meninos geralmente são criados para aderir a rígidos códigos de honra, que os obrigam a competir e a usar violência entre si para provarem que são “homens de verdade”. Meninos que mostram interesse em cuidar de crianças, que executam tarefas domésticas, que têm amizades com meninas, que demonstram suas emoções e que ainda não tiveram relações sexuais, em regra, são ridicularizados por suas famílias e companheiros como sendo “viadinhos”.

Na maior parte dos contextos, os homens são criados para serem auto-suficientes, não se preocuparem com sua saúde e não procurarem ajuda quando enfrentam situações de estresse. Ter com quem falar e procurar algum tipo de suporte é um fator de proteção contra uso de drogas e envolvimento com violência – o que explica em parte porque os homens jovens são mais propensos consumirem mais drogas que as mulheres. Pesquisas confirmam que a forma como os homens são socializados trazem conseqüências diretas para sua saúde. Um levantamento nacional, com homens adolescentes entre 15 e 19 anos, realizado nos EUA, concluiu que jovens que tinham padrões sexistas e tradicionais de masculinidade eram mais propensos ao uso de drogas, ao envolvimento com violência e delinqüência e a comportamentos sexuais de risco do que outros homens jovens que possuíam visões mais flexíveis sobre o que um “homem de verdade” pode realmente fazer<sup>1</sup>.

Com estas considerações, aplicar a perspectiva de gênero ao trabalhar com homens jovens implica:

**(a) ESPECIFICIDADE DE GÊNERO:** Olhar para as necessidades específicas que os jovens possuem em termos de saúde e desenvolvimento por conta de seu processo de socialização. Isto significa, por exemplo, engajar os rapazes em discussões sobre uso de drogas ou comportamentos de risco, ajudá-los a entender por que se sentem pressionados a se comportarem desta ou daquela forma.

**(b) EQÜIDADE DE GÊNERO:** Engajar os homens na discussão e reflexão sobre a hierarquia de gênero com objetivo de levá-los a assumir sua parcela de responsabilidade no cuidado com os filhos, nas questões de saúde reprodutiva e nas tarefas domésticas.

Este caderno incorpora estas duas perspectivas.

<sup>1</sup> Courtenay, W. H. *Better to die than cry? A longitudinal and constructionist study of masculinity and the health risk behavior of young American men [Doctoral dissertation]. University of California at Berkeley, Dissertation Abstracts International, 1998.*



## 2- Do homem jovem como obstáculo, ao homem jovem como aliado

Discussões sobre meninos e homens jovens, freqüentemente, têm focado sua atenção nos problemas – sua pouca participação nas questões de saúde sexual e reprodutiva e em aspectos violentos de seu comportamento. Algumas iniciativas nas áreas de saúde do adolescente têm encarado os rapazes como obstáculos ou como agressores. De fato, alguns rapazes são violentos com suas parceiras ou parceiros. Alguns são violentos entre si. Muitos jovens não participam do cuidado dos seus filhos, e não têm uma participação adequada em relação às suas necessidades de saúde sexual e reprodutiva, nem de suas parceiras. Mas existe uma outra parcela de homens adolescentes e jovens que participa do cuidado com as crianças, e que é respeitosa nas suas relações de intimidade. Ao mesmo tempo, é importante lembrar que ninguém é apenas de um único jeito o tempo todo; um homem jovem pode ser violento com o/a parceiro/a e mostrar-se cuidadoso com os filhos, ou violento em alguns contextos e em outros não.

Este caderno parte do princípio que os homens devem ser vistos como aliados – atuais ou potenciais – e não como obstáculos. Os rapazes, mesmo aqueles que por vezes tenham sido violentos ou que não tenham demonstrado respeito com suas parceiras, possuem potencial para serem respeitosos e cuidadosos com elas, para negociar em suas relações com diálogo e respeito, para assumir responsabilidades por seus filhos, e para interagir e viver de forma harmoniosa ao invés de forma violenta.

Tanto pesquisas como nossa experiência pessoal como educadores, pais, professores e profissionais de saúde demonstram que os rapazes respondem muitas vezes segundo as expectativas que se tem deles. Pesquisas sobre delinqüência mostram que um dos fatores associados ao comportamento delinqüente é ser taxado como delinqüente pelos pais,

professores e outros adultos. Um rapaz que se sente rotulado e categorizado como delinqüente tem mais probabilidade de ser um delinqüente. Se esperamos rapazes violentos, se esperamos que eles não se envolvam com cuidados com seus filhos e que não participem de temas ligados à saúde sexual e reprodutiva de uma forma respeitosa e comprometida, então criamos profecias que se autocumprem.

Estes cadernos partem da premissa de que os jovens devem ser vistos como aliados. É fato que alguns jovens são violentos com os outros e consigo mesmos. Mas acreditamos que é imperioso começar a perceber o que os homens jovens fazem de positivo e humano e acreditar no potencial de outros homens jovens de fazer o mesmo.

## 3- Sobre a série de cadernos de trabalho

Este caderno sobre cuidado e paternidade é parte de uma série de cinco cadernos chamada “Trabalhando com Homens Jovens”. Esse material foi elaborado para educadores de saúde, professores e/ou outros profissionais ou voluntários que desejem ou já estejam trabalhando com homens jovens. Isto inclui tanto aqueles profissionais interessados em trabalhar, como aqueles que já vêm trabalhando com homens adolescentes e jovens entre 15 e 24 anos, faixa que corresponde à “juventude”, segundo definições da OMS. Sabemos que esta faixa é bastante ampla, e não necessariamente estamos recomendando que se trabalhe em grupos com jovens de 15 a 24 anos no mesmo grupo. Porém, as técnicas incluídas aqui foram testadas e elaboradas para trabalhar com homens jovens nesta faixa de idade e em diversos locais e contextos.

Os cinco cadernos desta série são:

**a) Da Violência para a Convivência:** Um caderno para trabalhar a prevenção de violência, incluindo violência de gênero, com homens jovens.



**b) Sexualidade e Saúde Reprodutiva.** Em busca dos direitos sexuais e reprodutivos dos homens jovens

**c) Paternidade e Cuidado.**

**d) Razões e Emoções.** Caderno para trabalhar saúde mental com homens jovens.

**e) Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS.**

Cada caderno contém uma série de técnicas, com duração entre 45 minutos e 2 horas planejadas para uso em grupos de homens jovens, e que, com algumas adaptações, podem ser usadas para grupos mistos.

## Recomendamos

**O que nós recomendamos: trabalhar com homens jovens em grupos só de rapazes ou em grupos mistos (rapazes e meninas)?** Nossa resposta é: as duas formas. Como organizações que vêm trabalhando com grupos de homens, jovens e adultos, bem como com grupos de mulheres e grupos mistos, acreditamos que para alguns temas é útil trabalhar com grupos separados, ou seja, somente de rapazes. Alguns rapazes e homens jovens se sentem mais à vontade em discutir temas como sexualidade e raiva, em expor suas emoções sem uma presença feminina. Num contexto de grupo, com um facilitador e outros homens jovens, alguns homens são capazes de falar sobre sentimentos e temas que nunca haviam falado antes.

Em nossa experiência, alguns homens jovens reclamam ou se mostram pouco interessados se não há mulheres no grupo. Claro que ter menina pode fazer um grupo mais interessante. Mas também vemos em muitas ocasiões que a presença de mulheres faz com que os rapazes não se exponham, não

se abram ou deixam que as mulheres falem mais sobre assuntos íntimos. Em alguns grupos vemos que as mulheres chegam a ser "embaixadoras" emocionais dos homens, ou seja, os homens não expressam suas emoções, delegando esse papel às mulheres.

Na aplicação destas técnicas, em cinco países, ficou confirmado que para muitos dos homens presentes foi a primeira vez que tinham participado de um grupo só de homens. Embora alguns dissessem que havia sido difícil no início, depois acharam que era importante ter algum tempo só com grupos de rapazes.

Contudo, ao mesmo tempo, recomendamos que pelo menos uma parte do tempo seja dedicada a trabalhar com meninos e meninas juntos. Homens e mulheres vivem juntos, trabalham juntos; alguns formam parcerias afetivas e famílias das mais diversas formas e arranjos. Nós acreditamos que, como educadores, professores e profissionais que trabalham com jovens, devemos promover interações que propiciem respeito e equidade. O que significa que, pelo menos em uma parte do tempo, devemos trabalhar com grupos mistos.

## 4- Como as atividades foram desenvolvidas

As técnicas incluídas nestes cadernos surgiram da experiência coletiva de trabalho com homens jovens das organizações colaboradoras, nos temas de equidade de gênero e saúde. Muitas atividades foram desenvolvidas e testadas com a participação e colaboração de homens jovens. Outras atividades foram adaptadas de materiais já existentes de trabalho com jovens. Neste caso, fizemos referências ao crédito devido.

cinco países da América Latina, com 172 homens jovens entre 15 e 24 anos, em colaboração com IPPF/WHR:

- a) INPPARES, em Lima, Peru;
- b) PROFAMILIA, em Bogotá, Colômbia;
- c) MEXFAM, México, DF;
- d) Save the Children, em Oruro, Bolívia; e
- e) BEMFAM, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, Brasil.

Os resultados desta prova de campo se encontram no Anexo deste caderno.

## 5- Objetivos dos cadernos e das técnicas

O que nós esperamos com estas atividades? É importante afirmar que simplesmente trabalhar com homens jovens em grupo não resolve as necessidades envolvidas pelos temas tratados. Se procuramos mudar o comportamento de alguns homens jovens, é importante apontar que mudança de comportamento requer mais do que uma participação por um período de tempo em algumas técnicas de grupo. Vemos esses cadernos como uma ferramenta que pode ser usada por educadores de saúde, professores e outros profissionais como parte de um leque de atividades mais amplo de engajar homens jovens.

Esses cadernos têm de fato dois níveis de objetivos:

- (a) Objetivos para os educadores que vão usar o material;
- (b) Objetivos para os homens jovens participantes nas técnicas a seguir:

**Os objetivos específicos para os educadores que vão usar o material são:**

- Fornecer um “background” para educadores de saúde, professores e profissionais que trabalhem com jovens nas questões de saúde e de desenvolvimento que os rapazes e homens jovens enfrentam.
- Fornecer exemplos concretos de experiências de programas para engajar homens jovens nestes temas.
- Proporcionar exemplos detalhados de técnicas que educadores de saúde, professores e outros profissionais podem executar com grupos de homens jovens sobre estes temas.
- Fornecer uma lista de fontes, em forma de estudos, informações prévias, vídeos, material educativo e contato com organizações que possam prover informações adicionais sobre as necessidades de saúde de homens jovens.

**Os objetivos para os homens jovens**



**participantes nas técnicas sobre paternidade e cuidado:**

- Refletir sobre o cuidado (de si, dos outros e das coisas em geral) no contexto das relações de gênero;
- Refletir, a partir do enfoque de gênero, sobre os processos de socialização para a masculinidade e a progressiva exclusão dos homens do contexto do cuidado;
- Entender que o cuidado é uma forma de relação humana que pode produzir satisfação na vida;
- Entender que mesmo a paternidade na adolescência sendo considerada indesejável, a gravidez e a paternidade podem propiciar, a alguns pais e mães adolescentes, benefícios emocionais substanciais e várias dificuldades podem ser evitadas, a partir do apoio da família.

Esperamos e acreditamos que as técnicas incluídas aqui possam de fato mudar comportamentos em alguns casos com alguns homens jovens. Contudo, para afirmar mudanças de comportamento em razão da participação nestas técnicas, íamos precisar de mais tempo de avaliação e condições para uma avaliação de impacto com grupos de controle e longitudinais, que não dispomos no momento. O que podemos afirmar via testes de campo realizados é que usar estas técnicas como parte de um processo grupal com homens jovens fomenta mudanças de atitudes e aquisição de novos conhecimentos em relação ao cuidado de si e da necessidade de maior equidade entre homens e mulheres, seja entre homens jovens no âmbito público, seja entre homens jovens e seus/suas parceiros/as nas relações íntimas.





## 6- Qual é o perfil do homem jovem que todos queremos?

Os objetivos dos cinco cadernos estão baseados em pressupostos sobre o que nós – educadores, pais, amigos, parceiros, parceiras e famílias – queremos que os homens jovens sejam. Também os trabalhos nas áreas de equidade de gênero, prevenção de violência, saúde mental e prevenção da HIV/AIDS têm objetivos comuns sobre o que acreditamos devam os homens chegar a ser. E por último – e mais importante – a expressão dos desejos dos próprios homens jovens – de como querem ser e de como devem ser tratados por seus pares masculinos. Com tudo isto, as técnicas incluídas nestes cinco cadernos têm por meta geral promover um perfil de homens jovens que:

- Acreditem no diálogo e na negociação em vez de violência para solucionar conflitos, e que de fato recorram ao uso de diálogo e negociação nas suas relações interpessoais.
- Mostrem respeito para com as pessoas de diferentes contextos e estilos de vida e que questionam as pessoas que não mostram este respeito.
- Mostrem respeito em suas relações íntimas e que busquem manter relações com base na equidade e respeito mútuo, seja no caso de homens jovens que se definem como heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.
- No caso de homens que se definem como heterossexuais, que participem das decisões referentes à reprodução, conversando com os parceiros sobre saúde reprodutiva e sexo mais seguro, usando ou colaborando com eles no uso de preservativos ou outros métodos quando não desejam ter filhos.
- No caso de homens que se definem como homossexuais ou bissexuais, ou que tenham relações sexuais com outros homens, que conversem com seu parceiro ou parceiros sobre a prática do sexo mais seguro.
- Não acreditem e nem usem violência contra os seus parceiros íntimos.
- Acreditem que cuidar de outros seres humanos é também atributo de homens e mostrem habilidade de cuidar de alguém, sejam amigos, familiares, parceiros e os próprios filhos no caso de homens jovens que já sejam pais.
- Acreditem que os homens também podem expressar outras emoções além da raiva, e que mostrem habilidade de expressar emoções e buscar ajuda – seja de amigos, seja de profissionais – quando for necessário para questões de saúde em geral e também de saúde mental.
- Acreditem na importância e que mostrem a habilidade de cuidar de seus próprios corpos e da própria saúde, incluindo pessoas que vivem com HIV/AIDS.

## 7- Como usar estas atividades?

### Notas para facilitadores

- ✎ A experiência na utilização destes materiais indica que é preferível usar as técnicas em seu conjunto, e não de forma isolada.
- ✎ É interessante que haja, sempre que possível, a presença de dois facilitadores.
- ✎ Deve-se usar um espaço adequado para o trabalho com os jovens, propiciando que as atividades sejam realizadas sem restrição na movimentação deles.
- ✎ Deve-se proporcionar um ambiente livre, respeitoso, onde não haja julgamentos ou críticas a priori das atitudes, linguagem ou posturas dos jovens.
- ✎ Situações de conflito podem acontecer.

Cabe aos facilitadores intervir, tentando estabelecer um consenso e respeito à diferença de opiniões.

✎ O trabalho deve ir-se aprofundando, atendendo sempre para ir além de um possível "discurso politicamente correto".

✎ É bom lembrar que nem sempre o contato físico é fácil para os rapazes. Atividades que exijam toque físico podem e devem ser colocadas com alternativas de participação ou não, respeitando os limites de cada um.

✎ Os pontos de discussão, sugeridos nas técnicas apresentadas, não precisam ser usados necessariamente no final das técnicas, mas podem ser utilizados durante a sua execução, conforme o facilitador acredite ser mais apropriado.

O ponto central destes cadernos é constituído por uma série de técnicas para trabalhar com homens jovens em grupos. Estas atividades foram desenvolvidas e testadas com grupos de 15 a 30 participantes. Nossa experiência demonstra que o uso deste material para grupos menores (15 a 20 participantes) é mais produtivo, mas o facilitador também pode usar as técnicas descritas para grupos maiores.

Muitas das atividades incluídas aqui tratam de temas pessoais profundos e complexos como a promoção da convivência, a sexualidade e a saúde mental. Nós recomendamos que estas atividades sejam facilitadas por pessoas que se sintam bem em trabalhar com estes temas, que tenham experiência de trabalho com jovens e que tenham apoio de suas organizações e/ou de outros adultos para executar tais atividades.

### Onde e como trabalhar com rapazes?

Pode-se e deve-se usar essas técnicas em diversas circunstâncias - na escola, grupos desportivos, clubes juvenis, quartéis militares, em centros de jovens em conflito com a lei, grupos comunitários etc. Também podem ser usadas com grupos de jovens numa sala de espera de uma clínica ou posto de saúde. Precisa-se, enfim, de espaço privado, tempo disponível, facilitadores dispostos.

Lembrando que os rapazes, geralmente, estão em fase de crescimento, recomenda-se também que se ofereça algum tipo de lanche ou merenda e que disponham de atividades físicas e/ou de movimento.

Reconhecemos que aplicar estas atividades não é sempre uma tarefa fácil e nem sempre previsível. Os temas são complexos e sensíveis - violência, sexualidade, saúde mental, paternidade, AIDS. Pode haver grupos de rapazes que se abram e se expressem profundamente durante o processo, assim como outros que não queiram falar. Não sugerimos o uso destas técnicas como terapia grupal. Devem ser vistos como parte de um processo de reflexão e educação participativa. A chave deste processo é o educador ou o facilitador. Cabe a ele/a saber se se sente à vontade com estas temas e capaz de administrar as técnicas. A proposta deste tipo de intervenção é ir além desta etapa, propiciando reflexões e mudanças de atitudes. Como mencionaremos mais adiante, as quatro organizações autoras oferecem oficinas de capacitação no uso dos cadernos. Os interessados devem entrar em contato com o Programa PAPAI ou uma das outras organizações colaboradoras.



## 8- Facilitadores homens ou mulheres?

Quem deve facilitar atividades de grupo com homens jovens? Somente homens podem ser facilitadores para trabalhar com rapazes? A experiência das organizações colaboradoras é que em alguns contextos, os rapazes preferem a oportunidade de trabalhar e interagir com um homem como facilitador, que poderá escutá-los e, ao mesmo tempo, servir de modelo em alguns aspectos para pensar o significado de ser homem. Contudo, nossa experiência coletiva sugere que a qualidade do facilitador – a habilidade, do homem e da mulher enquanto facilitadores, de engajar o grupo, de escutar e motivar as pessoas – é fator mais importantes que o seu sexo. Nós também acreditamos que seja útil ter facilitadores que trabalhem em pares, às vezes em pares mistos (homem e mulher), o que traz importante contribuição para os homens jovens, homens e mulheres que trabalham juntos para construção de igualdade e respeito.

## 9- Como este caderno está organizado

Este caderno está organizado em três módulos:

### MÓDULO 1: O QUÊ E O POR QUÊ

Este módulo traz uma introdução sobre a participação dos homens no contexto do cuidado (de si e do outros) e sobre socialização masculina, a partir da perspectiva de gênero. Como complemento a esse módulo, está incluído neste conjunto de cadernos, um documento da OMS, “Boys in the Picture/Los Muchachos en la Mira/Em Foco, os Rapazes”.

### MÓDULO 2: COMO

O que o educador pode fazer. Esse módulo traz 16 técnicas elaboradas e testadas para trabalho direto com homens jovens (15-24 anos) acerca do cuidado de si (de si dos outros e das coisas), incluindo o tema da paternidade na adolescência. Cada técnica traz dicas para facilitadores e comentários sobre a aplicação desta técnica em diversos contextos.

### MÓDULO 3: ONDE

Onde procurar mais informação? Esse módulo apresenta uma lista de recursos, incluindo fontes de informação, contatos com organizações que poderão prover informações adicionais sobre o tema “paternidade e cuidado”, lista de vídeos e outros recursos que poderão ser úteis no trabalho do tema com os homens jovens. Este módulo também apresenta algumas descrições sobre trabalho direto com homens jovens na área de gênero, saúde e educação, incluindo um estudo de caso do trabalho do Programa PAPAI.

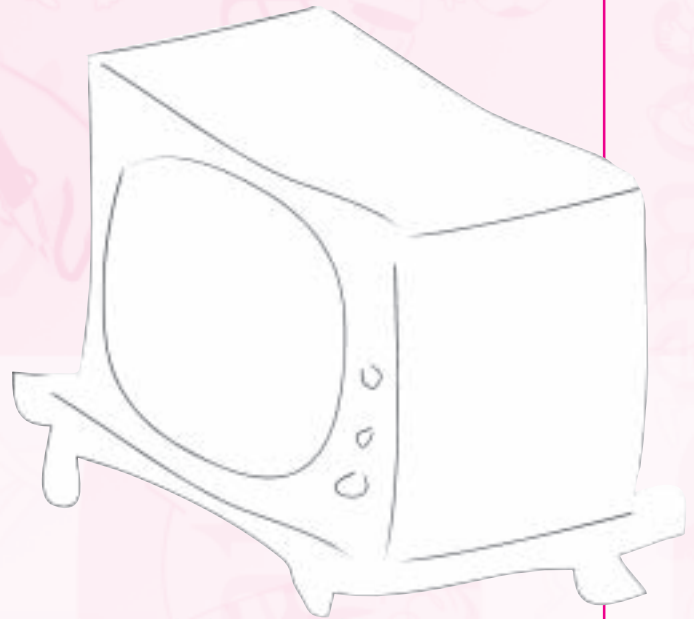


## 10- O vídeo “Minha Vida de João”

---

Esse conjunto de cadernos vem acompanhado de uma cópia de um vídeo em desenho animado, sem falas, chamado “A vida de João”. O vídeo apresenta a história de um rapaz, João, e seus desafios de rapaz tornando-se homem. Ele enfrenta o machismo, a violência intrafamiliar, a homofobia, as dúvidas em relação à sexualidade, a primeira relação sexual, gravidez, uma DST (doença sexualmente transmissível) e paternidade. De forma lúdica, o vídeo introduz os temas tratados nos cadernos.

Recomendamos o vídeo para uso tanto dos facilitadores ou outros membros da equipe de sua organização, como para os próprios rapazes. O vídeo serve como uma boa introdução aos temas e às técnicas. A reação dos rapazes ao vídeo pode ser um bom “diagnóstico” para o facilitador saber o que os rapazes pensam sobre os vários temas.



## 11- Mantendo contato

---

As organizações colaboradoras formaram uma rede de aprendizado para a troca contínua de informações do trabalho com homens jovens sobre estes temas. Gostaríamos contar com sugestões e com sua participação nesta rede. Organizaremos seminários nacionais e regionais sobre o tema, bem como faremos workshops em vários países da América Latina. Estamos disponíveis para workshops de treinamento adicionais na utilização desse material em trabalhos com homens jovens. Queremos ouvi-lo a respeito da utilização destas atividades. Escreva para qualquer uma das organizações colaboradoras listadas na primeira página para participar da rede, para compartilhar suas experiências e para sugestões.

## 12- Adaptando o material

---

Queremos que esse material seja utilizado e adaptado da forma mais ampla possível. Também permitimos que o material seja reimpresso mediante solicitação de permissão ao Programa PAPAI e demais organizações colaboradoras. Caso tenham interesse em reimprimir o material com o nome e logotipo de sua organização, entrem em contato com o Programa PAPAI. **É permitida a reprodução do material, desde que citando a fonte.**

Sexualidade

projeto

violência



# MÓDULO 1



## O Quê e o Porquê

Homens no contexto do cuidado:  
masculinidade como construção de gênero

### ▼ OBJETIVO

Este módulo apresenta um conjunto de reflexões baseadas em leituras, experiências e discussões em grupo em torno da questão da participação dos homens no contexto do cuidado, tendo como foco principal os processos de socialização para a masculinidade, a partir do enfoque de gênero. Não pretendemos falar exclusivamente sobre o cuidado infantil, embora esse seja nosso ponto de partida e um dos temas

centrais deste caderno. Não se trata também de um manual do "bom pai". Muito menos um incentivo à paternidade na adolescência. Propomos, antes de tudo, uma reflexão ampla sobre o cuidado no contexto das relações de gênero. Questionando o pressuposto de que os homens não cuidam, este caderno pretende convidar o/a leitor/a para um exercício instigante: dispor-se a ouvir como os homens jovens definem o cuidado e qual o lugar dessa dimensão em seu cotidiano.



muito cedo, para responder a modelos pre-determinados (e mutuamente excludentes) do que é ser homem e ser mulher. Esses modelos variam, por certo, ao longo do tempo, bem como de cultura para cultura. Contudo, em geral, percebe-se que os processos de socialização tendem a se orientar pelo olhar da diferença (ser homem é diferente de ser mulher!) e pela perspectiva da desigualdade (ser homem é melhor que ser mulher!).

Essa afirmação não é nova. Aliás, este tem sido um dos grandes legados do movimento feminista e dos estudos de gênero: reconhecer que o modo como aprendemos a diferenciar os sexos determina mais sobre nosso cotidiano do que as próprias diferenças biológicas.

No contexto do cuidado infantil, em particular, a exigência desses modelos se processa em duas direções: para a mulher, exige-se ótimo desempenho no plano afetivo, fala-se em amor de mãe ou instinto materno, uma espécie de característica supostamente inata que orientaria a prática diária materna, definida como gratificante em si (ser mãe é padecer no paraíso!).

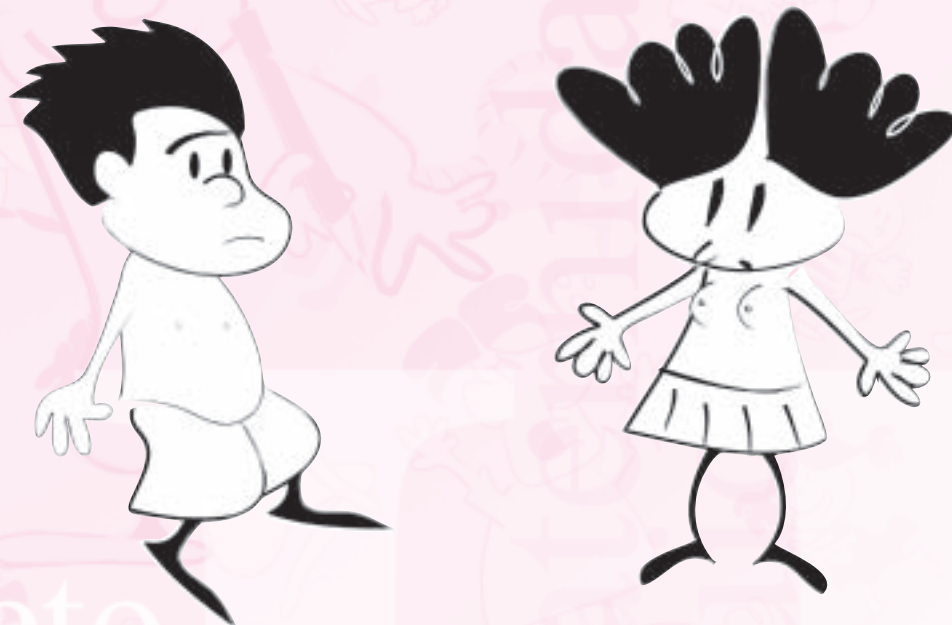
Para o homem, a cobrança refere-se, sobretudo, ao plano financeiro e econômico. Ele deve assumir a paternidade e o lar ou, em outras palavras, “não deve deixar faltar nada em casa”. Neste sentido, em nossa sociedade, os homens são vistos, em geral, como inábeis para o desempenho do cuidado infantil e, em certa medida autorizados culturalmente a não participar. A mãe cuida, o homem provê<sup>3</sup>. Assim, mesmo quando um homem quer assumir um papel ativo no contexto do cuidado infantil, as instituições sociais - desde a família, a escola, o trabalho, as unidades de saúde, ONG, as Forças Armadas e a sociedade em geral - ainda parecem recusar-lhe essa possibilidade<sup>4</sup>.

De modo mais amplo, percebemos que essa suposta “inabilidade” para o cuidado infantil se estende para (ou tem origem em) outras áreas da vida cotidiana, pois os homens muitas vezes são vistos (inclusive por eles próprios) como incapazes de cuidar de uma pessoa doente, dos objetos à sua volta, de um filho, da casa e principalmente de si próprio.

## Por que conversar sobre paternidade e cuidado com homens jovens?

Em vários países da América Latina, a concepção e criação dos(as) filhos(as) são ainda experiências atribuídas às mulheres, incluindo muito discretamente o pai. Pouco se pergunta aos homens jovens sobre sua participação, responsabilidade e desejo no processo de reprodução. Por outro lado, recentemente, muitos estudos têm mostrado a importância e a necessidade da participação masculina no cuidado infantil, além do próprio desejo de alguns homens de participar das decisões e divisão de tarefas domésticas<sup>1</sup>.

Partimos do pressuposto que masculinidade é uma construção de gênero, ou seja, o que se define como masculino em nossa sociedade está intimamente relacionado a uma forma de ver o mundo, em que o olhar sobre a diferença e sobre a desigualdade orienta nossas práticas e nossa linguagem<sup>2</sup>. Assim, homens (e mulheres) são educados, desde



## Diferença entre os sexos: uma obra da natureza?

Recentemente, alguns pesquisadores e pesquisadoras têm chegado à constatação de que a própria diferença morfológica entre um corpo masculino e um corpo feminino é uma construção historicamente datada, embora desde cedo tenhamos aprendido que essas diferenças são dadas pela natureza.

Até o final do século XVIII, a Medicina reconhecía a existência de um só sexo: o masculino. Isso mesmo! A mulher era o representante inferior desse sexo porque não tinha calor vital suficiente para atingir a perfeição do macho. A hierarquia sexual ia da mulher ao homem. A natureza teria feito

com que a mulher não tivesse o mesmo calor vital do homem, a fim de que pudesse abrigar o esperma e os óvulos fecundados sem destruí-los. Assim, a suposta frieza da mulher era considerada necessária à reprodução. Ou seja, se a mulher fosse tão quente quanto o homem, o embrião poderia ser dissolvido. Sexo tinha como referente, exclusivamente, os órgãos reprodutores do homem. Os órgãos reprodutores femininos eram vistos como uma representação internalizada do masculino. Em outras palavras, a mulher seria um homem invertido<sup>5</sup>.





## O que é cuidado?

A palavra “cuidado”, tradução mais freqüente para o termo “caring” do inglês, tem sido empregada em uma diversidade de situações, com diferentes sentidos. No campo profissional – seja na Psicologia, Sociologia da Educação, Serviço Social, Educação Infantil, Filosofia, Enfermagem etc. – o termo tem sido associado à prestação de serviços pessoais a outros<sup>6</sup>. Muitos poderiam ter sido os termos escolhidos para definir o que estamos chamando neste caderno de “cuidado”. Alguns poderiam preferir usar a palavra cooperação, outros poderiam chamar de vínculo, outros chamariam até mesmo de amor, empatia, proteção, carinho, compromisso, responsabilidade,<sup>7</sup> mas talvez nenhuma delas conseguisse expressar sozinha o sentido desse tipo de relação. Independente do termo utilizado, o que pretendemos é falar sobre um tipo de interação de uma pessoa com o mundo à sua volta: as coisas, as plantas, os animais e principalmente os outros seres humanos. Inclui também a relação de cuidado consigo mesmo. Uma relação ou uma atitude que muitas vezes é definida em nossa cultura como atribuição ou característica “feminina”, e de cujo contexto os homens, desde muito cedo, são estimulados a se excluir.

## O conceito de cuidado

De modo simplificado, o “cuidado”, como conceito, emerge simultaneamente:

- na Psicologia, a partir dos estudos feministas sobre a construção da feminilidade, nos quais argumenta-se que a personalidade da mulher é, desde cedo, construída a partir das noções de relacionamento, ligação e cuidado, o que a levaria a sentir-se responsável pela manutenção das relações sociais e pela prestação de serviços aos outros, características centrais do modelo atual de feminilidade; e
- na Sociologia, com as pesquisas sobre o trabalho não-remunerado das mulheres no lar, ou sobre formas de prestação de serviço oferecidas por mulheres àquelas pessoas incapazes de viver o dia-a-dia com autonomia, devido à idade ou a algum tipo de incapacidade<sup>8</sup>.







## Os homens se cuidam?

Seja na zona rural, seja na zona urbana, mudam os cenários, mas o enredo é o mesmo: os meninos são estimulados a se defender e a atacar, a reerguer-se rapidamente quando caem de uma bicicleta (de preferência sem chorar!), a subir novamente em uma árvore, após uma queda, a mostrar-se corajosos e destemidos. Em linhas gerais, os homens são socializados, desde cedo, para responder a expectativas sociais, de modo proativo, em que o risco não é algo a ser evitado e prevenido, mas enfrentado e superado, cotidianamente. A noção de autocuidado dá lugar a um estilo de vida autodestrutivo, a uma vida, em diversos sentidos, arriscada.

Na juventude e fase adulta, esta postura assume nuances mais preocupantes. Homens freqüentemente resistem em reconhecer um problema de saúde e a procurar auxílio. Essa resistência tem gerado, por exemplo, problemas complexos no contexto da propagação da epidemia de HIV/Aids. Pesquisas realizadas na

África e Ásia, bem como em outras partes do mundo, indicam que, em geral, os homens infectados se apóiam menos entre si e solicitam com menor freqüência que as mulheres a ajuda da família e de amigos<sup>9</sup>.

Não à toa, os homens têm ocupado, ao longo dos anos, a infeliz primeira colocação em diferentes e diversas estatísticas: primeiro lugar em número de homicídios, as maiores taxas de tentativa de suicídio, de morte por acidentes, principalmente envolvendo veículos a motor, de uso excessivo de bebida alcoólica e drogas psicotrópicas ilícitas, maiores praticantes de roubos e assaltos e, conseqüentemente, maior população penitenciária, além dos grandes protagonistas de agressões físicas contra mulheres ou crianças, em âmbitos domésticos ou públicos. Essas estatísticas obedecem a uma constante histórica: a menor expectativa de vida dos homens em relação às mulheres, ao nascer e em idades superiores. Além disso, analisando o diferencial de mortalidade segundo sexo e idade, percebe-se nitidamente uma sobremortalidade masculina, por causas externas, em todos os grupos etários, principalmente nos mais jovens.

## As mulheres cuidam mais que os homens?

Em nossa sociedade, o ato de cuidar (das crianças, das pessoas doentes, dos idosos etc.) é visto como “coisa de mulher”. A “arte de cuidar” aparece quase como uma condição natural de ser mulher: “Ser mulher é ser, naturalmente, uma boa cuidadora”. Porém, cada vez mais, vemos homens executando tarefas associadas ao cuidado infantil, seja dentro de casa ou em instituições (creches, escolas primárias, berçários etc.).

Pesquisas realizadas na República Dominicana e México têm destacado que mulheres casadas, infectadas pelo HIV, por vezes regressam ao lar de seus pais porque é pouco provável que seus maridos lhes dêem a atenção adequada. Além disso, estudos

realizados em países da África revelam que as famílias estão mais dispostas a dedicar parte importante de seu tempo a um membro masculino da família com HIV/Aids do que para um feminino<sup>10</sup>.

Assim, o que percebemos é que o que poderia ser visto como um privilégio, ao contrário, tem gerado muitos obstáculos para a vida das mulheres, principalmente para aquelas que buscam espaço no mercado de trabalho e que, por vezes, não podem assumir um determinado emprego porque precisam tomar conta dos filhos ou de outros familiares e amigos. Muitas delas precisam enfrentar uma “dupla jornada de trabalho”, para não serem tachadas de “mães desnaturadas”. Elas também são envolvidas na armadilha de uma experiência de gravidez descrita como realizadora e gloriosa, enfrentando um parto no qual se espera que tenham um bom desempenho (como num exame de escola!), e de um pós-parto no qual



se espera que realizem, momentaneamente, uma espécie de fusão com o bebê, tendo, por exemplo, um ouvido especialmente receptivo para o choro do filho e um nariz que não se incomoda com o mau cheiro das fezes etc..<sup>11</sup>

O pai, por sua vez, após a fecundação, enfrenta uma grande lacuna em sua atuação, recuperando algum espaço apenas quando a criança está na idade de ir para o pré-escolar. Em creches e pré-escolas a situação é ainda mais

complicada, onde a presença de um homem costuma gerar preocupações e ansiedades, pois se desconfia que ele possa abusar sexualmente das crianças ou que tenha problemas ou desvios sexuais. Assim, a figura do "homem cuidador" parece estar quase sempre associada à imagem do "efeminado" ou do "abusador". Aqueles que têm desejo de realizar essas tarefas muitas vezes não encontram espaço para isso, ou sempre tem que ouvir a frase "homem nessas horas só atrapalha"<sup>12</sup>.



## Um homem pode aprender a cuidar?

Muitas vezes não percebemos que o cuidado é também uma habilidade e que se aprende ao longo da vida. Desde criança, as mulheres praticam o cuidado infantil. Elas, desde muito cedo, são estimuladas, por exemplo, a brincar de boneca, exercitando o que supostamente as espera pela frente: a vida doméstica. Quando um menino resolve incluir entre suas brincadeiras peças ou jogos relacionados com o lar, geralmente é recebido com chacotas e censura. Para as meninas, ensinamos que o cuidado com a saúde é muito importante e que uma "boa menina" anda sempre bonita e arrumada, não necessariamente para si, ou melhor, em geral, nunca é para si, mas sempre para os outros. Para os meninos, ensinamos que é muito importante ser forte e viril, não chorar e estar preparados para superar os obstáculos e enfrentar riscos. Um amigo, por exemplo, nos

contou que, numa certa ocasião, seu pai brincando com ele, colocou-o dentro de uma caixa vazia, fechando a tampa para que se esforçasse em sair. Quando enfim conseguiu erguer a referida tampa, o garoto estava sozinho no teto da casa. O pai o havia colocado lá em cima e gritava de baixo: "Agora desce! Você é ou não é homem?!" Sabemos de muitos casos em que quando um menino se envolve em "brincadeiras de menina", os pais compram armas e jogos de guerra e lhe dão de presente, passando a tocá-lo ainda de modo mais rude e fugaz, sob o argumento de que "Isso é para ele aprender a ser homem!"<sup>13</sup> Em resumo, do mesmo modo que os homens aprendem a não se cuidar, nem cuidar dos outros, eles podem aprender a reverter essa expectativa social. Para isso, é fundamental abrir espaço para a experiência.

## O homem, as crianças, o cuidado e a Aids

Estudos realizados em diferentes países da América, Ásia, África e Austrália destacam que geralmente os homens atuam menos que as mulheres no cuidado dos filhos, particularmente nos primeiros 3 anos de vida do bebê, onde alimentação, higiene e saúde em geral são preocupações básicas. Como nos adverte documento recente da UNAIDS,

é importante lembrar que, no final do ano 2000, registramos cerca de 13 milhões de crianças órfãs de pais infectados por HIV/Aids que necessitarão de ajuda de adultos para se desenvolver. A imensa maioria dessas crianças recebe cuidado de mulheres, parentas ou vizinhas, embora alguns grupos de órfãos estejam sob a tutela de homens<sup>14</sup>.

### Se os homens cuidassem mais dos filhos a situação seria diferente?

Efetivamente, a socialização também se processa a partir da imitação e, num nível de elaboração maior, a partir da identificação com os pares e com os adultos. Assim, é importante considerar que meninos interagindo com homens adultos (pais, tios, amigos da família etc.) em situação de cuidado infantil, provavelmente perceberão com maior naturalidade a possibilidade de desempenhar esta tarefa no futuro. Também serão estimulados a questionar/desconstruir a desigualdade de gênero no espaço doméstico. Em outras palavras, a maior participação dos homens nos cuidados para com seus filhos poderá dinamizar as relações de gênero, na medida em que as crianças poderão observar o comportamento de seus pais nestas atividades, possibilitando, assim, uma ampliação dos significados do que é masculino e feminino.

### Crianças criadas sem o pai enfrentam mais dificuldades que outras?

Embora muita gente acredite que sim, que crianças criadas sem o pai ou sem a mãe possam ter mais dificuldade no controle da agressividade, sucesso escolar e, até mesmo, problemas de identidade de gênero, essa não é uma pergunta fácil com resposta direta. Até hoje, não inventaram um dispositivo suficientemente capaz de avaliar as razões do sucesso e do fracasso da educação dos filhos. Existem estudiosos que buscam entender as possíveis implicações de se educar crianças sem o pai ou sem a mãe, contudo nenhum deles ousaria afirmar categoricamente que essas crianças são mais “problemáticas” que outras. Há mais exceções do que regras, pois nem todo filho criado sem o pai (ou a mãe) tem problema. Do mesmo modo, uma estrutura familiar considerada “estável” não leva, necessariamente, a um perfeito equilíbrio emocional das crianças<sup>15</sup>.



## Por que não se fala sobre paternidade na adolescência?

Em geral, gravidez na adolescência se confunde na literatura e nas ações sociais com maternidade na adolescência, ou seja, muito se fala sobre gravidez na adolescência, mas, na verdade, fala-se mesmo sobre a adolescente grávida. Existe um verdadeiro "muro de silêncio", tanto sobre a paternidade como a maternidade na adolescência. Entre os diversos motivos que justificam essa invisibilidade, destacamos cinco:

- ✎ O filho em geral é percebido, em nossa cultura, como sendo da mãe;
- ✎ O homem jovem quase sempre é percebido como naturalmente promíscuo, inconseqüente, aventureiro e impulsivo;
- ✎ O jovem pai é visto, sempre e por princípio, como ausente e irresponsável: "nem adianta procurá-lo que ele não quer nem saber!"
- ✎ O jovem pai é reconhecido mais no papel de filho do que de pai;
- ✎ A preocupação com as experiências reprodutivas dos adolescentes concentra-se em grande medida na noção de prevenção<sup>16</sup>.

projeto

## Paternidade na adolescência: o viés científico

Um dos problemas centrais dos estudos sobre gravidez na adolescência, que inclusive compromete parte dos resultados obtidos, é a escassez ou ausência total de informações sobre os pais<sup>17</sup>. Essas pesquisas tendem a focalizar a experiência da mãe e pouco (ou nada!) falam sobre o pai. Além disso, esses estudos:

- ✎ Não perguntam sobre o que pensam os homens a respeito da reprodução ou fertilidade;
- ✎ Quando o pai adolescente é incluído nas pesquisas, o tema em geral não é paternidade na adolescência. Por exemplo, em pesquisa sobre "pais solteiros", costumam entrevistar pais adolescentes, mas não se focaliza a experiência de ser adolescente e estar passando pela experiência da paternidade;
- ✎ As informações sobre o pai são obtidas de forma indireta, muitas vezes a partir do que as mães dizem;
- ✎ Os resultados são pouco precisos para medir transformações psicológicas e culturais;
- ✎ Quando existem pais nas pesquisas, o número geralmente é muito pequeno;
- ✎ Nem todo parceiro da grávida adolescente é também um adolescente. Em geral ele é um jovem ou adulto;
- ✎ As informações disponíveis, geralmente, restringem-se aos que moram efetivamente com seus filhos.





## Por que acontece a maternidade e paternidade na adolescência?

A gravidez, maternidade e paternidade não podem ser vistas como doenças, seja na adolescência ou em qualquer outra fase da vida. Assim, não é possível falar na relação entre sintomas e causas. Ou seja, não se pode definir precisamente por que acontece a gravidez na adolescência. Não existe um único motivo para a gravidez na adolescência, assim como não existe um único motivo para qualquer gravidez. Às vezes, a jovem pode engravidar por livre e espontânea vontade e inclusive com o apoio dos pais. Pode também engravidar por falta de informação sobre como fazer sexo sem engravidar.

A gravidez pode também acontecer por abuso ou violência sexual. Nesse caso, no Brasil, é permitida, por lei, a interrupção da gravidez em hospitais públicos do país. Porém, é necessário que a menina tenha apoio suficiente, após o abuso, para tomar as provi-

dências a tempo, pois a interrupção da gravidez deve ser feita até doze semanas de gestação, ou seja, se possível nos dois primeiros meses de falta da menstruação.

As situações e motivos são vários e devem ser ouvidos e discutidos, a partir de uma postura de respeito, pelo adulto responsável por ajudar aquele ou aquela jovem a crescer, sem promover atitudes repressivas e preconceituosas, mas acreditando no diálogo e na aprendizagem mútua.

Além disso, mesmo compreendendo que a gravidez na adolescência pode gerar obstáculos aos planos de estudo e trabalho, não podemos esquecer que há gravidezes que podem ser estruturantes e não necessariamente percebidas como um problema pelos jovens. Cada caso é um caso, e o desenlace depende da capacidade interna de cada um para lidar com a questão, da maneira como foram educados, dos valores sociais da época, e principalmente do apoio familiar e/ou dos profissionais. Apoiar a adolescente que engravida e seu parceiro não significa estimular a gravidez entre adolescentes; significa criar condições para que esse processo não resulte em problemas físicos e psicossociais para o casal.



## Gravidez adolescente em números (base: 1997)

Tabela construída a partir da base de dados do Instituto Alan Guttmacher, cuja fonte principal é a Demographic and Health Surveys (DHS), uma pesquisa internacional coordenada pela

Macro International em cooperação com governos e organizações nacionais, com apoio da Agência Norte-americana para o Desenvolvimento Internacional (Website: [www.agi-usa.org](http://www.agi-usa.org)).

Países	Adolescentes de ambos os sexos (10-19 anos)		Mulheres 15-19 anos		
	Número absoluto	% do total	Número absoluto	Número de crianças nascidas	Taxa de fecundidade (%)
<b>África Subsaariana</b>					
Botsuana	371.200	24	87.000	11.200	12,87
Camarões	3.248.800	23	751.000	123.200	16,40
Nigéria	26.989.800	23	6.135.000	895.700	14,60
<b>Norte da África <sup>(1)</sup></b>					
Egito	14.668.000	22	3.315.000	208.800	6,30
Marrocos	6.190.600	22	1.498.000	59.900	4,00
Tunísia	2.011.600	22	477.000	12.900	2,70
<b>Ásia <sup>(1)</sup></b>					
China	205.834.000	17	47.679.000	524.500	1,10
Índia	200.540.000	21	45.758.000	5.536.700	12,10
Tailândia	11.468.000	19	2.867.000	152.000	5,30
<b>Am. Latina e Caribe</b>					
Bolívia	1.730.200	22	404.000	38.000	9,41
Brasil	33.698.000	20	8.245.000	709.100	8,60
Colômbia	7.551.800	21	1.832.000	163.000	8,90
El Salvador	1.441.800	24	350.000	46.900	13,40
Equador	2.636.200	22	631.000	56.200	8,91
Guatemala	2.669.600	24	608.000	81.500	13,40
México	20.853.400	22	4.981.000	428.400	8,60
Paraguai	1.143.200	22	256.000	24.800	9,69
Peru	5.375.200	22	1.303.000	79.500	6,10
Rep. Dominicana	1.699.800	21	402.000	35.400	8,81
Trinidad e Tobago	281.400	21	66.000	5.400	8,18
<b>Países desenvolvidos</b>					
França	7.710.200	13	1.890.000	15.100	0,80 <sup>(2)</sup>
Grã-Bretanha	7.337.200 <sup>(3)</sup>	13 <sup>(3)</sup>	1.751.000	41.700	2,38 <sup>(2)</sup>
Japão	15.321.000	12	3.988.000	16.000	0,40 <sup>(2)</sup>
Estados Unidos	36.957.600	14	8.824.000	502.900	5,70 <sup>(2)</sup>



## Observações da tabela anterior

1- Nos países da Ásia e do norte da África, mulheres que nunca casaram são assumidas como nunca tendo tido filhos.

2- Em países desenvolvidos, a taxa é para os anos mais recentes disponíveis: 1992 na Grã-Bretanha (somente Inglaterra e País de Gales) e 1993-1995 para os demais.

3- Refere-se ao Reino Unido – Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales)-

Ano das pesquisas: Botsuana, **1988**; Camarões, **1991**; Nigéria, **1990**; Egito, **1992**; Marrocos, **1992**; Tunísia, **1988**; China, **1992**; Índia, **1992-1993**; Tailândia, **1987**; Bolívia, **1993-1994**; Brasil, **1996**; Colômbia, **1995**; República Dominicana, **1991**; Equador, **1987**; El Salvador, **1985**; Guatemala, **1987**; México, **1987**; Paraguai, **1990**; Peru, **1991-1992**; Trinidad e Tobago, **1987**; França, **1994**; Grã-Bretanha, **1991**; Japão, **1992**; Estados Unidos, **1995**.

## Contextualizando os dados sobre gravidez na adolescência

Estudos que alardeiam um crescimento assustador no número de casos de gravidez na adolescência produzem, em geral, uma "idéia enganosa" e estão embasados em resultados de investigação que são insuficientes e cujos pressupostos e interpretações possuem limitações importantes. O fenômeno da gravidez na adolescência não pode ser analisado exclusivamente a partir de números absolutos, nem apenas a partir de taxas de fecundidade, sem considerar condições demográficas e históricas importantes e outros dados complementares<sup>18</sup>.

Por exemplo, no Brasil, a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (DHS) de 1996 revelou que nos últimos 10 anos houve uma diminuição da fecundidade em todas as faixas etárias em torno de 30%, com exceção da faixa adolescente. A fecundidade das mulheres entre 15 e 19 anos cresceu até 1990 e permaneceu estável no cinco anos seguintes. Para as mulheres na faixa de 20-24 anos, a fecundidade vem declinando de 1965 a 1995, mas o grande marcador da queda foi o período 1985-1990.

Entretanto, não podemos esquecer três aspectos interligados que nos auxiliam a contextualizar e, de certa forma, relativizar a magnitude desses índices e a visibilidade dessa experiência nos dias de hoje:

### 1) Onda jovem

A demografia brasileira tem registrado nos últimos anos o fenômeno onda jovem que marca um aumento gradativo da população com idade entre 15 e 24 anos. O número passou de 8,3 milhões (em 1940) para 31,1 milhões de habitantes (em 1996). Assim, não se pode medir a gravidez na adolescência exclusivamente com base no número de partos, seguindo dados do Ministério da Saúde. Ou seja, logicamente, um maior número de jovens certamente refletirá um maior número de gravidezes nessa faixa<sup>19</sup>.

### 2) Efeitos do controle de natalidade

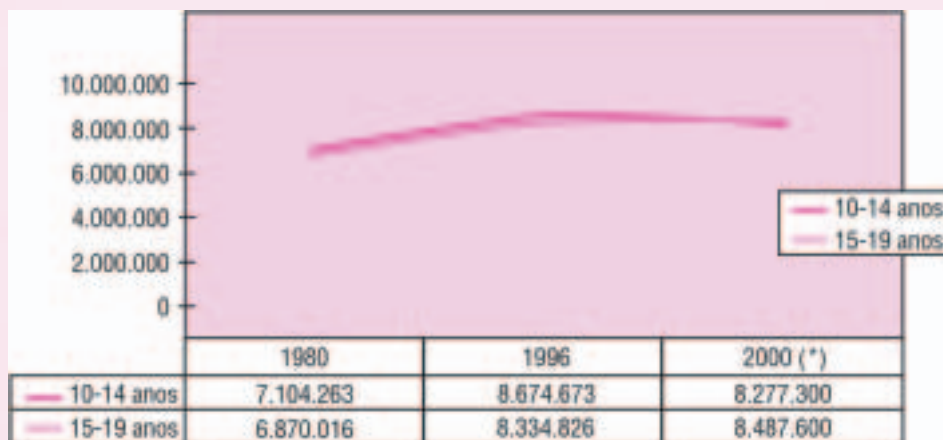
As taxas de fecundidade entre mulheres adultas diminuíram principalmente em função do incentivo e prática de esterilização em grande escala, particularmente nos países em desenvolvimento. Dados de 1996 registram 40% de mulheres adultas em idade reprodutiva que realizaram laqueadura<sup>20</sup>.

### 3) Dados relativos<sup>21</sup>

Seguindo passo a passo, como chegar a uma percepção mais aproximada do fenômeno gravidez na adolescência?

**Primeiro passo:** vamos desmembrar a população adolescente em dois grupos: 10-14 anos e 15-19 anos. Como podemos perceber na figura abaixo, o total de mulheres de 10-14 anos passou de cerca de 7,1 milhões (em 1980)

Continua pg. 32



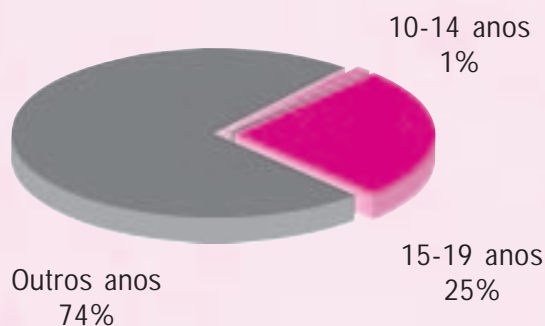


para 8,7 milhões (em 1996). De acordo com projeções, este número declinará em 2000 para cerca de 8,3 milhões. O grupo de mulheres de 15-19 anos cresceu de 6,9 milhões (em 1980) para 8,3 milhões (em 1996), Segundo projeções, este número continuará crescendo até aproximadamente 8,5 milhões em 2000, quando passará a declinar.

**Segundo passo:** Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) mostram que em 1998 ocorreram 2.617.377 partos. Segundo o IBGE, como a notificação de dados no Brasil ainda não é completamente eficiente, aconselha-se que os dados do SUS recebam um acréscimo de 16%. Assim procedendo, em 1998 teriam ocorrido 3.036.157 partos. Deste total, 37.041 mulheres de 10-14 anos e 773.309 mulheres de 15-19 anos deram à luz. Em termos percentuais temos a seguinte distribuição:

**Terceiro passo:** Por último, vamos calcular as taxas de fecundidade. Dividindo o número estimado de partos (37.041) pelo número total de mulheres na mesma faixa etária (8.277.300), verificamos que a percentagem das mulheres de 10-14 anos que deu à luz em 1998 foi igual a 0,45%. O mesmo raciocínio mostra que 9,11% da população feminina, entre 15 e 19 anos, deu à luz por volta de 1998. Se compararmos com anos anteriores, temos o seguinte quadro:

	1993	1998	Aumento
10 a 14 anos	0,36%	0,45%	0,09%
15 a 19 anos	9,03%	9,11%	0,08%



**Conclusão:** Embora tenha havido aumento das taxas de fecundidade entre as mulheres com idades entre 10-14 e 15-19 anos, a partir desses dados NÃO se pode falar em "epidemia" de gravidezes na adolescência. Isso não significa que, por isso, o tema deixa de possuir relevância e merecer atenção por parte das políticas de governo, da ação social e das próprias famílias.

## Como envolver o homem jovem no cuidado infantil?

---

Em países como Brasil, Camarões, Jamaica, Suécia e Uganda, têm sido desenvolvidas importantes iniciativas com o objetivo de promover uma maior participação dos pais e futuros pais no cuidado dos filhos. Por meio dessas iniciativas, tem-se buscado estimular o compromisso dos pais no cuidado dos seus filhos, estimulando uma revalorização do cuidado e despertando o desejo dos homens em proteger seus filhos<sup>22</sup>.

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que nem todo pai é ausente e irresponsável. E, embora a gravidez aconteça no corpo da mulher, a responsabilidade e o prazer pela gestação, parto e cuidado do filho é um direito do casal. Assim, não é o caso de forçar para que o rapaz assuma a paternidade, fique com a moça ou mesmo a apóie no caso de interrupção da gravidez. Muitas vezes, os garotos sofrem e se preocupam quando recebem a notícia da gravidez, embora nem sempre o demonstrem. A conversa, o apoio, o respeito ao limite emocional da moça e do rapaz, é o melhor meio de ajudar ambos a superarem, da maneira mais adequada para cada um, os obstáculos sociais que podem ser gerados pela gravidez nessa fase da vida.

Estudos e também nossa experiência com jovens vêm mostrando que os estereótipos sobre o adolescente e a gravidez na adolescência, entre outros, não podem ser generalizados indiscriminadamente. Há pais adolescentes que se envolvem e se comprometem, tanto com suas crianças, como com as mães dessas crianças.

O principal problema dos garotos quanto à paternidade é, muitas vezes, a falta de apoio econômico e social para levar adiante a responsabilidade de educar e cuidar de seus bebês, tarefa insistentemente exigida socialmente, mas pouco apoiada. Outro

problema também é a idéia de que homem não pode exercer com competência as atribuições do cuidado infantil. É importante, porém, ter claro que nem todo pai adolescente é relapso e que nem toda experiência de paternidade é negativa para os jovens, como somos ensinados a pensar e a esperar. O mesmo se aplica às mães adolescentes. Para esses pais e mães adolescentes, é de fundamental importância fortalecer redes de apoio na comunidade.

Dentro desta perspectiva, por exemplo, programas para gravidez na adolescência como o do Departamento de Pediatria do Centro Médico da Universidade de Utah (EUA) têm fornecido informações sobre a gravidez para o casal, pai e mãe adolescentes, incentivando o pai em todos os aspectos do cuidado para com a criança e do cuidado consigo mesmo. Também há ações para assistência aos pais no tocante à orientação vocacional, oportunidades de emprego e moradia. Experiências diversas têm mostrado que os pais adolescentes acabam se envolvendo mais na gravidez de suas companheiras, no cuidado para com os filhos e no enfrentamento dos desafios em decorrência dessa escolha, como: financeiros, profissional, educacional, amizades, perda de oportunidades etc.



## Que ganhos o homem jovem pode ter?

Como dito acima, não se pode afirmar que uma criança criada sem o pai possa ter mais dificuldades que qualquer outra. Por outro lado, muitos estudos apontam benefícios de diversas ordens para o homem que exerce o cuidado infantil.

Ao contrário da maternidade, que se define inicialmente em marcas e mudanças no corpo, a paternidade é, em maior medida, um conceito relacional, ou seja, a paternidade só existe para as pessoas a partir do momento que o bebê nasce. A maternidade por sua vez se estende da gestação à criação e edu-

cação dos filhos.

Assim é importante ampliar a aceitação do cuidado desempenhado pelo pai, expandindo seu papel junto aos filhos, fazendo com que os homens tenham mais facilidade em prover as necessidades das crianças e desenvolvam outros tipos de cuidado. Isso possibilitaria, por fim, benefícios para suas crianças e para ele mesmo. Os homens que desempenham mais tarefas de cuidado para com as crianças relataram uma grande satisfação na relação conjugal e em seu cotidiano.

## Pontos-Chave

### É preciso entender o cuidado também do ponto de vista dos homens

Como educadores/as, precisamos estar continuamente atentos para não reforçar preconceitos e estereótipos, através de nossos atos e palavras. Ao definirmos cuidado com base no referencial feminino, muitas vezes dizemos que os homens não cuidam ou não sabem cuidar. Antes, é preciso entender qual o significado que os homens dão ao cuidado e buscar reconhecer práticas de cuidado que já realizam em seu cotidiano, desconstruindo a noção de que cuidado é “coisa de mulher”, através de uma revalorização da experiência de cuidar de si e dos outros.

### Gravidez não é sinônimo de maternidade

Em geral quando se fala sobre gravidez, pouco se fala sobre o pai. Os homens, principalmente os mais jovens, são vistos no contexto da gravidez como estranhos, intrusos ou, no máximo, como visitas. Não se pode esquecer que o pai tem direito de:

- participar do pré-natal. Isto pode ser muito importante para ele, para sua companheira e para o bebê.

- ter suas dúvidas esclarecidas sobre a gravidez, sobre o relacionamento com a mulher e sobre os cuidados com o bebê. Ele não é apenas acompanhante de sua companheira, mas é também o pai da criança que vai nascer. Participar é fundamental!

- ser informado sobre como a gravidez está evoluindo e sobre qualquer problema que possa aparecer.

- na época do parto, ser reconhecido como PAI e não como “visita” nos serviços de saúde.

- ter serviço facilitado para acompanhar sua companheira e o bebê a qualquer hora do dia.

É importante que o pai vá com a mãe na consulta pós-parto, para receber as informações e as orientações sobre contracepção e prevenção de doenças transmitidas em relação sexual e Aids. Sua participação durante a gravidez, parto e pós-parto é um direito que deve ser exercido.

É importante que o homem possa participar desde os primeiros dias do cuidado do bebê. Algumas coisas, certamente, ele não poderá fazer. Outras, a mulher também não poderá





assumir, em função do próprio período de resguardo. Porém, ambos podem aprender juntos e ajudar-se mutuamente. Se, por um acaso, eles estão separados, podem negociar, sempre, a divisão de atribuições e atividades<sup>23</sup>.

### **Nem toda paternidade na adolescência é, por princípio, indesejável.**

Nos dias de hoje, cuidar de um filho não é uma tarefa fácil, principalmente se considerarmos as questões econômicas. Além disso, não podemos negar que embora o conceito de maturidade seja questionável e de difícil definição, alguns jovens (talvez a maioria!) não estão preparados para cuidar de uma criança. Decididamente, não consideramos que a gravidez e o tornar-se mãe ou pai na adolescência sejam a melhor opção para todo e qualquer adolescente, contudo a gravidez e a paternidade podem propiciar a alguns pais (pai e mãe) adolescentes benefícios emocionais substanciais.

Embora, de modo geral, pesquisadores e clínicos tendam a ver de forma negativa a gravidez na adolescência, há casais adolescentes que têm mostrado um bom desempenho na escola, vida familiar e cuidado para com a criança. Pesquisas em ciências humanas e sociais, desenvolvidas em diferentes países, destacam que a gravidez é vista por alguns jovens exatamente como uma transição para a tão desejada fase adulta, sendo o/a filho/a o motivo de reorganização social, de possibilidade de inserção no mercado de trabalho, abandono do “mundo das drogas” e do crime, entre outros<sup>24</sup>.

Em diferentes países, a gravidez na adolescência tem sido considerada por parte dos profissionais de saúde e dos órgãos competentes um problema social, marcado por uma postura preconceituosa e um discurso geralmente alarmista, associado a aspectos negativos que podem ocorrer com a adolescente e seu bebê (abandono da escola, dificuldade para conseguir emprego, baixo peso dos bebês ao nascer etc.) e a adjetivos pejorativos associados à gravidez: não-planejada, indesejada, precoce, prematura.

Esta postura reflete um receio social de que a maternidade e paternidade na juventude podem criar obstáculos ao crescimento econômico de países em desenvolvimento, gerando dificuldades adicionais para o governo desses países, já empobrecidos em função de políticas econômicas ainda pouco condizentes com as necessidades sociais de suas populações<sup>25</sup>.

Também nos países desenvolvidos, os índices de gravidez são mais elevados entre jovens analfabetas ou com instrução mínima, e que teriam possibilidades quase nulas de escapar do ciclo da miséria, gerando conseqüentemente a manutenção e reprodução da pobreza e da falta de acesso à informação e educação.

Além disso, muitos jovens deixam de estudar cedo, por falta de condições econômicas das famílias em mantê-los na escola. Pesquisas mostram que a gravidez na adolescência não é a principal causa de evasão escolar. Quando a gravidez acontece, a maioria das adolescentes de classes menos favorecidas já está fora das escolas, sem contar aquelas que nunca estudaram. Além disso, para a adolescente, é muito mais prejudicial um acompanhamento pré-natal inexistente ou mal feito do que a gravidez propriamente dita<sup>26</sup>.

Contudo, é importante enfatizar que, cada vez mais, faz-se necessário discutir e problematizar a quem serve e qual é o impacto de ações repressivas e excludentes face à vida reprodutiva e sexual dos(as) adolescentes.

### **Apoiar é fundamental**

Consideramos que existem dois momentos e formas de trabalhar com os(as) adolescentes: 1) a reflexão/discussão sobre a gravidez antes dela ter acontecido, e 2) o apoio quando a gravidez é confirmada, ou seja, o que nós (adultos/profissionais) podemos fazer quando eles(as) (adolescentes) já são pais e mães ou estão “grávidos(as)”. Dificuldades existem, mas podem ser minimizadas com uma rede de apoio adequada, uma prática que é incompatível se adotamos apenas a perspectiva da prevenção.





Uma abordagem com caráter menos coercitivo possibilitaria, a nosso ver, formular programas mais adequados às necessidades enfrentadas pelos adolescentes, sem “preconceituar” a paternidade e a maternidade nessa fase como pura e simplesmente negativa, provocada, sempre e, inegavelmente, por irresponsabilidade dos jovens. Muitas vezes, mesmo quando um rapaz quer assumir um papel ativo como pai de seu filho, as instituições sociais - desde a escola, a família, as unidades de saúde, ONG, as Forças Armadas e a sociedade em geral - ainda parecem recusar-lhe essa possibilidade.

Além disso, consideramos que a argumentação corrente no campo da prevenção da gravidez na adolescência pode seguir os mesmos caminhos tortuosos que marcam o início das campanhas de prevenção da Aids (aqui sim uma doença!). Ou seja: o do alarme e da criação de pânico na população a partir das palavras de ordem Aids mata! Essa estratégia inadequada de sensibilização não favoreceu a reflexão por parte da população, não favoreceu que as pessoas - homens e mulheres, jovens e adultos - se posicionassem diante da experiência, da possibilidade ou não de contrair o HIV e pensassem que atitudes deveriam tomar para proteger a si e aos outros.

O que o/a educador/a pode fazer? O educador tende a ser aquele que leva o conhecimento ao educando. Contudo, a educação pode ser pensada também como mútua aprendizagem, onde educador e educando estão em constante processo de descobertas. Cabe a quem educa criar espaços, mostrar alternativas e despertar o prazer pelo conhecimento. Não cabe a quem educa definir, no plano moral, o que é certo ou errado. Cabe a quem educa desenvolver a capacidade da escuta atenta e sem “pré-conceitos”. É preciso primeiro ouvir a pergunta, para depois buscar respostas. No caso de ser informado que um dos seus alunos ou alunas está “grávido”, procure conversar com ele/a e oferecer apoio. Essa ajuda pode ser fundamental para evitar transtornos no futuro. Apoiar um pai ou mãe

adolescente não significa valorizar ou estimular a prática. Ao contrário não falar e não apoiar pode causar danos irreversíveis para aquele que precisa de ajuda. Devemos abolir o “NÃO DEVE” e “escutar” o desejo da adolescente, constituir um discurso que não seja nem negativo, nem moral, mas ético. Precisamos permitir que o/a adolescente assuma um lugar neste discurso e o sustente, por opção própria.

Não é necessário apenas estabelecer condições sociais adequadas para essa população - oportunidades educacionais (e não apenas laborais), serviços de saúde específicos etc. É imprescindível desenvolver uma postura ética de respeito às jovens gerações, promovendo linhas de intervenção menos coercitivas e legitimamente apoiadas na escuta e no diálogo.

A conversa, o apoio, o respeito ao limite emocional da moça e do rapaz é o melhor meio de ajudar ambos a superar, da maneira mais adequada para cada um, os obstáculos sociais que podem ser gerados pela gravidez nessa fase da vida. O apoio não fará com que a gravidez na adolescência aumente em número, contudo, certamente, contribuirá para diminuir os males físicos e psicossociais para o “casal grávido”.

#### **Generalizações devem ser evitadas**

Nem todo homem reproduz literalmente o modelo de masculinidade hegemônica (mais valorizado culturalmente). É importante que as pessoas em geral, e os educadores em especial, estejam, atentos para identificar no cotidiano e na fala desses homens jovens relatos de experiências que contradigam a norma. Do mesmo modo, é importante estar atento para perceber, principalmente no contexto do cuidado, que um mesmo comportamento desempenhado por uma mulher pode ser entendido como cuidado (ou devoção) e, quando um homem o desempenha, costumamos dar outros nomes (dever, obrigação). Assim, torna-se importante que o educador esteja, antes de tudo, preparado para ouvir, para entender como os homens percebem o cuidado e qual o lugar dessa dimensão em suas vidas.



## NOTAS

- 1- Ver: ENGLE, Patrice, BREAUX, Cynthia (1994) - *Is there a father Instinct? Fathers' responsibility for Children. The population Council/International Center for Research for Women Series*; ENGLE, Patrice (1995) - *Men in families. Report of a consultation and the role of males and fathers in achieving gender equality*. New York: UNICEF; EUROPEAN COMMISSION CHILDCARE NETWORK (1990) - *Men as carers for children. Report on Childcare Network Technical Seminar*. Glasgow, May; MUNDIGO, Axel I (1995). *Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade. Conferências Internacionais sobre População*. Fundação MacArthur. São Paulo, 31 de julho de 1995.
- 2- Ver uma rica discussão sobre o conceito de gênero em: SCOTT, Joan W. (1988) - *Gender: a usefull category of historical analysis*. Obra consultada: *Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Educação & realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.2. jul/dez, 1995. p. 71-99
- 3- Ver: TRINDADE, Zeide A. (1991) - *As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese (doutorado) EM Psicologia. São Paulo: USP; LYRA DA FONSECA, Jorge. *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção (dissertação de mestrado em Psicologia Social*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, 1997, 182p.); SAPAROLI, Eliana C. L. (1997) *Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino. Dissertação (mestrado)*. São Paulo: PUC/SP; MEDRADO, Benedito (1998) – *Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia*. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. & MEDRADO, B. *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, pp. 145-161.
- 4- Ver LYRA DA FONSECA, Jorge. *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção (dissertação de mestrado em Psicologia Social*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, 1997, 182p.);
- 5- Para uma leitura mais profunda sobre a questão da construção social da diferença entre os sexos, recomendamos: LAQUEUR, T. (1990). *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; COSTA, Jurandir F. (1995) - *A construção cultural da diferença dos sexos. Sexualidade, gênero e sociedade*. Nº 3. Junho. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social.
- 6- Para uma rica discussão conceitual sobre cuidado, sugerimos o livro: CARVALHO, Marília P. de (1999) – *No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã/FAPESP. E-mail: xamaed@uol.com.br
- 7- Ver: ARILHA, M. (1998) - *Homens: entre a "zoeira" e a responsabilidade*. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. & MEDRADO, B. *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, pp. 51-78.
- 8- Ver CARVALHO, Marília P. de (1999) – *No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã/FAPESP. E-mail: xamaed@uol.com.br
- 9- *Los varones y el sida: Un enfoque basado en consideraciones de género. Campaña mundial contra el SIDA, 2000*. Unaid, 2000. Para uma versão completa do texto, visitar o site: [www.unaids.org](http://www.unaids.org).
- 10- Idem.
- 11- BADINTER, Elizabeth (1985) - *Um amor conquistado - o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; PARCEVAL, Geneviève (1986) - *A Parte do pai*. Porto Alegre: L&PM.
- 12- Ver: SAPAROLI, Eliana C. L. (1997) *Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino. Dissertação (mestrado)*. São Paulo: PUC/SP; Medrado, Benedito (1998) – *Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia*. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. & MEDRADO, B. *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, pp. 145-161.
- 13- Ver: CONNELL, R.W. (1995) - *Masculinities*. Berkeley: University of California Press; ALMEIDA, Miguel Vale de (1995) - *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 264p; MEDRADO, Benedito (1997) - *O Masculino na mídia. Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. Dissertação (mestrado)*, em *Psicologia Social*, São Paulo: PUC/SP.
- 14- *Los varones y el sida: Un enfoque basado en consideraciones de género. Campaña mundial contra el SIDA, 2000*. Unaid, 2000. Para uma versão completa do texto, visitar o site: [www.unaids.org](http://www.unaids.org).
- 15- Ver: LAMB, Michael E. (ed.) *The father's role: applied perspectives*. New York: John Wiley, 1986.
- 16- CANNON, Lucimar (2001) – *A mãe adolescente. Conferência ministrada no VIII Congresso Brasileiro, VII Congresso Internacional, III Congresso da ASBRA sobre Adolescência*. Salvador-BA.
- 17- Para discussões mais amplas e profundas sobre paternidade na adolescência, ver: ROBINSON, Bryan E.; BARRET, Robert L. (1982) - *Issues and problems related to the research on teenage fathers: A critical analysis*. *Journal of School Health*. Vol 52(10) 596-600, dez; LAMB, Michael E. e ELSTER, Arthur (eds.) (1986) - *Adolescent fatherhood*. Hillsdale. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates; ROBINSON, Bryan E. (1987) - *Teenage fathers*. Lexington, MA: Lexington Books; BARTH, Richard P.; CLAYCOMB, Mark; LOOMIS, Amy (1988) - *Services to adolescent fathers*. *Health and Social Work*. vol. 13, nº 4, p. 277-287; CERVERA, Neil (1991) - *Unwed teenage pregnancy: family relationships with the father of the baby*. *Special issue: fathers. Families in Society*. vol. 72(1), p. 29-37, jan; ADAMS, Gina, PITTMAN, Karen e O' BRIEN, Raymond (1993) - *Adolescent and young adult fathers: problems and solutions*. In: LAWSON, Annette e RHODE, Deborah L. *The politics of pregnancy: adolescent sexuality and public policy*. New Haven: Yale university press. p.





- 216-37; LYRA DA FONSECA, Jorge L. C. (1997) - *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) São Paulo: PUC/SP, 182p; LYRA, Jorge e MEDRADO, Benedito. *Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico*. Revista Estudos Feministas. CFH/UFSC. vol. 8, nº 1/2000, p. 145 – 158; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge (1999). *A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero*. In: SCHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. T.; CASTELO BRANCO, Viviane (orgs.). *Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. p. 230-248.
- 18- Ver: TESTA, Mark (1992) - Introduction. In: ROSENHEIM, Margaret K. e TESTA, Mark F. (eds.) *Early parenthood and coming of age in the 1990s*. New Brunswick, NJ, US: Rutgers University Press. REIS, Alberto O. A. (1993) – *O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida: avatares*. São Paulo: 1993. Tese (Doutoramento em Saúde Pública). FSP – USP; MARQUES, Neuza M. (1995) – *Motivational determinants of teenage pregnancy in Recife, Brazil*. PhD Thesis (Department of Epidemiology and population sciences). London School of Hygiene and Tropical Medicine. Faculty of Medicine of the University of London; STERN, Cláudio y GARCÍA, Elizabeth (1996) - *Hacia un nuevo enfoque en el campo del embarazo adolescente*. Seminario internacional sobre avances en salud reproductiva y sexualidad. México, 18 a 21 de novembro de 1996; CABRAL, Maria da Graça S. R (1997) - *Conseqüências da gravidez na adolescência: riscos para a saúde da mãe e do recém-nascido*. Dissertação (Mestrado em Pediatria), Recife: UFPE; PAULA, Dirce B. (1999) - *O olhar e a escuta psicológica desvendando possibilidades: o vínculo saudável entre a adolescente mãe e seu filho*. São Paulo: 1999. Tese (Doutoramento em Psicologia Social) - PUC/SP; ARILHA-SILVA, Margareth. (1999) *Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução* (dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica/PUC, São Paulo, 117p.); CALAZANS, Gabriela J. (2000) - *O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência: uma produção ideológica?* (mestrado em Psicologia Social apresentada à Pontifícia Universidade Católica/PUC, São Paulo, 325p.).
- 19- Ver MADEIRA, Felícia e RODRIGUES, Eliana M. (2000) - *Adolescentes brasileiros: quantos são, onde e como estão*. Revista Perspectivas em Saúde e Direitos Reprodutivos. MacArthur Foundation. São Paulo: StilGraf; MADEIRA, Felícia (1998) – *Recado dos jovens: mais qualificação*. In : *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.
- 20- Fonte: BEMFAM. Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde - 1996. Relatório. 1997.
- 21- BERQUÓ, Elza. *Breve consideração sobre gravidez na adolescência*. Simpósio Internacional Gravidez na adolescência: Parlamentares e especialistas construindo propostas de ação. Organização: Ministério da Saúde; Bancada Feminina do Congresso Nacional; Organização Pan-americana da Saúde. Brasília, 10 a 13 de agosto de 1999.
- 22- Los varones y el sida: Un enfoque basado en consideraciones de género. *Campaña mundial contra el SIDA*, 2000. Unaid, 2000. Para uma versão completa do texto, visitar o site: [www.unaids.org](http://www.unaids.org).
- 23- Texto adaptado da Cartilha Gravidez saudável e parto seguro são direitos da mulher, produzido pela Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos (E-mail: [redesaude@uol.com.br](mailto:redesaude@uol.com.br))
- 24- Ver: ELSTER, Arthur B. *Adolescent fathers from a clinical perspective*. In: LAMB, Michael E. (Ed.) (1992) - *The father's role: applied perspectives*. New York: John Wiley, 1986, p. 325-36; ROSENHEIM, Margaret K. e TESTA, Mark F. (eds.) (1992) - *Early parenthood and coming of age in the 1990s*. New Brunswick, NJ, US: Rutgers University Press; STERN, Cláudio y GARCÍA, Elizabeth (1996) - *Hacia un nuevo enfoque en el campo del embarazo adolescente*. Seminario internacional sobre avances en salud reproductiva y sexualidad. México, 18 a 21 de novembro de 1996, mimeo; MORAES, Maristela (1999) – *Entre a margem e a responsabilidade: a experiência da paternidade para jovens usuários de drogas em um núcleo de atendimento psicossocial*. Recife- UFPE, mimeo; BARKER, Gary (2000)- *Working with adolescent boys: a review of international literature and a survey of programs working with adolescent boys in health and health promotion*. Geneva: WHO.
- 25- Ver: LAWSON, Annette e RHODE, Deborah L. (1993) *The politics of pregnancy: adolescent sexuality and public policy*. New Haven: Yale university press, p. 216-37; ARILHA-SILVA, Margareth (1999) - *Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC/SP, 117p.
- 26- Por exemplo, em uma pesquisa desenvolvida em Recife/PE, em 1997, a pediatra Maria da Graça Cabral estudou as conseqüências da gravidez na adolescência para a saúde da mãe e do recém-nascido. Essa pesquisadora realizou um estudo com 475 mães com menos de 19 anos e 468 mães entre 20 e 29 anos. Maria da Graça comparou os dois grupos de mães de acordo com o peso do bebê ao nascer, a frequência de infecções neonatais, se o bebê nasceu prematuro, frequência de casos graves e abortamento. Ela conclui que a idade da mãe não pode, isoladamente, ser considerada como causa de conseqüências indesejáveis da gravidez entre adolescentes. Em geral, condições inadequadas de acompanhamento pré-natal, durante e logo após o parto podem gerar dificuldades generalizadas e obstáculos à saúde da mãe e do bebê.

# MÓDULO 2



**Como**

O que o educador pode fazer



## ▼ OBJETIVO

Neste módulo, apresentamos algumas sugestões de técnicas preparadas e testadas em campo, a serem desenvolvidas com homens jovens, em grupos de tamanhos e graus de intimidade distintos. É destinado aos/as profissionais que pretendem dialogar com grupos de homens jovens sobre o tema paternidade e cuidado. Pode ser uma ferramenta bastante útil para aquelas/es que trabalham com grupos de jovens pais, em escolas, unidades de saúde, ONG etc. Profissionais que, muitas vezes, não encontram, no material socioeducativo disponível, estratégias de fácil manejo para trabalhar com essa população. Certamente esse mesmo material pode ser empregado em grupos mistos ou apenas composto por mulheres.

Em linhas gerais, essas técnicas visam desconstruir a noção de que homem não cuida, buscando, antes de tudo, promover uma reflexão sobre como os homens percebem o cuidado em suas vidas e qual o lugar dessa dimensão em seu cotidiano e em seus projetos de vida. Estas atividades, na medida do possível, levaram em consideração pesquisas sobre gênero e cuidado, bem como as experiências empíricas e as reflexões apresentadas no Módulo 1.

As técnicas não possuem uma sequência única. O/a educador/a pode adaptar as atividades às suas necessidades. Contudo, para permitir uma melhor compreensão da proposta, iniciamos com uma exploração mais ampla sobre o que é cuidar. A partir de então, abordamos as diferentes formas de cuidar em nosso cotidiano, focalizando as atribuições de sexo/gênero.

A partir desses exercícios, será possível aprofundar a discussão sobre temas como: paternidade na adolescência, socialização dos homens, gênero e funções parentais, autocuidado, cuidado infantil, trabalho doméstico diário, homoerotismo e homofobia entre outros.

Cabe frisar que algumas técnicas possuem alto poder de mobilização, portanto é importante estar atento para possíveis processos de identificação dos jovens com as questões levantadas, fazendo emergir conteúdos psicoterapêuticos de difícil manejo. NENHUM participante deve ser forçado a falar sobre sua vida pessoal. Os temas levantados nestas técnicas podem ser perfeitamente trabalhados num nível bom de abstração.

É possível definir procedimentos alternativos para os casos em que as pessoas não têm facilidade de ler ou escrever. Nesses casos, pode-se oferecer ajuda ou simplesmente adaptar a técnica para esse público.

Na medida do possível, é importante que as discussões e atividades sejam aplicadas numa sala suficientemente ampla para acomodar todos os participantes em pequenos grupos e/ou em círculo.

Gostaríamos de enfatizar que, embora a participação em atividades de reflexão em grupo seja de extrema importância, não é necessariamente suficiente para mudar o comportamento dos jovens. Percebemos, na prática, que estas atividades contribuem para facilitar mudanças de atitudes dos jovens a médio prazo. Assim sendo, recomendamos o uso destas atividades como parte integrante de um programa mais amplo e integrado de gênero, envolvendo também temas abordados nos outros cadernos desta série.



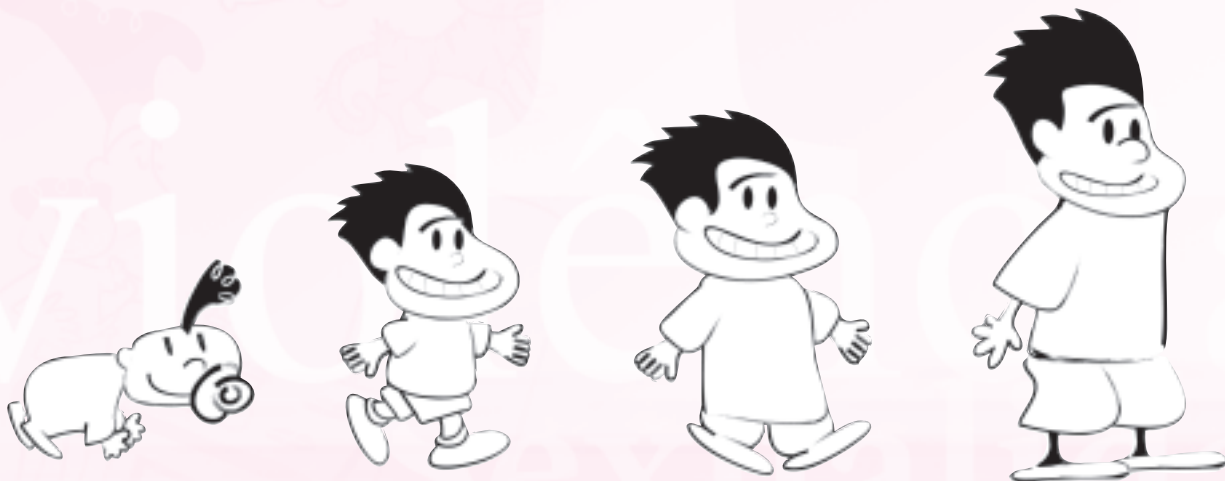
## Vivendo e aprendendo...

É importante frisar que a atividade em grupo é uma experiência de aprendizagem em si. Ou seja, os recursos que apresentamos neste caderno não são atividades que buscam uma aproximação com a realidade dos jovens a partir de exercícios lúdicos. As emoções, desejos, dúvidas, tensões e conflitos que jovens estão experienciando

durante o exercício são verdadeiros. O caráter lúdico das atividades também deve ser considerado realidade.

Além disso, considerando que a vivência é uma excelente forma de aprender, recomendamos também que os próprios profissionais busquem experimentar as técnicas antes de aplicá-las com seus grupos de jovens.

# projeto



Esta técnica auxilia o educador a explorar o tema cuidado a partir das próprias idéias, opiniões e questionamentos dos próprios jovens.

# TÉCNICA 1

## O que Vem à Sua Cabeça? Os Sentidos de Cuidar

**Objetivos:** explorar como os jovens definem cuidado e como eles operam com essa noção em seu cotidiano.

**Material:** canetas; folhas de papel em branco; tiras de papel; quadro negro (cartolina ou "flip chart")

**Tempo recomendado:** 1 hora

**Dicas:** no caso de pessoas que tenham dificuldade em ler e escrever, o educador pode solicitar que eles simplesmente falem, sem recorrer ao uso de papel ou quadro negro. Contudo é importante manter a seqüência: primeiro, as associações livres, depois as narrativas.

### Procedimento

- 1- Distribua uma folha de papel e uma caneta para cada integrante. Peça que cada um escreva em sua folha a palavra **CUIDADO**.
- 2- Peça então que eles escrevam todas as palavras e frases que vêm à sua cabeça quando ouvem a palavra **CUIDADO**.
- 3- Após uns 5 minutos, peça que cada um leia sua folha e construa uma lista de todas as palavras e frases que surgiram, de modo a identificar as associações mais freqüentes.
- 4- Num segundo momento, distribua três tiras de papel para cada integrante e disponha o restante no centro do círculo formado pelos participantes. Peça que eles pensem em suas vidas, desde quando eram crianças e procurem lembrar-se de situações em que presenciaram uma cena de cuidado.
- 5- Após 20 minutos, peça que um dos integrantes (voluntário) leia sua história. Pergunte se existem outras histórias semelhantes e abra para discussão.

### Perguntas para discussão

- ✎ É possível definir cuidado, a partir de uma única idéia?
- ✎ É bom ser cuidado? Por quê?
- ✎ É bom cuidar? Por quê?

### FECHAMENTO

Ao final, comente que, como podemos observar a partir da variedade de palavras que o grupo produziu, fica claro que não existe uma definição única, nem a mais correta, mas que, como muitas outras, cuidado é uma palavra com múltiplos sentidos.

Esta técnica promove uma experiência prática de cuidado.

# TÉCNICA 2

## Cuidando do Ninho: A Experiência de Cuidar<sup>1</sup>

**Objetivos:** trabalhar com o grupo a experiência de cuidar, explorando conflitos, dúvidas e inquietações surgidos a partir de um exercício prático.

**Material:** bexigas com água dentro; canetas hidrográficas









**Tempo recomendado:** 30 minutos em sala; 5 a 7 dias no cotidiano

**Dicas:** caso o grupo não tenha um segundo momento de trabalho, a bexiga pode ser entregue no começo de uma sessão e, ao final, discute-se a experiência. A bexiga pode ser substituída por um objeto ou planta.

### Procedimento

- 1- Entregue uma bexiga para cada participante.
- 2- Diga aos participantes que eles agora são pais e que a bexiga é seu filho.
- 3- Peça que eles desenhem a cara do filho que eles imaginam, usando a caneta hidrográfica. Devem desenhar: olhos, boca, nariz, cabelo etc.
- 4- Estimule os participantes a dar vida ao “seu filho”, dando nome, apelido etc.
- 5- Construa com o grupo o compromisso de cuidar de seu bebê-bexiga, levando-o para casa e nunca o deixando desamparado. Sempre levando a bexiga consigo, para onde quer que for.
- 6- Combine com o grupo um dia para trazer o bebê-bexiga de volta.
- 7- Discutir com o grupo os depoimentos e histórias que aconteceram durante o período.

### Perguntas para discussão

-  Como o bebê-bexiga interferiu em seu dia-a-dia?
-  Que sentimentos surgiram?
-  Que dificuldades você enfrentou?
-  O que você mais gostou?
-  Pediu ajuda a alguém?
-  Quando não podia estar com ele, o que fazia?
-  E se fosse uma criança, como seria?
-  E se fosse uma pessoa doente, como seria?

### FECHAMENTO

Destacar para os participantes que o ato de cuidar pode ser muito prazeroso e gerar muitos ganhos para quem executa, além das dificuldades e responsabilidades. Isso se aplica não apenas ao cuidado infantil, mas ao cuidado das pessoas em geral.

<sup>1</sup> Técnica inspirada em “Cuidando do ninho”, um recurso que faz parte do Manual do Multiplicador, produzido pelo Ministério da Saúde – Brasília – Brasil, 1997, p. 48.



Os homens são vistos, em geral, como aqueles que não cuidam ou não sabem cuidar, embora muitas vezes desenvolvam práticas de cuidado que não são percebidas como tal. É importante dar visibilidade a essas práticas, construindo a idéia de que os homens também cuidam ou podem cuidar.

## TÉCNICA 3

### Objetos, Plantas, Animais e Pessoas

**Objetivos:** sensibilizar os homens jovens para as diversas formas de cuidado presentes em nosso cotidiano.

**Material:** 4 sacos plásticos

**Tempo recomendado:** 1 hora

**Dicas:** os sacos podem ser substituídos por caixas, envelopes ou qualquer outra embalagem disponível. O exercício de aquecimento: o grupo pode ser estimulado a construir embalagens, através de colagens.

### Procedimento

- 1- Divida os participantes em quatro grupos.
- 2- Dê um saco para cada grupo e diga que é um presente de Papai Noel.
- 3- Estimule os grupos a imaginar que dentro do saco tem:
  - Grupo 1 – uma bicicleta
  - Grupo 2 – um cachorro
  - Grupo 3 – uma planta
  - Grupo 4 – uma pessoa.
- 4- Peça que os grupos abram os respectivos sacos e retirem com cuidado o que receberam.
- 5- Estimule os participantes a “dar vida” aqui-

lo que receberam, através de perguntas como: qual o tamanho dessa bicicleta, qual a cor? Quantos anos têm essa pessoa? Qual o nome dela? Qual a raça desse cachorro? É macho ou fêmea? Qual o tamanho dessa planta? Ela tem flores e frutos?

6- Em seguida, diga ao grupo que esse objeto/animal/planta/pessoa está com algum problema: a bicicleta quebrou, a planta está morrendo, a pessoa está doente e o cachorro não quer comer.

7- Peça que o grupo imagine como reagiriam. Estimule que eles façam uma encenação do que fariam.

8- Após a encenação, peça que todos formem um grande grupo e abra para discussão.



## Perguntas para discussão

- ✎ Existem diferenças no cuidado que se tem com a planta, a pessoa, a bicicleta e o cachorro? Quais? Por quê?
- ✎ É mais fácil cuidar de que? Por quê?
- ✎ É mais difícil cuidar de que? Por quê?
- ✎ O que é mais agradável de se cuidar?
- ✎ O que é mais desagradável de se cuidar?
- ✎ O que acontece se você não cuida da bicicleta, da pessoa, do cachorro ou da planta?
- ✎ Nasce-se sabendo cuidar ou aprende-se depois?
- ✎ Homens e mulheres cuidam do mesmo jeito? De que? Por quê?



## LINK

Para discutir a temática abordada nesta técnica, é possível realizar uma adaptação da técnica “Coisas e pessoas” – Ver caderno “Sexualidade e saúde reprodutiva”.

## FECHAMENTO

Encerrar a atividade, dizendo que existem várias formas das pessoas se relacionarem com o mundo à sua volta. Algumas são identificadas como relações de cuidado, particularmente aquelas que estabelecemos com outras pessoas “que necessitam de ajuda”. Porém, existem outras formas de cuidar que muitas vezes desempenhamos e que não percebemos como “atos de cuidar”. Lembrar que os homens e mulheres podem desempenhar qualquer uma dessas formas de cuidar, principalmente aquelas que envolvem outras pessoas.

Em nossa sociedade, o cuidado é visto como “coisa de mulher”. É importante entender como os homens jovens percebem a relação entre cuidado e as atribuições de sexo/gênero.

## TÉCNICA 4

### Os Homens, as Mulheres, o Cuidar

**Objetivos:** promover uma reflexão sobre as diferenças de gênero no contexto das relações de cuidado.

**Material:** duas caixas vazias (de sapato, por exemplo); Desenhos ou fotos de pessoas; objetos; animais ou plantas

**Tempo recomendado:** 1,5 hora

**Dicas:** as figuras podem ser recortadas de jornais ou revistas pelo próprio grupo, no momento do aquecimento.

É interessante incluir imagens de bebês, pessoas idosas, pequenos animais, brinquedos quebrados, equipamentos eletrônicos etc.

Reserve um espaço para as figuras que eles não colocam nem em uma caixa, nem em outra.

Questionar se algumas das figuras poderiam ser trocadas e, se houver sugestão, trocar as que forem sugeridas e explorar a troca.

Para trabalhar com grupos escolarizados as figuras podem ser substituídas por palavras, mas o uso de imagens, mesmo nesses grupos, torna o recurso mais rico.

### Procedimento

1- Apresente as duas caixas aos participantes, dizendo que uma daquelas caixas será dada a um homem e a outra a uma mulher.

2- Peça aos participantes que coloquem na caixa que será dada à mulher as figuras que eles acham que ela teria mais condições de cuidar.

3- Na outra caixa, será colocado aquilo que o homem tem mais condições de cuidar.

4- Depois que eles tiverem realizado a tarefa, retire as figuras da caixa, uma a uma, apresentando-as ao grupo.

5- Busque explorar como eles agruparam essas figuras (p. ex.: pessoas, objetos quebrados, equipamentos complexos etc.).

6- Abra para a discussão, explorando por que:

a) *alguns tipos de imagem só ficaram na caixa do homem;*

b) *alguns tipos de imagem só ficaram na caixa da mulher;*

c) *alguns tipos de imagem aparecem nas duas caixas.*





## Perguntas para discussão

- ✎ Quem sabe cuidar melhor, o homem ou a mulher? De quê? Por quê?
- ✎ Homens e mulheres podem aprender a cuidar ou é algo que faz parte da natureza?
- ✎ Nenhum homem cuidaria bem das figuras que estão na caixa da mulher?
- ✎ Nenhuma mulher cuidaria bem das figuras que estão na caixa do homem?
- ✎ O que vocês acham da frase: “mulheres cuidam dos filhos, homens ajudam”?
- ✎ O que vocês acham da frase: “os homens trabalham, as mulheres cuidam da casa”?
- ✎ Os homens cuidam mais de si? Por quê?
- ✎ As mulheres cuidam mais de si? Por quê?
- ✎ Quem cuida mais as pessoas em geral, os homens ou as mulheres?

## FECHAMENTO

O facilitador aponta que é comum que se atribua às mulheres o cuidado de pessoas, animais e plantas, assim como o trabalho doméstico diário. Por outro lado, ao homem se atribui o cuidado com objetos como carro, eletricidade da casa, pinturas de paredes, concerto de telhados etc., variando alguns elementos de cultura para cultura. É importante ressaltar que tais construções são adquiridas histórica e culturalmente e perpetuadas na criação das novas gerações. É preciso estar atento a isso e evitar possíveis consequências negativas dessas convenções.

Oportunidade para os homens jovens refletirem sobre a importância do autocuidado, evidenciando que reproduzir o modelo machista pode gerar consequências indesejáveis.

## ● TÉCNICA 5

### Cuidando de Si: Homens, Gênero e Saúde<sup>2</sup>

**Objetivos:** promover uma reflexão sobre atitudes dos homens em relação à sua saúde, estimulando medidas preventivas.

**Material:** cartelas de loteria (ver Folha de Apoio), lápis, hidrocor ou caneta.

**Tempo recomendado:** 1,5 hora

**Dicas:** a cartolina pode ser substituída por um quadro negro ou “flip chart”. Caso não haja nenhum material desses, basta ler em voz alta as perguntas e respostas.

Para grupo com dificuldade de leitura, a cartela também pode ser substituída pela leitura em voz alta.









### Procedimento

- 1- Divida os participantes em grupos menores.
- 2- Diga aos participantes que irão participar de uma loteria e que quem acertar mais irá ganhar um prêmio.
- 3- Entregue uma cartela da “loteria da vida” para cada grupo.
- 4- Apresente a cartela aos participantes, informando que nela existem três colunas: Homem, Mulher e Ambos. O grupo deverá responder às perguntas da cartela, marcando com um X a resposta que achar correta.

- 5- Dê 20 minutos para que o grupo discuta e marque as respostas.
- 6- Em seguida, recolha as cartelas.
- 7- Reproduza a cartela numa cartolina maior e leia cada questão, pergunte as respostas dos grupos e marque com um X a resposta correta (todas na coluna Homens!).
- 8- Explore as respostas dos grupos, solicitando justificativas para as respostas, particularmente quando marcaram Mulher ou Ambos.
- 9- Ao final, esclareça que para todas as categorias, realmente os homens são maioria. Abra para a discussão: Vocês sabiam dessas informações? Por que vocês acham que isso acontece? Como é possível evitar?

<sup>2</sup> Inspirado em técnica do Manual *Fatherhood Development: a curriculum for Young fathers*, produzido por Pamela Wilson & Jeffery Johnson – Public Privates Ventures, 1995.

## Perguntas para discussão

-  Se os homens se cuidassem mais, será que essa realidade seria assim?
-  A vida dos homens é muito estressante? Por quê?
-  A vida das mulheres é muito estressante? Por quê?
-  Quando você fica doente, o que você faz?
-  Você costuma procurar ajuda logo que se sente doente ou espera um pouco?
-  Você costuma ir ao médico com frequência?
-  Um homem pode ser vaidoso? Em que medida?
-  Quem é mais vaidoso, o homem ou a mulher? Por quê?

### FECHAMENTO

Encerre o grupo, lembrando que a maioria das causas de morte dos homens está associada ao estilo de vida autodestrutivo que muitos reproduzem e que o cuidado com saúde, através de medidas preventivas, é um dos principais caminhos para mudar esse quadro.

# projeto



### LINK

Para maiores informações sobre índice de mortalidade masculina por causas externas, particularmente relacionadas à violência, consultar caderno sobre Violência.





# Violência





## FOLHA DE APOIO

### LOTERIA DA VIDA

	 HOMEM	 MULHER	 AMBOS
1- Quem vive menos?			
2- Quem morre mais por assassinato?			
3- Quem morre mais nos acidentes de trânsito?			
4- Quem morre mais por suicídio?			
5- Quem mata mais?			
6- Quem rouba mais?			
7- Quem bebe mais bebida alcoólica?			
8- Quem morre mais por overdose (excesso de uso de droga)?			
9- Entre as crianças, quem morre mais?			
10- Entre os jovens quem morre mais?			
11- Entre os idosos quem morre mais?			
12- Quem morre mais por acidentes de trabalho?			
13- Quem está mais infectado pelo HIV/Aids?			

Esta técnica busca mostrar que os homens também falam sobre afeto, cuidado infantil e educação, porém muitas vezes apenas percebemos os pais na posição de provedor financeiro, e temos resistência a perceber essas outras dimensões como também integrantes da posição de pai.

# TÉCNICA 6

## Fala de Pai, Fala de Mãe: Homem Também Cuida!

**Objetivos:** discutir os modelos de paternidade e maternidade existentes em nossa cultura, problematizando a rigidez de papéis e lugares disponíveis.

**Material:** tiras de papel com depoimentos (ver Folha de Apoio)

**Tempo recomendado:** 1 hora e 30 minutos







**Dicas:** em grupos não-escolarizados, o educador pode ler os depoimentos, em voz alta, e prosseguir do mesmo modo indicado no procedimento.

Esta técnica pode ser aplicada com grupos grandes, inclusive auditórios, lendo-se os cartões um a um, para os participantes, e comparando as respostas opostas. Pode-se colocar em um quadro o número de respostas para cada cartão para serem visualizadas melhor.

### Procedimento

- 1- Divida os participantes em pequenos grupos.
- 2- Entregue um conjunto de depoimentos para cada grupo.
- 3- O grupo deve criar dois montes: um para depoimentos do pai e outro para depoimentos da mãe.
- 4- Após a discussão entre os pequenos grupos, retorne ao grande grupo, para debater cada depoimento, um a um, buscando identificar os critérios utilizados pelos pequenos grupos para a classificação.
- 5- Abra um debate inicial com o grupo maior, através de perguntas como: Todos concordam? Por quê?
- 6- Em seguida, revele para os grupos que os depoimentos são verídicos e foram dados por um jovem pai. Abra para a discussão.

### Perguntas para discussão

-  Por que vocês acharam que estas falas eram de pais e de mães (ou de uma mãe)?
-  Qual foi a fala que mais parecia ter sido pronunciada por uma mãe? Por quê?
-  Qual foi a fala que mais parecia ter sido pronunciada por um pai? Por quê?
-  Por que um pai não poderia ter dito isso?
-  Os pais que vocês conhecem não diriam isso? Por quê?
-  Você, como pai, faria afirmações semelhantes às desses pais? Por quê?

### FECHAMENTO

Ao final, destaque que, muitos pais falam sobre relações de afeto com seu filho, porém nossa cultura tende a criar barreiras para esse tipo de relação.



# Sexualidade

## FOLHA DE APOIO

### DEPOIMENTOS

1- A gente começou a namorar. A gente começou a se gostar. Começamos a transar... Eu achava que anticoncepcional dava problema de alergia. Aí eu tive medo. Aí a gente foi pelo método da tabelinha. Aí você já sabe, né?! Errou um dia, lascou! Depois eu fui num médico e perguntei para ele como é esse negócio de anticoncepcional. Ele me disse que não dava alergia. Aí eu pensei "Pôxa, que burrada a minha!". Porque a gente fica com medo de chegar para os pais e perguntar. É aquele medo deles ficarem pensando... Hum, sei não! Fica aquele negócio meio chato dentro de casa, aí a pessoa fica calada, só depois que a bomba vem que tem que falar mesmo.

2- É muito bom, é gostoso demais, a primeira vez que eu fui ao médico me lembro como se fosse hoje. Aí o médico falou sobre um monte de coisa. Na segunda vez, foi melhor e na terceira ele botou o líquido na barriga e escutou. Quase que eu choro. É muito bom! Ele tirou uma ultra-sonografia. Da primeira vez, não mostrou o sexo da menina. Ela estava abaixada, agachadinha. Não deu para ver. Aí, na segunda vez, o ultra-som mostrou o pé dela. Perguntamos logo "É menina ou menino?" O médico respondeu "Pode comprar um par de brincos". Aí pronto... eu comecei a chorar! Foi muita felicidade saber que ela ia nascer.

3- Eu acho que minha filha não vai ter esses problemas de educação sexual não. Para vida eu acho que minha mãe não me preparou não. Faltou um pai nessa história. Meus irmãos me davam uns toques, mas o que eu aprendi mesmo foi na rua, e minha irmã teve grande influência na minha educação. Mas, faltou meu pai. Faltou meu pai. Meu pai fez grande falta. Minha mãe... acho que essa geração não conversava muito não, pelo menos comigo aconteceu assim, parece que tinha uma

barreira, coisa que não tem nada a ver. Coisa que não vai acontecer entre eu e minha filha, e meus outros filhos que vão vir. Eu vou passar pra minha filha que faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. É o que eu vou passar para ela. O que eu posso passar para minha filha? Passar o de melhor para ela. Quero educar...

4- Hoje eu tenho mais liberdade. Porque na casa de seus pais você não tem liberdade. Tem que chegar tal hora porque a mãe fica preocupada. Agora que eu tô fora de casa, eu posso chegar a hora que eu quero, não tenho que ficar dando satisfação... porque uma coisa é você dar satisfação a pessoa com quem você vive, a outra coisa é você dar satisfação para seu pai ou sua mãe.

5- Mãe é aquela que bota no peito, tem mais contato com a criança, o cordão umbilical não partiu.

6- Não, nunca pensamos em tirar o filho, porque fazia parte dos planos da gente ter a criança. Só não tava na hora de vir, mas já que veio...

7- O chato dessa história é a responsabilidade de não deixar faltar nada em casa. Se faltar, a vida já começa a ficar chata. Chegar em casa e ver que tá faltando alguma coisa você já começa a ficar triste, tem que dar de tudo. A gente tem que dar todo sangue para ver se um dia consegue alguma coisa.

8- O lado bom da história? Ah, minha filha é tudo! Tudo de bom. Ela paga tudo. Paga as noites que eu passo sem dormir, paga o não sair mais. Mas também é fase, ela tá muito pequena ainda, né?! As saídas, as viagens vão voltar, quando ela tiver um pouco maior. Você tá morrendo de sono, ela olha prá tu, dá uma risadinha, pagou, sabe. É uma barra, mas é bem pago! É um pedacinho de mim. Querendo ou não já mudou muita coisa. Vai demorar um pouquinho para vir outro, mas com certeza mudou muito minha vida e foi muito bom.





9- O ruim é que eu perdi muito da mordomia que eu tinha. De chegar para o meu pai e dizer "pai, me dá o carro que eu vou ali." Ia para shows. Esse negócio de showzinho para mim acabou. Me chamam ainda para ir. Mas, eu não vou não. O negócio é guardar dinheiro em poupança para ver se tem alguma coisa, né!

10- Onde ela estiver, ela fica rindo para mim e me procurando. Tudo que eu faço com ela. As noites que eu passo sem dormir, o tempo que eu tô com ela eu procuro ficar o máximo de tempo com ela, o máximo possível.

11- Para mim, a filha é mais importante que qualquer coisa, do que show, barzinho, mais do que tudo. Porque tem tanta gente que não tem filha, não tem filho, que vive em barzinho. Eu mesmo prefiro uma filha, um filho, um menino novinho do que ir para esse negócio. Eu prefiro estar ali dando amor recebendo carinho, tudo mais, do que você tá focando, bebendo, se desgastando.

12- Quando eu recebi a notícia foi um choque. Ah! foi um choque, fiquei pensando, fi-

quei meses em paranóia, sem saber o rumo que ia tomar minha vida... Uma nova família, não podia me garantir nem comigo, como é que eu ia me garantir com mais uma pessoa e um filho.

13- Quando nossas famílias souberam foi uma bomba. Foi uma bomba, porque minha mãe não tava aqui, minha mãe tava viajando. Não, minha mãe tava aqui, mas ela ia viajar. Ela não estaria aqui para segurar minha onda, para me dar conselho. Só dependia de mim mesmo e da outra família, que no começo bronqueou e ainda hoje quer botar o dedo onde não deve. Mas eu acho que todo casal, todo casal adolescente passa por isso.

14- Eu acho que tem muita gente indo para a faculdade e, no final, não dá em nada. Acaba não conseguindo aquilo que tanto deseja. Acaba não tendo dinheiro nem sequer para sustentar a família. Eu quero mesmo é investir num negócio. Acho que vou ser comerciante, ou então fazer Administração para administrar o comércio. É isso que eu estou pensando para mim.

### "Vozes reais"

Estes depoimentos são verídicos e foram extraídos de entrevista com dois pais jovens, realizada por Jorge Lyra, em 1994.

Através de casos especiais extraídos do mundo animal, este exercício lúdico permite desconstruir a idéia de que as mulheres têm um instinto materno, ou seja, que são cuidadoras, por natureza, e que os homens, conseqüentemente, não foram feitos para cuidar de crianças.

## TÉCNICA 7

### Pai Animal: A Natureza Versus a Cultura do Cuidado Infantil

**Objetivos:** promover uma ruptura na divisão tradicional entre atividades maternas e paternas, desconstruindo a naturalização do cuidado infantil como atribuição essencialmente feminina.

**Material:** fichas – Pais animais (ver Folha de Apoio I);  
fichas – Pais pelo mundo (ver Folha de Apoio II)

**Tempo recomendado:** 1 hora

**Dicas:** em grupos onde a maioria dos jovens é pai, o

educador pode explorar cenas de cuidado infantil vivenciadas por estes. Pode-se solicitar ao grupo que cada um se classifique como um “pai-leão”, “pai-avestruz” ou “pai-cavalo-marinho”, misturas entre eles ou outros animais que conheça. A partir das respostas, explorar as justificações e o desejo de qualquer mudança.

Caso o grupo seja pequeno, não é necessário dividir em subgrupos.

Caso o grupo seja grande, pode-se ampliar o número de subgrupos e o número de animais.

### Procedimento

- 1- Divida os participantes em três grupos.
- 2- Peça que cada grupo indique um representante, ao qual será dado, secretamente, o nome de um animal (o pingüim, o avestruz ou cavalo-marinho) e uma ficha com informações sobre o modo como esses animais cuidam dos seus filhotes (ver Folha de Apoio I).
- 3- Em seguida, peça que os representantes, um de cada vez, imitem o respectivo animal e estimule o grupo a adivinhar que animais são esses.
- 4- Posteriormente, o grupo deve descrever como esses animais cuidam dos seus filhotes: O que faz o pai? O que faz a fêmea?
- 5- Após apresentar as informações corretas, estimule uma discussão sobre esses pais animais, *solicitando que os participantes enumerem situações de sua vida (experiências suas ou de pessoas que conhecem) semelhantes (ou diferentes) daquelas encontradas em relação a esses animais.*

### Perguntas para discussão

- Qual o animal que mais chamou a atenção?
- animal escolhe cuidar ou já nasce predestinado a cuidar?
- Pai é apenas aquele que gera? Pode ser também aquele que cuida?
- Há diferenças entre o pai-animal e o pai-homem?
- Homens sabem cuidar de crianças?
- Mulheres sabem cuidar de crianças?
- Por que, às vezes, os homens não se sentem capacitados a cuidar de crianças?

## **FECHAMENTO**

O educador enfatiza que o cuidado infantil e a paternidade não estão ligados exclusivamente a características biológicas, mas dependem de construções socioafetivas e de processos de aprendizagem. Para encerrar pode fazer uso da folha de apoio II.

## FOLHA DE APOIO I

### PAIS ANIMAIS

Constam abaixo informações sobre alguns animais que cuidam diretamente dos filhotes: **Pingüim** – o macho é quem alimenta e aquece seus filhotes, enquanto a mãe cuida de conseguir alimento para a família. Na sociedade dos pingüins, o filhote que perde seu pai é logo adotado por outro.

**Cavalo-marinho** – o macho é responsável pela gestação dos óvulos, fecundados fora da fêmea. Nesse caso, quem carrega o bebê na barriga é o pai.

**Avestruz** – o macho divide a tarefa de chocar os ovos com a fêmea, quando esta sai em busca de alimento.

## FOLHA DE APOIO II

### PAIS PELO MUNDO

Em várias culturas os homens comportam-se de diversas formas em relação aos seus filhos. Você pode apresentar algumas delas para o grupo:

#### Nas comunidades Hopis do Arizona...

Os maridos entram em “resguardo” logo que a mulher engravida.

#### No Tibet...

Vários irmãos compartilham uma mesma mulher. O homem torna-se pai por meio de uma cerimônia especial e mantém-se como tal até que outro irmão assuma o direito de paternidade.

#### Na Índia...

Em localidades onde as mulheres podem ter mais de um companheiro, o esposo e os amantes de uma mesma mulher dividem o papel de pai entre si, ou então apenas entre aqueles que pagam as despesas do nascimento.

#### No Togo...

Alguns homens que não podem ter filhos criam, educam e amam a criança gerada a partir da relação sexual de sua mulher com outro homem. Além disso, consideram que o outro homem é que foi roubado.

#### Em Manhattan...

Antes da chegada dos espanhóis, para os homens do povo Kraokes cabia à criança escolher o adulto do sexo masculino que viria a ser seu pai. O adulto escolhido considerava o ato como uma honra, mas também não poderia recusar o convite.

#### No “mundo moderno”...

Alguns homens, de diversos países, têm como filhos crianças geradas por sua esposa a partir de inseminação artificial de sêmen de outros homens.



Esta técnica permite abrir um diálogo com os homens jovens sobre como eles percebem a gravidez e a paternidade na adolescência.

## TÉCNICA 8

### Mural Egípcio: A Gravidez na Adolescência<sup>3</sup>

**Objetivos:** Dialogar sobre as implicações de uma gravidez para a vida de um jovem e de uma jovem.

**Material:** Nenhum

**Tempo recomendado:** Uma hora

**Dicas:** O grupo deve estar, preferencialmente, em uma sala, e os participantes inicialmente dispostos em círculo. Evite dar as instruções de uma só vez. Dar informações ao poucos garante melhor compreensão e evita dispersão do grupo. Caso já apareça na história de vida dos personagens

a gravidez/paternidade, o facilitador deve explorar essa narrativa, sem recorrer ao tópico 5 do procedimento. Às vezes, as histórias são contadas sem problemas, sem conflitos, nem tensões, como “contos de fada”. Para quebrar essa linearidade e harmonia, pode-se incluir perguntas provocativas ou pedir a um voluntário para ler a história a partir do fim do mural até o começo. Outra história aparecerá, tendo o facilitador mais opções para escolher como trabalhar a temática. Para maiores informações sobre o número de gravidezes na adolescência em diferentes países do mundo, recomendamos a leitura do módulo I deste manual, que inclui também uma leitura contextualizada desses dados.

## Procedimento

- 1- Divida os participantes em grupos A e B.
- 2- O grupo A representará a vida de Eduardo.
- 3- O grupo B representará a vida de Mônica.
- 4- Solicite que cada grupo crie uma história sobre a trajetória de vida de cada personagem, do nascimento até os 30 anos, seguindo a seguinte instrução:

- a) cada grupo escolhe uma parede da sala;
- b) cada história deverá ser montada como um mural egípcio, com o grupo estático, encostado na parede, em silêncio total;
- c) um participante do Grupo A faz uma pose que ilustre uma fase qualquer do início da vida de Mônica, encostando pelo menos uma das partes do corpo na parede, como uma estátua;
- d) em seguida, outro membro do mesmo grupo coloca-se ao lado direito do primeiro participante, ilustrando um momento seguinte da vida da personagem. O participante deve manter no mínimo uma parte do corpo (mão, pé, barriga, costas etc.) em

contato com a parede e outra em contato com o participante anterior;

e) um a um, todos os membros do Grupo A encostam-se na parede até Mônica completar 30 anos;

f) ao final, um dos membros que ficou fora do mural, narra a história para os outros participantes, interpretando as “estátuas” e contando a história da personagem;

g) o grupo B procede da mesma forma em relação a Eduardo.










5- Depois que os dois grupos tiverem apresentado suas histórias, desfaça os murais e intervenha perguntando sobre como seria se Mônica ficasse grávida na adolescência. O Grupo A deve remontar o mural a partir da gravidez.

6- Em seguida, pergunte: como seria se Eduardo fosse pai na adolescência? O Grupo B deve remontar o mural a partir da paternidade.

7- Abra para a discussão.

<sup>3</sup> Inspirado em: Técnica Mural Egípcio, adaptada por Julie MacCarthy no âmbito do Projeto Artpad – Teatro e desenvolvimento.

## Perguntas para discussão

-  Que idade escolheriam para a gravidez de Mônica? Por que?
-  Que idade escolheriam para Eduardo ser pai? Por que?
-  Qual a idade do parceiro, quando ela engravidou?
-  Que estava fazendo Mônica quando engravidou? Algo mudou em sua vida? O que?
-  Que estava fazendo Eduardo quando se tornou pai? Algo mudou em sua vida? O que?
-  Que perspectivas de trabalho os dois tinham quando ela engravidou?
-  Que perspectivas de estudo os dois tinham quando ela engravidou?
-  Que tipo de apoio poderia ser dado a ele?
-  Que tipo de apoio poderia ser dado a ela?

### FECHAMENTO

Ao final, o facilitador deve alertar que os jovens tendem a achar que quando a gravidez acontece na adolescência, a vida se acaba. Embora a gravidez possa não ser vista como a melhor opção para a vida de qualquer adolescente, é importante deixar claro que, caso ela aconteça, a vida continua e que a procura de apoio é o melhor caminho.



### LINK

Essa mesma técnica pode ser empregada para trabalhar temas como: primeira relação sexual, uso indevido de drogas, violência etc.

Esta técnica explora o preconceito e, muitas vezes, a falta de apoio da sociedade em geral e da escola em particular em relação à gravidez, maternidade e paternidade na adolescência.

## TÉCNICA 9

### Júri Simulado: Paternidade na Escola

**Objetivos:** discutir sobre o papel da escola no apoio a adolescentes no contexto da gravidez.

**Materiais necessários:** nenhum

**Tempo recomendado:** 1,5 hora

**Dicas:** é importante que o facilitador leia a história utilizada no procedimento, antes da realização da atividade, para contá-la de modo mais “natural”, sem precisar ler na hora.

Atenção para o tempo de julgamento. Cuidado para não demorar muito, comprometendo o tempo da discussão.

Se o grupo for formado por pais adolescentes e jovens, é importante frisar que nem todas as escolas tratam os pais dessa forma, que se trata de uma situação isolada e que, caso isso aconteça com eles, existem meios jurídicos para se defender.

Se os pais são minoria num grupo de homens jovens, recomendamos que eles sejam colocados no grupo de defesa da diretora, para evitar possível identificação com a história em julgamento, podendo gerar certo mal-estar no grupo.

Em grupos que discutam a possível culpa dos adolescentes, o facilitador deve estar atento para trabalhar essa questão, desfazendo a equação gravidez na adolescência igual a irresponsabilidade e problema.

### Procedimento

1- Primeiro, solicite aos participantes que contem alguma história interessante sobre seu pai ou sobre algum pai que conheceram.

2- Após, as narrativas, diga que também quer contar uma história sobre um certo pai:

*Marcelo namora com Vilma há dois anos. Ela está grávida de 5 meses. Semana passada, foi esperá-lo na saída do Colégio. No dia seguinte, Marcelo foi chamado pela diretora para uma conversa. Ela perguntou se Marcelo conhecia a menina gestante que havia estado com ele no dia anterior. Ele disse que era sua namorada. Ela perguntou se o filho era dele. Ele disse que sim. Então, ela disse que ele não poderia continuar estudando ali. Ela disse que o aluno não poderia continuar lá, já que aquele comportamento não estava de acordo com os princípios e as normas filosóficas e carismáticas da escola. Marcelo foi expulso. (Obs.: Esse caso foi publicado no jornal Folha de Pernambuco, 1998, caderno Grande Recife, p. 03. Os nomes são fictícios.)*

3- Construa então uma cena de julgamento,

colocando-se como juiz e convidando alguém do grupo para interpretar a diretora da escola (ré em questão).

4- Divida a turma em dois grupos (A e B), solicitando que escolham um advogado para representar cada grupo:

a) o grupo A assumirá a acusação;

b) o grupo B assumirá a defesa.

5- Inicie o julgamento, estimulando os advogados de defesa a se apresentarem, fazendo uso de provas e testemunhas.









6- Ao final do debate, prescreva a pena ou declare a absolvição da diretora-ré.

7- Aquele que melhor argumentar receberá um brinde especial (sugestão: um conjunto de camisinhas, uma camiseta da instituição, um material socioeducativo, etc.).

8- Para finalizar, o facilitador diz aos participantes que se trata de uma história verdadeira. Em seguida, abre-se a discussão para o grupo, pedindo que os participantes expressem suas opiniões pessoais.



## Perguntas para discussão

-  Como se sentiu acusando (ou defendendo) a diretora? O que lhe parece mais fácil? Por que?
-  A diretora devia agir daquela maneira para evitar que outros adolescentes seguissem o mesmo exemplo?
-  Qual deve ser a posição da escola nessa situação?
-  Um pai ou mãe adolescente na escola podem ser considerados um mau exemplo?
-  Um adolescente que se torna pai precisa interromper os estudos e passar a trabalhar?
-  Expulsar o aluno da escola contribui para resolver a questão? Por que?
-  Como os pais dos adolescentes devem reagir numa situação como essa?
-  Que o adolescente pode fazer numa situação como essa?

## FECHAMENTO

O facilitador deve criticar o preconceito contra maternidade e paternidade adolescentes, ressaltando que não significa que a gravidez e o tornar-se mãe ou pai na adolescência sejam a melhor opção para todo e qualquer adolescente. O que é importante enfatizar é que, cada vez mais, faz-se necessário discutir e problematizar a quem serve e qual é o impacto de ações repressivas e excludentes face à vida reprodutiva e sexual dos(as) adolescentes.

## Algumas Experiências

Existem experiências recentes no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro e Fortaleza, de creche para os filhos de mães jovens, em área próxima à escola dessas jovens, seguindo modelo norte-americano.

## Pai Jovem Não é Réu

Esta técnica admite algumas adaptações. Contudo, desaconselhamos que o personagem jovem pai seja posto na condição de réu, primeiro por considerar que a condição de pai não é, de forma alguma, passível de julgamento legal e segundo porque, estando algum pai real presente no tribunal fictício, possivelmente gerará processos identificatórios de difícil manejo para o facilitador.

## Mãe Jovem

Em geral, as jovens são alvos mais fáceis do preconceito. Na maioria das vezes, em vários países, quando a menina engravida é expulsa das escolas.

Esta técnica aprofunda a discussão gerada na técnica 08 (Mural egípcio), promovendo uma reflexão sobre em que medida os homens jovens compartilham a responsabilidade no contexto de uma gravidez, abordando também a relação com a parceira.

## TÉCNICA 10

### Um Recado Para Você: Você Vai ser Pai!

**Objetivos:** explorar a decisão sobre o ato de assumir a paternidade: suas implicações afetivas e sociais.

**Materiais necessários:** Papel, caneta, tesoura e uma pequena caixa

**Tempo recomendado:** 1 hora

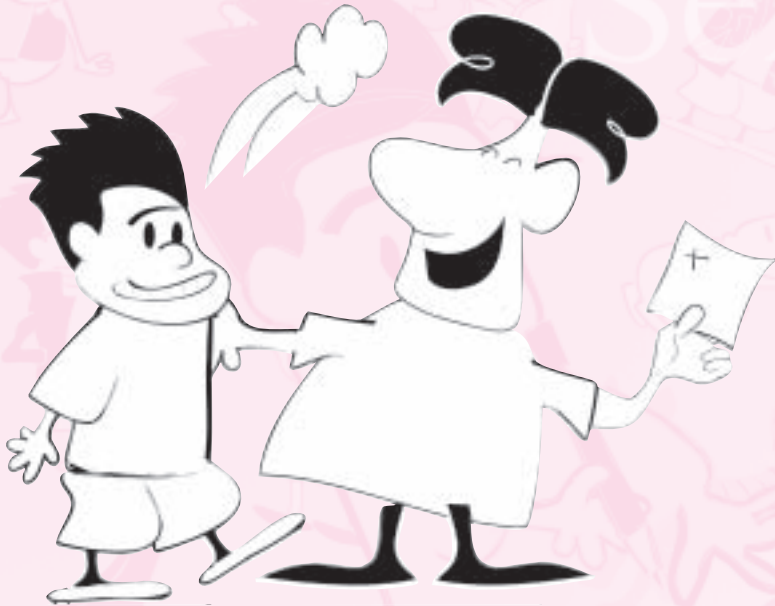
**Dicas:** é fundamental que o facilitador escreva as mensagens de próprio punho para dar mais “realismo” à atividade.

Considerando a possibilidade de particularidades socioculturais, os bilhetes podem ser adaptados, desde que mantenha-se o eixo de cada um deles: (1) pessoas com relacionamento duradouro, cuja gravidez acontece sem planejamento; (2) pessoas que se encontraram apenas uma noite, que possuem amigos em comum e cuja gravidez não era esperada; e (3) casal que deseja ter um filho e que recebe um resultado positivo do laboratório. Caso o grupo não seja escolarizado, o facilitador pode ler o bilhete, em voz alta, para cada grupo. Esta técnica pode ser aplicada também com adultos.


















### Procedimento

- 1- Antes de começar a atividade, escreva, de próprio punho, três bilhetes (conforme modelo em Folha de Apoio).
- 2- Recorte os três bilhetes, dobre-os e coloque-os numa pequena caixa.
- 3- Distribua os participantes em três grupos.

- 4- Entregue um bilhete para cada grupo.
- 5- Instrua os grupos a criar uma encenação que contemple pelo menos três itens: (a) lugar onde o bilhete foi entregue; (b) quem entregou? e (c) reação de quem recebeu.
- 6- Os grupos apresentam suas encenações ao grande grupo.
- 7- Abra para a discussão, explorando as semelhanças e diferenças entre as cenas.



## Perguntas para discussão

-  Se o rapaz assumir a paternidade, o que vai precisar fazer?
-  Se o rapaz não assumir a paternidade, o que a moça pode fazer?
-  Que é assumir a paternidade?
-  Eles devem casar?
-  Como se sente o homem quando recebe a notícia de que sua parceira está grávida?
-  Como os jovens percebem a mulher que tem relações sexuais com um homem, no primeiro encontro?
-  Qual a idade de cada um dos casais?
-  Existe diferença entre a gravidez que acontece numa relação duradoura e uma gravidez que acontece numa transa eventual?
-  Numa situação como essa, você pensaria em aborto? Em qual das três situações? Por que?
-  E se a mulher quisesse interromper a gravidez e você quisesse ter o filho, o que você faria?
-  E se você quisesse interromper a gravidez e a mulher quisesse ter o filho, o que você faria?
-  Como você acha que sua família reagiria?
-  Você pediria o teste de DNA? Em qual das três situações? Por que?
-  Para ser pai, precisa ser marido?
-  E se ela quisesse alguma pensão?
-  Pai deve contribuir com dinheiro?
-  Contribuir apenas com o dinheiro é suficiente?

### FECHAMENTO

Educador deve apontar para a diversidade de sentimentos, expectativas e vivências com relação a uma notícia de gravidez para um homem jovem, contribuindo para desfamiliarizar dois repertórios: (1) gravidez na adolescência é sempre e apenas um problema e (2) os jovens pais nunca assumem o filho.



### LINK

Ver discussão sobre aborto no caderno "Sexualidade e Saúde Reprodutiva" que compõe esta série.





# Sexualidade

## FOLHA DE APOIO

### BILHETES

Oi, tudo bem?

É a Bete. Lembra de mim?

Nos conhecemos há três meses numa festa do clube. Foi uma noite inesquecível, se bem que não me lembro muito bem o que aconteceu. O que sei é que estou, ou melhor, estamos com um pequeno-grande problema e gostaria de conversar contigo sobre isso. Meu pai me dizia que essa história de beber além da conta é coisa de gente inseqüente. Não acreditei, deu nisso! Bem, eu não podia transar naqueles dias. Estava no meu período fértil. Comecei até a acreditar que e nossa sintonia dos corpos foi imediata. Comecei até a acreditar que talvez o tal de "amor à primeira vista" existe mesmo. Não estou dizendo com isso que te amo, mas curti muito te conhecer e, na cama, nos entendemos muito bem. Mas bem que a gente podia ter usado a camisinha, né?! Bobeamos!! E agora, estou grávida. Fiz os exames e não há nenhuma dúvida. Espero que você não se sinta cobrado, mas tomei a liberdade de te mandar esse bilhete pela Paula. Gostaria de encontrar na segunda para conversarmos pessoalmente. O que você acha que devemos fazer?

Beijos,  
Bete

Oi, mô  
Espero que tenha curtido a viagem!  
Tenho uma ótima notícia. Fui ontem ao médico.  
Conseguimos!  
Agora não somos mais dois. Somos três.  
Tive que sair correndo. Te encontro à noite!

Beijos  
Rita

Oi, meu amor  
Não tive coragem de falar contigo pessoalmente, por isso resolvi escrever esse bilhete. Semana passada estava me sentindo meio estranha. Meio enjoada e com uma sensação de que tava acontecendo alguma coisa. Quando você me deixou em casa, depois da nossa festa de 2 anos de namoro, quase te ligava achando que tinha acontecido um acidente ou coisa do tipo. Estava mesmo me sentindo paranoica. Sei lá! Estava meio encanada mesmo. Pois é, mas agora já sei o motivo de tudo isso. Ou pelo menos, já me sinto mais aliviada. Não quero te assustar, mas vou direto ao assunto. Fiz uns exames e constatei que estou grávida. Como minha menstruação às vezes não chega na data certa, no começo, achei que fosse alarme falso, tanto é que nem te falei nada. Essa história de confiar em gozar fora só podia dar nisso. Não estou querendo te deixar culpado, mas estou mesmo confusa. Não sei o que faço agora. Estou confusa. Você é a primeira pessoa com quem estou falando sobre isso, através de um bilhete. Sei que não é a melhor forma, mas não saberia como dizer isso cara a cara. O que você acha que devemos fazer? Te amo muito!  
Márcia



O uso desta técnica permite dialogar com os homens jovens sobre as dificuldades/perdas e benefícios/ganhos que o cuidado infantil pode lhe trazer.

## ● TÉCNICA 11

### O Cuidado Infantil no Cotidiano dos Homens

**Objetivos:** Discutir como os homens percebem o cuidado infantil e como se percebem exercendo essa atividade, em seu cotidiano.

**Materiais necessários:** Nenhum

**Tempo recomendado:** 1,5 horas

**Dicas:** caso haja no grupo algum pai ou todos os jovens sejam pais, o facilitador deve manter a aten-

ção voltada para possíveis personalizações da discussão. Caso as falas estejam muito autocentradas, cabe introduzir perguntas como: “E com os homens, em geral, também é assim?”

Esta técnica pode ser aplicada em qualquer espaço, fechado ou aberto, contudo, sugere-se que seja feito em espaço silencioso e com pouco movimento de pessoas. No caso dos pais jovens, este exercício é muito útil para construir um panorama do modo como homens e mulheres dividem as atividades ao longo do dia.

## Procedimento

1- Inicialmente, solicite aos participantes que se espalhem, caminhando pela sala.

2- Diga-lhes que ao ouvirem uma hora do dia seguida da palavra ESTÁTUA, eles devem ficar parados numa posição que represente a atividade que eles estariam realizando na referida hora. Por exemplo, "Meio dia, ESTÁTUA!"

3- Em seguida, diga, em voz alta, uma hora do dia e, em seguida, ordene: ESTÁTUA! Proceda assim para as seguintes horas:

- 3 horas da madrugada
- 10 horas da manhã
- Meio-dia
- 3 horas da tarde
- 10 horas da noite.

4- Posteriormente, peça aos participantes para imaginarem o que estariam fazendo nessas horas se tivessem uma criança para cuidar. Repita esse mesmo comando para os 5 períodos descritos acima.

5- Abra para a discussão, explorando as diferenças entre os dois momentos, antes e depois da criança, identificando quando a presença da criança implicou maior (ou menor) alteração da rotina dos rapazes.

## Perguntas para discussão

- O dia a dia muda quando se tem uma criança para cuidar? Em que? Por que?
- E se fosse com uma mulher seria diferente? Por que?
- Ter uma criança faz parte dos seus projetos de vida?
- Em que horário(s) é mais fácil cuidar de uma criança? Por que?
- Em que horários é mais difícil cuidar de uma criança? Por que?
- O que tem de ruim em ser um pai?
- O que tem de bom em ser um pai?



## FECHEAMENTO

Ao final, é importante explorar as dúvidas e inquietações que os jovens possam ter em relação ao cuidado infantil, reforçando a idéia de que o cuidado infantil é uma habilidade que se aprende.



Esta técnica permite explorar as dúvidas e inquietações dos jovens em relação ao cuidado infantil.

# TÉCNICA 12

## O Bebê está Chorando<sup>4</sup>

**Objetivos:** proporcionar uma discussão sobre as dificuldades e conflitos no exercício do cuidado infantil.

**Dicas:** a boneca pode ser substituída por uma bola ou qualquer outro objeto [disponível, por exemplo, uma bexiga].

**Materiais necessários:** uma Boneca

**Tempo recomendado:** 1 hora

### Procedimento

- 1- Convide todos os participantes a sentar em círculo.
- 2- Dê a seguinte instrução: vamos imaginar que essa boneca é uma criança.
- 3- Pergunte ao grupo: É um menino ou menina? Qual o nome dele/a?
- 4- Diga que a criança está chorando muito.
- 5- Peça ao grupo para imitar o barulho de choro de bebê.
- 6- Passe a boneca para as mãos de um dos participantes e peça que ele acalme a criança. O restante do grupo continua chorando.
- 7- Depois de dois minutos, se o bebê (o grupo) não chorar, peça para o participante passar para outro e assim sucessivamente.
- 8- Posteriormente, abra para a discussão, explorando os depoimentos do grupo e suas dúvidas em relação ao cuidado infantil (caso queira, pode fazer uso da folha de apoio).

### Perguntas para discussão

- ✎ Que você sentiu quando o bebê não parava de chorar?
- ✎ Você já passou por uma situação dessas em sua vida?
- ✎ Que você pensou que poderia ter acontecido com ele?
- ✎ É fácil cuidar de um bebê?
- ✎ As mulheres têm mais facilidade para cuidar de bebês? Por que?

### FECHAMENTO

O facilitador deve concluir ressaltando que o cuidado infantil é uma atividade menos complexa do se imagina. Que se aprende a cuidar na prática, mas que é importante dialogar com aqueles que já passaram por situações semelhantes ou consultar livros especializados no assunto.

<sup>4</sup> Técnica sugerida por Benno de Keijzer (Salud y Género)

## FOLHA DE APOIO

### OS PRIMEIROS CUIDADOS

#### 1- A HIGIENE DO BEBÊ

A higiene diária é essencial para a saúde e bem-estar do bebê, mas vai muito além disso. Ela proporciona um espaço importante para a intimidade e a comunicação, uma grande oportunidade de estreitar laços entre pai e filho. Podem ser momentos de alegria e prazer para a criança e também para o pai.

O banho logo se converterá numa rotina diária, pois, se não surgir nenhum impedimento, convém repeti-lo todos os dias: um banho rápido, em ambiente adequado, com água a uma temperatura branda para que a criança não passe frio nem calor, com o cuidado necessário para que tudo se desenvolva nas máximas condições de segurança.

#### 2- O CARINHO DO PAI

Tenha sempre em mente esta realidade: mesmo que para o bebê a higiene corporal seja uma necessidade básica, não se trata apenas de uma mera eliminação da sujeira. O momento da higiene tem uma dimensão psicológica e emocional e faz parte do processo de desenvolvimento da afetividade da criança.

#### 3- TOCAR

Durante a primeira fase da vida, o bebê tem na sua pele um dos principais órgãos sensoriais. Assim como reage com evidente desgosto a qualquer tipo de irritação cutânea, ele sente enorme prazer quando está em contato com a água morna, que o faz recordar a segurança do ventre materno, e quando reconhece o toque das mãos de seus pais por todo o seu corpo.

A higiene do bebê pode tornar-se um dos momentos mais prazerosos do dia. É uma oportunidade para falar com ele, estimular suas reações e respostas emotivas.

#### 4- DANDO BANHO

Prepare todo o material necessário, deixando-o ao alcance da mão, comprove se o tempo não está

nem muito quente, nem muito frio e que não haja correntes de ar. Ponha a água na banheira. A água deve estar morna. Verifique a temperatura utilizando o cotovelo ou a parte interna do antebraço, onde a pele é mais sensível. Não sinta a temperatura com as mãos, acostumadas a suportar temperaturas mais elevadas.

A limpeza do rosto e da cabeça requer cuidados especiais. Para lavar o rosto, não use sabonete, apenas água morna.

Tenha à mão tudo que necessitar. Não deixe o bebê sozinho na banheira nem por um instante: pode afogar-se em poucos centímetros de água.

Escolha um lugar sem correntes de ar.

Por precaução, encha primeiro a banheira com água fria e depois ponha a água quente até alcançar a temperatura adequada; nunca ponha água quente com a criança na banheira.

#### 5- A TROCA DE FRALDAS

Lave sempre as mãos antes e depois de trocar as fraldas

##### 5.1. Fralda descartável

Abra o fecho da fralda, mas não a tire de imediato, porque freqüentemente o bebê urina justo nesse momento. Espere alguns segundos para ver o que acontece.

Observe se está sujo. Levante as pernas do bebê, pegando-o pelos pés e procurando colocar um dedo entre os tornozelos; com uma toalhinha, retire o quanto puder, da frente para trás, arrastando as fezes em direção à fralda.

Ainda com as pernas dele levantadas, coloque na fralda as toalhinhas que tenha usado, enrole tudo e dobre por baixo do corpo do bebê. Retire ou prossiga com a tarefa.

Limpe a área coberta pela fralda com algodão ou lenço umedecido em água morna. Seque bem, sobretudo nas dobras da pele, e aplique um creme ou pomada antiassadura, mas nunca junto com talco.

Deixe o bebê sem roupa por alguns minutos, para que possa bater as perninhas à vontade, enquanto bumbum se areja e fica bem seco.

Abra a fralda limpa, levante o bebê pelas pernas e deslize a parte que tem o fecho, por baixo do corpo, até a cintura. Separe as pernas do bebê e passe entre elas a parte dianteira da fralda.

Estique a fralda no nível da cintura e verifique se está bem centrada. Pegue a fita por um dos lados, estique e depois pegue o outro lado. Ao fechar, veja se não ficou muito apertado ou folgado.

### 5.2. Fralda de tecido

Levante as pernas do bebê e passe a fralda já dobrada. A parte superior da fralda deve ficar no nível da cintura do bebê. Evite a formação de rugas dobrando as pontas e esticando a fralda.

Passe a parte da frente da fralda entre as pernas do bebê e erga até onde der, ajustando bem entre

as coxas para que o xixi não vaze.

Com uma das mãos, segure firme a frente da fralda para que não se afrouxe. Com a outra, dobre uma das pontas e prenda-a com um alfinete de segurança (ou fita adesiva). Faça o mesmo com a outra ponta e verifique se a fralda não ficou folgada nem apertada.

### 6- Limpando o bumbum

**Na menina:** Limpe sempre da frente para trás, do contrário poderá levar germes do ânus para a vulva e causar uma infecção. Não limpe dentro da vulva.

**No menino:** Passe algodão úmido ou toalhinhas pelas dobras das coxas e pelos genitais. Limpe o pênis sem forçar o prepúcio para trás. Não se esqueça também da superfície do escroto, que deve ser limpa da frente para trás, afastando o pênis com os dedos, se necessário.

---

**Fonte:** Manual Seu filho: Cuidados com o Bebê. Vol 1, 2, 3, 4. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1995



Técnica útil para discutir a relação pai-filho e pai-filha e desconstruir mitos sobre o homem que gosta de cuidar de crianças.

## TÉCNICA 13

### Homem Cuidando de Menino, Homem Cuidando de Menina<sup>5</sup>

**Objetivos:** discutir as implicações da socialização e educação de uma criança por um homem.

**Materiais necessários:** nenhum

**Tempo recomendado:** 1 hora

**Dicas:** é possível aproveitar este momento para explorar como se educa um menino e como se educa uma menina, identificando concepções de socialização e educação orientadas por gênero.

### Procedimento

1- Conte aos participantes, a seguinte história: *Marcos, um homem de 30 anos, resolveu adotar um filho. Ele não quer casar. Sente-se feliz solteiro, mas gostaria de ter um filho. Semana passada, visitando um orfanato, Marcos conheceu duas crianças: um menino e uma menina. Infelizmente, ele só recebeu autorização para adotar uma criança. Qual ele*

*deve adotar?*

2- Primeiro, pergunte a cada participante qual criança Marcos deveria adotar. Conte o número de votos para o menino e o número de votos para a menina.

3- Abra para a discussão, explorando as razões pelas quais fizeram a escolha e discutindo as implicações da socialização e educação diferenciadas para meninos e meninas e as implicações de uma criança criada por um homem.

<sup>5</sup> Inspirado em: *Técnica Escolhendo o Sexo do Seu bebê, que faz parte do Manual de Formação em gênero da OXFAM – Edição Brasileira - Sos Corpo, Gênero e Cidadania e OXFAM, 1999, p. 85.*



## Perguntas para discussão

- ✎ Por que vocês acham que o homem quer adotar uma criança?
- ✎ Vocês acham que o homem deveria adotar a criança com que idade? Por que?
- ✎ Se fosse uma mulher que fosse adotar, quem ela deveria escolher? Por que?
- ✎ Seria melhor uma criança adotada por homem ou por uma mulher?
- ✎ É mais fácil um homem educar um menino ou uma menina?
- ✎ É mais fácil uma mulher educar um menino ou uma menina?



### FECHAMENTO

Educador deve frisar que nem sempre um homem que gosta ou quer cuidar de uma criança é homossexual ou potencial abusador. Deve lembrar também que, embora as mulheres sejam educadas desde cedo para cuidar de crianças, os homens também podem aprender. Nada impede que ele seja bem sucedido.



### LINK

Ver discussão sobre Homofobia - caderno "Sexualidade e Saúde Reprodutiva" e caderno "Da Violência Para a Convivência".

Esta técnica aborda o trabalho doméstico diário, repetitivo, desvalorizado e pouco visível aos olhos dos integrantes da casa, geralmente desempenhado por mulheres.

## TÉCNICA 14

### Cuidado do Lar: Só Existe Quando Não é Feito<sup>6</sup>

**Objetivos:** discutir a invisibilidade e a desvalorização do trabalho doméstico diário.

Refletir sobre a participação masculina nessas atividades e problematizar a divisão sexual do trabalho. Problematizar a diferente socialização de meninos e meninas para o trabalho doméstico diário.

**Materiais necessários:** nenhum

**Tiempo recomendado:** 1 hora

**Dicas:** o facilitador pode incluir objetos reais na cena, tais como vassouras, espanador, flanela, toalhas de prato, etc.

Durante a realização da atividade, podem aparecer questionamentos ou brincadeiras sobre a masculinidade de alguns participantes. O facilitador deve estar atento a possíveis constrangimentos e lançar mão de estratégias de minimização, que não envolvam coação ou exposição de qualquer participante.

A maioria dos homens, num momento ou outro, já desempenhou alguma atividade doméstica diária, ainda que isto seja pouco comentado. Tais experiências, quando evocadas, podem ser trabalhadas como ilustração de outras possibilidades de ação, mostrando que desempenhar atividade doméstica não afeta em nada a masculinidade.

### Procedimento

- 1- Peça aos participantes para encenar a arrumação de uma casa, em grupo. Cada participante desempenha uma função.
- 2- Peça que um dos participantes pare de trabalhar e que os demais distribuam as atividades entre si.
- 3- Diga a outro participante para parar de tra-











balhar.

- 4- Proceda assim, até que reste apenas um.
- 5- No final, solicite que o último participante pare de trabalhar.
- 6- Pergunte ao grupo: “uma semana depois, como estaria esta casa?”
- 7- Abra para a discussão, convidando os participantes a refletir sobre seu envolvimento pessoal nessas atividades desempenhadas em sua casa e o valor que eles atribuem a essas tarefas.

<sup>6</sup> Inspirado em episódio da série *Retrato Falado*, um bloco humorístico exibido durante o jornal *Fantástico da Rede Globo de Televisão, Brasil*.



## Perguntas para discussão

-  Como se sentiu cada participante quando os outros foram parando de trabalhar?
-  Como se sentiu o último trabalhador?
-  Quais das atividades encenadas os participantes realmente desenvolvem em sua casa?
-  Quem geralmente desenvolve essas atividades?
-  Quais as atividades domésticas que os homens, com frequência, desempenham?
-  Quais as atividades domésticas que os homens desempenham apenas eventualmente?
-  As pessoas percebem esse tipo de trabalho ou ele só é percebido quando não é desenvolvido?
-  E no exército, quem faz as atividades de “arrumação da casa”? Qual a diferença entre essas tarefas e as atividades domésticas?
-  Na infância, quem é estimulado a fazer atividades domésticas, o menino ou a menina?
-  Quais os brinquedos que imitam a arrumação da casa, os de menino ou os de menina?

### FECHAMENTO

O educador deve apontar para a importância do trabalho diário no contexto doméstico, pouco valorizado e dificilmente percebido por quem não o faz, e destacar que homens e mulheres são igualmente capazes de executar as atividades domésticas. Não há nada na natureza das mulheres que as incline à boa realização das atividades domésticas. Assim, as diferenças de aptidão entre homens e mulheres devem-se apenas aos modelos de masculino e feminino construídos socialmente.

Tendo em vista que existem diversos arranjos familiares, esta técnica permite explorar as várias figuras que assumem a função de cuidado em nossas vidas, as quais podem não coincidir com o pai ou mãe biológicos.

## TÉCNICA 15

### Cuidado em Famílias

**Objetivos:** Refletir sobre o conceito atual de família, enfocando a diversidade de modelos, desmistificando o modelo de família nuclear (pai-mãe-filho) e destacando a importância das diversas figuras cuidadoras ao longo de nossas vidas.

**Materiais necessários:** nenhum

**Tempo recomendado:** 1,5 hora

**Dicas:** o número de trios compostos pode variar em função do tamanho do grupo, aumentando ou diminu-

indo. Esta técnica pode ser aplicada em grupos grandes de até quarenta participantes, porém, nesse caso, recomenda-se a presença de mais de um facilitador. Geralmente, esta técnica é bastante apreciada pelos jovens, na medida em que envolve uma mobilização corpórea e a idéia de um jogo. O clima do grupo durante a atividade é bastante descontraído, sendo bastante recomendada para uso em situações nas quais o grupo se encontrará apenas uma só vez. [Aconselha-se que no primeiro momento (casa-morador) inclua-se uma música para facilitar o entrosamento.]

### Procedimento

- 1- Divida o grupo em vários trios: dois serão as paredes de uma casa, um de frente para o outro, mãos para cima, palmas das mãos coladas, formando telhado da casa. O terceiro será o morador (ficará de pé entre as paredes).
- 2- No total, convide um jovem a ficar de fora. Esse jovem não será nem parede nem morador.
- 3- Instrua esse jovem a gritar "casa", "morador", ou "casa e morador":
  - a) Quando gritar casa, as paredes devem sair

- e se colocar sobre outro morador;
- b) Quando gritar morador, as paredes ficam estáticas e os moradores trocam de casa;
- c) Se a pessoa grita casa e morador, todos devem trocar de lugar ao mesmo tempo;
- d) Aquele que grita deve correr e ocupar um lugar disponível. Quem "sobrar" deve dar nova ordem (grito) e tentar ocupar um lugar, e assim sucessivamente;
- 4- Ao final, explore com o grupo as seguintes questões: 1) todas as casas são iguais? 2) como as famílias são iguais? 3) além dos seus pais, quem vocês lembram que cuidavam de você?



## Perguntas para discussão

- ▶ Em que as famílias se parecem e no que elas diferem?
- ▶ Que é família para você?
- ▶ Quem faz parte da sua família?
- ▶ Família é composta apenas de vínculos 'de sangue'?
- ▶ Como são constituídas as famílias que você conhece?
- ▶ Há algum tipo de família que seja melhor para uma criança?
- ▶ Há algum tipo de família que seja ruim para uma criança?

## ▼ FECHAMENTO

O educador deve mencionar, ao final, que não existe um único modelo de família e que apesar de nosso modelo cultural associar família à relação entre Pai, Filho/a e Mãe, existem diferentes configurações familiares que podem proporcionar à criança um desenvolvimento igualmente saudável. A princípio, não há arranjos familiares melhores que outros – apenas diferentes.

## Arranjos Familiares

São freqüentes os arranjos familiares nos quais os jovens pais moram na casa de um deles ou mesmo em residências diferentes. Certamente, tais arranjos não são considerados por todos os adolescentes como ideais, o que gera bastante ansiedade. Um dos motivos freqüentes de sofrimento repousa sobre a idéia de que tais arranjos podem prejudicar o desenvolvimento do bebê.



O uso desta técnica permite refletir sobre a divisão das atividades na vida, particularmente aquelas relacionadas ao cuidado, mostrando o quão prazeroso isso pode se tornar, quando realizado em parceria.

## TÉCNICA 16

### Compartilhando o Cuidado

**Objetivos:** promover nos homens jovens uma reflexão sobre a importância de compartilhar atividades de cuidado em seu dia-a-dia.

**Materiais necessários:** nenhum

**Tempo recomendado:** 1,5 hora

**Dicas:** evite criar constrangimento aos participantes do grupo, explorando as situações não de modo personalizado, mas generalizado. Por exemplo, pode-se destacar que não é só ele que NÃO GOSTA de realizar uma certa atividade. Outras pessoas também não gostam.

### Procedimento

- 1- Convide os participantes a formar um círculo.
- 2- Peça que todos fechem os olhos e imaginem uma coisa que GOSTAM MUITO de fazer
- 3- Depois, peça que imaginem uma coisa que eles NÃO GOSTAM de fazer.
- 4- Convide um dos participantes para encenar aquilo que pensou. Primeiro, o que mais gosta de fazer.
- 5- Convide outro integrante a participar da

cena com o colega.

- 6- Estimule-os a convidar outros participantes.
- 7- Depois, repita o mesmo procedimento com o que ele NÃO GOSTA de fazer.
- 8- Convide outro participante, repita o procedimento, e assim sucessivamente.
- 9- Após algumas encenações, abra para discussão, pedindo aos participantes que descrevam
  - 1) qual a diferença entre realizar uma atividade que SE GOSTA sozinho ou acompanhado e 2) qual a diferença entre realizar uma atividade que NÃO SE GOSTA sozinho ou acompanhado.



## Perguntas para discussão

- ▀ Você já parou para pensar que as coisas que você **NÃO GOSTA** de fazer, muitas vezes, tem que ser feitas por outras pessoas?
- ▀ Será que dividindo essa atividade com outra pessoa, isso não poder ser prazeroso para ambos?
- ▀ Quem faz com mais frequência as tarefas domésticas em sua casa?
- ▀ Em casa, você participa da divisão de tarefas? Como? Com quem?

## ▼ FECHAMENTO

Ao final, o/a facilitador/a deve estimular os participantes para que percebam que todas as atividades referidas, particularmente as relacionadas ao cuidado, quando compartilhadas, tornam-se mais fáceis e agradáveis.

# Sexualidade

projeto

# violência

# MÓDULO 3



**Onde**

Onde procurar mais informações



## ▼ OBJETIVO

Este módulo apresenta uma lista comentada de textos, materiais socioeducativos, sites da internet e organizações que podem fornecer mais informações sobre o tema paternidade & cuidado. Também incluímos neste módulo um relato de experiências do Programa PAPAI, em seu trabalho junto a homens jovens e adultos, na área da saúde, sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos.

# RECURSOS

## 1- Textos Recomendados

**Noddings, Nel. Caring. A feminine approach to ethics and moral education. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1984.**

Inspirada no trabalho de Carol Gilligan, a autora apresenta uma ampla discussão teórica sobre o conceito de cuidado (caring) e suas implicações para a educação moral, ilustrando sua discussão com uma variedade de exemplos. Assinala que o cuidado está no centro da proposição de uma ética alternativa e que o próprio método de análise e apresentação dos temas deve incorporar a intuição e a vivência, consideradas pela autora como características femininas, além da abordagem dedutiva e racional, associada pela autora ao masculino.

(ISBN 0-520-05747-3)

**Pinto de Carvalho, Marília. No Coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã e FAPESP, 1999.**

A partir de uma abordagem teórica das relações de gênero, a autora apresenta, particularmente nos dois primeiros capítulos, uma revisão bibliográfica sobre o conceito de cuidado, dialogando com autores de diversas matrizes disciplinares. Subdivide a literatura encontrada em dois blocos: um primeiro, que trata o cuidado como valor moral, tendo como referência principal a obra de Noddings e um segundo, que revê criticamente a noção de cuidado, propondo versões alternativas, com

apoio em análises históricas, sociológicas e antropológicas. O livro volta-se a uma reflexão sobre relações de cuidado entre adulto e criança no ambiente escolar.

*Xamã VM Editora e Gráfica Ltda.  
Rua Loefgreen, 943 – Vila Mariana  
São Paulo/SP – Brasil – CEP 04040-030  
Tel/fax: (11) 574 7017  
E-mail: xamaed@uol.com.br*

**Rosemberg, Fúlvia. A criação de filhos pequenos: tendências e ambigüidades contemporâneas. In: Ribeiro, Ivete & Ribeiro, Ana Clara (org.). Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995.**

Neste capítulo, a autora destaca uma mudança no padrão de educação e cuidado com filhos/as pequenos/as que, ao longo dos anos, passou a ser feito fora do espaço doméstico e do convívio familiar. Aborda, sobretudo, o modo como o bem-estar da criança pequena deixou de ser uma preocupação apenas da família, convertendo-se num objeto de negociação e reivindicação, passível de regulação, de controles estatais, além de normatização científica.

*Rua Barão de Itapetininga, 246, São Paulo/SP  
CEP 01042-001,  
Tel: (11) 255-0662.*

**Medrado, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: Arilha, Margareth; Unbehaum, Sandra e Medrado, Benedito (orgs.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.**

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa que teve por objetivo identificar e analisar repertórios sobre masculinidade na arena do cuidado infantil, a partir de análise de ima-



gens e textos produzidos pelos meios de comunicação, particularmente a publicidade televisiva brasileira. O autor destaca que as imagens e textos analisados expressam o modelo hegemônico (padrão) de masculinidade: o homem como provedor e líder instrumental da família e a mulher, como dona da casa e líder expressiva da família. Destaca, contudo, que rupturas e dissensos estão presentes, de modo indireto, sob a forma de humor.

*ECOS - Comunicação em Sexualidade*  
 Rua do Paraíso, 592 - Paraíso, São Paulo/SP, Brasil,  
 CEP 04103-001.  
 Tel/fax: (11) 3171-0503 / 3171-3315  
 E-mail: [ecos@uol.com.br](mailto:ecos@uol.com.br)  
 Website: [www.ecos.org.br](http://www.ecos.org.br)

**Lyra, Jorge. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra e MEDRADO, Benedito (orgs.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.**

Relato da experiência de um projeto sobre a paternidade na adolescência que teve início com uma investigação (desde 1994) e que resultou na elaboração de uma proposta de intervenção social. O autor indica que à medida que avançava em seu trabalho encontrou um “muro de silêncio”, tanto nas instituições e profissionais envolvidos no tema, como na bibliografia e investigações realizadas no Brasil. Argumenta que este silêncio implica uma relação perversa da sociedade para com o adolescente: ao anular socialmente a paternidade adolescente, termina-se por legitimar a ausência paterna, pois se dificulta ao adolescente assumir sua condição de pai. Conclui-se que o ato de conceber e criar filhos são experiências atribuídas culturalmente às mulheres, incluindo muito discretamente o pai; isto derivaria de dois fatores: 1) na sociedade brasileira, o filho é percebido como sendo ‘da mãe’ e; 2) o adolescente é reconhecido principalmente como filho, e não como pai.

*ECOS - Comunicação em Sexualidade*  
 Rua do Paraíso, 592 - Paraíso, São Paulo/SP, Brasil,  
 CEP 04103-001.  
 Tel/fax: (11) 3171-0503 / 3171-3315  
 E-mail: [ecos@uol.com.br](mailto:ecos@uol.com.br)  
 Website: [www.ecos.org.br](http://www.ecos.org.br)

**Parrini, Rodrigo e Olavarria, José. Los padres adolescentes/jovens. Santiago de Chile: Flacso/UNICEF, 1999.**

Nesse livro, os autores descrevem um estudo realizado com pais adolescentes e jovens, com o objetivo de contribuir para responder a algumas questões centrais: quem são os pais dos filhos das mães adolescentes?; como este evento afetou suas vidas?; como interferiu em seus projetos de vida?; como assumem as responsabilidades frente à gravidez?; queriam ter um filho, desejaram, foi uma decisão ou apenas um acaso?

*FLACSO - Chile*  
 Leopoldo Urrutia 1950, Ñuñoa, Santiago  
 Casilla 3213, Correo Central, Santiago  
 E-mail: [flacso@flacso.ch](mailto:flacso@flacso.ch)  
 Website: [www.flacso.cl](http://www.flacso.cl)

**Barker, Gary. What about boys: A literature review on the health and development of adolescent boys. Suíça: Organização Mundial de Saúde, 2000.**

Cuidadosa revisão da literatura sobre saúde e desenvolvimento dos homens jovens realizada por Gary Barker para o Departamento de Saúde da Criança e do Adolescente da Organização Mundial de Saúde.

*Rua Francisco Serrador, 2, sala 702 - Centro*  
 Rio de Janeiro/RJ, Brasil - CEP 20031-060  
 Tel/fax: (21) 2544-3114 / 2544-3115  
 E-mail: [g.barker@promundo.org.br](mailto:g.barker@promundo.org.br)  
 Website: [www.promundo.org.br](http://www.promundo.org.br)

**Flood, Michael. The men's bibliography: a comprehensive bibliography of writing on men, masculinities and sexualities. Austrália: 2000 - 8ª edição.**

Vasta bibliografia sobre homens e masculinidades, organizada por áreas temáticas: paternidade e família, divórcio, separação e custódia dos filhos, saúde do homem, HIV/Aids, questões e tecnologias reprodutivas, história da masculinidade, humor, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, corpo, trabalho sexual, estudos acadêmicos (men's studies), história da sexualidade, pornografia, humor, entre outros.

*Website: [www.anu.edu.au/~a112465/mensbiblio/mensbibliomenu.html](http://www.anu.edu.au/~a112465/mensbiblio/mensbibliomenu.html)*  
 PO Box 26, Ainslie ACT, 2602, AUSTRALIA  
 ISBN 0 646 18088



## 2- Manuais

**Johnson, Jeffery; Wilson, Pamela. *Fatherhood Development: A Curriculum for Young Fathers*. Washington, DC: Public/Private Venture, 1995.**

Manual que apresenta um programa completo de sugestões detalhadas para trabalho com jovens pais constituído de 25 sessões divididas em cinco módulos: desenvolvimento pessoal, habilidades de vida, paternidade, relacionamentos, saúde e sexualidade. As atividades deste manual foram pré-testadas com grupos de jovens pais e tem como foco a experiência.

Public/Private Venture Resources  
1-800-557-4778

**Salud y Género. “Y tu... ¿Qué tan padre eres? Guía Metodológica para el Trabajo con padres de familia”.** México: Salud y Género, 1998.

Manual que se propõe a auxiliar na abertura de espaços de reflexão em torno do exercício da paternidade, como uma das dimensões da masculinidade. Apresenta elementos de sensibilização e reflexão que propiciam aos pais atitudes de equidade para as filhas e filhos, como parte de uma paternidade mais comprometida e prazerosa.

Carlos Miguel Palácios, # 59  
Col. Venustiano Carranza  
Cp 91070  
Xalapa/Veracruz - México  
Tel/fax: (52) (28) 18.9324  
E-mail: [salygen@infosel.net.mx](mailto:salygen@infosel.net.mx)







## 3- Vídeos e Jogos

### **Vídeo elaborado pela ECOS**

#### **ECOS- Comunicação em Sexualidade**

Rua do Paraíso, 592 - Paraíso, São Paulo/  
SP, Brasil, CEP 04103-001.

Tel/fax: (11) 3171-0503 / 3171-3315

E-mail: [ecos@uol.com.br](mailto:ecos@uol.com.br)

Website: [www.ecos.org.br](http://www.ecos.org.br)

### **Um Abraço**

Enfatiza a comunicação entre pais e filhos nos tempos da aids, focalizando a dificuldade que se estabelece entre um pai e um filho para falar de intimidade, de sexo, medos e dúvidas. Sugestão de trabalho: 1) abordar a comunicação e afetividade entre pai e filho como uma relação de cuidado recíproca; 2) explorar as dificuldades e os ganhos passíveis de serem obtidos por pai e filho a partir da negociação das diferenças geracionais. Versão em Português e legendada em espanhol. 15 minutos, 1992.

### **Vídeos elaborados por Salud y Género**

#### **Salud y Género**

Carlos Miguel Palácios, # 59

Col. Venustiano Carranza

Cp 91070

Xalapa/Veracruz - México

Tel/fax: (52) (28) 18.9324

E-mail: [salygen@infosel.net.mx](mailto:salygen@infosel.net.mx)

### **Qué ganamos con cambiar I e II**

Focaliza as dificuldades e transformações nas relações familiares e em outras dimensões da vida cotidiana, vividas por homens envolvidos em um grupo de intervenção. Por meio de relatos pessoais, há muitos tópicos abordados, dentre eles: saúde mental, relações interpessoais, violência, planejamento familiar, cuidado infantil e relações afetivo-sexuais. Sugestões de trabalho: 1) explorar as dificuldades masculinas no estabelecimento de relações de cuidado no contexto familiar e os benefícios obtidos por meio de uma maior expressão das emoções, capacidade de diálogo e de negociação no casal; 2) usar o trecho do vídeo com diversas cenas de cuidado infantil em atividades de lazer como recurso em uma oficina sobre o tema. Espanhol. 36 minutos, 1998.

### **¿Padrísimo? Videocollage de reflexiones sobre paternidad.**

Terceiro vídeo da série “La Salud Reproductiva: una tarea conjunta”, aborda as diferentes formas de ser pai, a experiência de ser filho/a, a paternidade na adolescência e a forma como os meninos e meninas vêem seu pai. Assessoria sobre paternidade: Benno de Keijzer. Espanhol. 36 minutos, 2000.

### **La soledad en la paternidad.**

Quarto vídeo da série “La Salud Reproductiva: una tarea conjunta”, tem o objetivo de apresentar perguntas que visam enriquecer as experiências cotidianas da paternidade, ao compartilhá-las com outras pessoas. Não se trata de um guia para aprender sobre a paternidade, mas de um convite para que possamos recriar nossa vivência da paternidade, ao compartilhar essas vivências. Espanhol. 36 minutos, 2000.

## 4- Websites e Centros de Referência

### **INSTITUTO PERUANO DE PATERNIDAD RESPONSABLE - INPPARES**

Instituição sem fins lucrativos, cuja missão é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente daquelas menos favorecidas, social e economicamente, oferecendo educação e serviços integrais com ênfase na saúde sexual e reprodutiva. O Programa para homens do INPPARES visa promover uma adequada atenção médico-clínica em saúde sexual e reprodutiva, bem como reflexões com homens sobre os papéis, modos históricos de expressar a masculinidade e as expectativas a respeito da construção do novo homem, de acordo com valores de equidade de gênero.

*Contatos: Angela Sebastiani  
Instituto Peruano de Paternidad Responsable  
Gregorio Escobedo 115 - Jesús María, PERÚ  
Tel : (511)261-5522, (511)261-5533, (511)463-5778  
Fax : (511)261-7885  
E-mail: postmast@inppares.org.pe  
Website: www.inppares.org.pe*

### **INTERNATIONAL PLANNED PARENTHOOD FEDERATION- IPPF**

Organização que promove apoio técnico e financeiro para organizações de saúde reprodutiva e ações de advocacy em direitos sexuais e reprodutivos em âmbito internacional; facilita a troca de informação entre seus afiliados.

*Contatos: Judith Helzner & Humberto Arango  
Western Hemisphere Region*

*120 Wall Street, 9th Floor  
New York, NY 10005  
Tel. (212) 248-6400  
Fax (212) 248-4221  
E-mail: info@ippfwhr.org  
Website: www.ippfwhr.org*

### **INSTITUTO PROMUNDO**

Organização não-governamental sediada no Rio de Janeiro e Brasília que desenvolve pesquisas e ações sociais na área de gênero, saúde e desenvolvimento, voltadas a crianças, adolescentes e famílias.

*Contatos: Gary Barker & Marcos Nascimento  
Rua Francisco Serrador, 2, sala 702 - Centro  
Rio de Janeiro/RJ, Brasil - CEP 20031-060  
Tel/fax: (21) 2544-3114 / 2544-3115  
E-mail: g.barker@promundo.org.br  
Website: www.promundo.org.br*

### **SALUD Y GÉNERO**

Organização não-governamental mexicana, constituída por uma equipe multidisciplinar que visa promover melhores condições de vida para mulheres e homens, no campo das relações de gênero, sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos, focalizando a equidade como uma responsabilidade compartilhada. Além de ação direta, produz material socioeducativo.

*Contatos: Benno de Keijzer e Gerardo Ayala.  
Salud y Género  
MM de Juarez, 13  
91170 - Xalapa / Veracruz - México  
Tel/fax: (52) (28) 15-1175  
E-mail: salygen@edg.net.mx*



### **PROMAPÁ - Programa de Apoyo y Asistencia a Maternidad y Paternidad Juveniles**

Projeto que desenvolve atividades de intervenção social, capacitação e pesquisa, com o objetivo de apoiar adolescentes e jovens de ambos os sexos, para que possam decidir de maneira responsável sobre sua vida sexual e reprodutiva, desenvolvendo estratégias de assistência, promoção e prevenção em saúde.

*Contato: Alejandro Villa*

*E-mail: marale@cvtci.com.ar*

*Centro Municipal de Assistência a la Niñez y Adolescencia de Vicente López*

*D.F. Sarmiento, 1898 (1602) Florida*

*Tel: 4796 5200 Fax: 4513 6429*

*E-mail: martufro@mail.retina.ar*

*Website: www.cmnvl.org.ar*

### **TEXAS FRAGILE FAMILIES INITIATIVE-TFF**

Projeto desenvolvido em parceria com o Hogg Foundation for Mental Health e o Center for Public Policy Priorities, que se dedica a

desenvolver a capacidade de comunidades de base para apoiar jovens pais no desempenho do cuidado de seu filho.

*Contato: Jason Sabo.*

*E-mail: sabo@cppp.org*

*Website: www.texasfragilefamilies.org*

### **RED DE MASCULINIDAD DE FLACSO Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales**

Rede que tem por objetivo gerar um espaço de debates centrado nas problemáticas da masculinidade e dos homens, assim como favorecer o intercâmbio entre pesquisadores/as e profissionais envolvidos em programas de ação com homens.

*Contato: Enrique Moletto*

*Leopoldo Urrutia 1950, Ñuñoa, Santiago*

*6840423. Casilla 3213, Correo Central - Chile*

*Tel: (562) 2257357/2256955*

*Fax: (562) 2741004.*

*E-mail: redmasc@flacso.cl*

*Website: www.flacso.cl/masculinidad.html*





## RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Fundado em 1997, o Programa PAPAI é uma organização civil sem fins lucrativos sediada em Recife/PE, que desenvolve, em âmbito local, atividades de intervenção social junto a homens de diferentes idades, bem como atividades de pesquisa e capacitação nos campos da saúde, sexualidade e reprodução, em nível nacional e internacional.

### Breve histórico

A origem do Programa Papai é marcada pelas pesquisas de pós-graduação em Psicologia Social de Jorge Lyra e Benedito Medrado, desenvolvidas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre 1995 e 1997. Em linhas gerais, suas pesquisas evidenciaram a ausência de trabalhos de pesquisa e/ou ação social voltadas aos homens e às masculinidades, particularmente no tocante ao campo da saúde e direitos sexuais e reprodutivos.

Em 1996, Lyra e Medrado elaboraram o projeto Paternidade adolescente: construindo um lugar. Esse projeto, apoiado pelo Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos (FCDP) da Fundação MacArthur, sob a coordenação de Jorge Lyra, previa, em linhas gerais, a construção de um lugar social para a paternidade na adolescência, apoiando os adolescentes, sensibilizando as adolescentes e profissionais que atuam junto aos adolescentes, bem como produzindo e divulgando conhecimentos.

Em consonância com as reflexões feministas e de gênero, essa proposta foi estruturada em um amplo plano de ação composto por quatro vetores básicos: prestação de serviços, produção de conhecimentos, construção de um banco de dados e atividades de sensibilização.

Como desdobramento desse projeto, foi estruturado o Programa PAPAI, constituindo-se uma equipe que vem sedimentando e ampliando a proposta original, estabelecendo ricas parcerias, produzindo novos projetos e concretizando produtos, mantendo, contudo, como eixo central, a promoção da participação jovem e masculina no campo da sexualidade e reprodução.

Ainda no mestrado, Lyra e Medrado foram convidados a integrar a primeira formação do Grupo de Estudos sobre Sexualidade Masculina e Paternidade (GESMAP), fundado pela ONG Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS), 1995. Sob coordenação de Margareth Arilha, o GESMAP foi uma iniciativa pioneira no Brasil, que se tornou referência para diversos

profissionais e instituições interessados pela temática e inspirou a formação do nosso Grupo de Trabalho em Gênero e Masculinidades (GEma), fundado pelo PAPAI, em 1998. O GEma, atualmente inscrito entre os grupos de pesquisa do CNPq, tornou-se nosso espaço privilegiado de intercâmbio com outros profissionais e instituições. Em linhas gerais, o objetivo do GEma é alimentar uma rede de estudos e pesquisas sobre relações de gênero no

contexto da saúde, sexualidade e reprodução, com especial destaque aos trabalhos sobre homens e masculinidades, através de quatro linhas de pesquisa: 1) Saúde, sexualidade e reprodução; 2) Homens, masculinidades e contextos sociais; 3) Teoria feminista: conceitos e implicações políticas; e 4) Experiências geracionais e a construção social das categorias etárias.

Objetivo geral

***Não se trata de criar mais um campo de trabalho voltado exclusivamente aos homens, mas de unir esforços às atividades já desenvolvidas em diferentes espaços com populações femininas, maximizando esforços e ampliando o impacto das ações em gênero, sexualidade, saúde e direitos reprodutivos (Medrado, Lyra, Galvão e Nascimento, 2000)***





Nosso objetivo geral é promover atividades de formação, pesquisa e ação social em torno de questões relativas à saúde e relações de gênero, sexualidade e reprodução, por meio de atuação em diferentes fóruns: sociedade civil, instituições de ensino e pesquisa, instâncias de controle social e órgãos governamentais.

#### Objetivos específicos

- ✎ Desenvolver estudos e pesquisas sobre homens e masculinidades, embasados na perspectiva de gênero;
- ✎ Desenvolver ações junto a homens, de diferentes idades, no contexto da saúde, sexualidade e direitos reprodutivos;
- ✎ Atuar para popularizar as propostas feministas de justiça social com equidade de gênero;
- ✎ Atuar para a melhoria do atendimento integral à saúde dos adolescentes/jovens;
- ✎ Produzir alternativas conceituais e metodológicas que originem e facilitem a realização de projetos de pesquisa e/ou intervenção social na área de gênero, sexualidade e reprodução.

#### Princípios éticos

O Programa PAPAI tem como missão contribuir para a democratização do Estado e da sociedade através da promoção da igualdade de gênero com justiça social, tendo como base os seguintes princípios:

- ✎ Equidade de gênero
- ✎ Promoção da cidadania
- ✎ Promoção do protagonismo das jovens gerações
- ✎ Garantia e respeito aos direitos humanos

#### Equipe de trabalho

O PAPAI é composto por profissionais, alguns em nível de pós-graduação, e estudantes da área de Ciências Humanas e Sociais, além de inúmeros colaboradores e colaboradoras diretos e indiretos.

#### Temas de trabalho

A equipe do Papai desenvolve trabalhos de pesquisa e intervenção social, tendo como eixos temáticos:

- ✎ Paternidade na adolescência
- ✎ Prevenção de DST e aids
- ✎ Gênero e cultura
- ✎ Violência de gênero

- ✎ Redução de danos
- ✎ Drogas

#### Base institucional

O Papai possui sede própria, localizada no bairro da Várzea, onde vive parte da população envolvida pelos projetos. Também somos vizinhos da Universidade Federal de Pernambuco, nosso principal parceiro, tendo em vista que a implantação de um projeto dessa natureza encontra na estrutura universitária seu locus privilegiado. A integração com uma instituição mais ampla, com rede de serviços, permite que o Programa interatue com outras instâncias que envolvem as áreas de educação, pesquisa, serviços de saúde e ação social, respondendo ao princípio da não-completude e da sustentabilidade, envolvendo atividades de ensino, pesquisa e intervenção.

#### Pesquisa

As pesquisas desenvolvidas pela equipe visam tanto a produção de conhecimento como também subsidiar as atividades de intervenção, além de retroalimentar outros projetos que tenham como foco as relações e hierarquia de gênero e idade. Este vetor também inclui a construção no nordeste de um fórum de debates sobre gênero e masculinidades, através do GEmA – Grupo de Trabalho em Gênero e Masculinidade.

O vetor pesquisa envolve elaboração e desenvolvimento de projetos de pesquisa, em nível de graduação e pós-graduação; produção e publicação de textos em livros e periódicos científicos; assessoria na elaboração e desenvolvimento de projetos de outros pesquisadores(as) e/ou instituições; participação e organização de eventos e participação em fóruns de entidades científicas.

#### Intervenção social

Nossas atividades voltadas à população estão estruturadas em três momentos que se relacionam:

a) *Intervenção social direta: encontros semanais com a população-alvo na forma de grupos de discussão, oficinas ou visitas domiciliares. Nas instituições-parceiras também são realizadas reuniões, oficinas, palestras e/ou cursos para profissionais.*

b) *Reunião de planejamento e avaliação: reuniões semanais em que a equipe de*



*trabalho do Papai planeja as atividades de intervenção direta a serem desenvolvidas. Nesta mesma ocasião, são avaliadas as atividades já realizadas, com vistas a possíveis mudanças no desenvolvimento das ações.*

*c) Workshop teórico-metodológico: reunião semanal para discussão de textos teóricos e/ou metodológicos, de pesquisa e/ou intervenção social. Constitui-se num momento de capacitação individual e coletiva com vistas a uma melhor preparação da equipe para o desenvolvimento das atividades, possibilitando a criação de um espaço de reflexão constante sobre a (e a partir da) prática.*

Essas atividades são realizadas em Recife, em três áreas de ação:

No Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco são realizados encontros semanais com parceiros de grávidas adolescentes que as acompanham em serviço de pré-natal ou no setor de egressos. Esses encontros, realizados na forma de oficinas, ao estilo sala de espera, focalizam temas relacionados à gestação, parto, puerpério, cuidado infantil e parentalidade. Além das atividades em grupo, para os pais que solicitarem acompanhamento individual, dispomos na sede do Papai de uma sala para esse acompanhamento, de caráter psicossocial.

Na Escola Estadual Novaes Filho está sendo desenvolvido um programa de Educação Sexual voltado aos estudantes, envolvendo também diversos setores da escola, através de: 1) oficinas semanais voltadas aos jovens alunos; 2) atividades desenvolvidas no pátio da escola, nos moldes das Oficinas de forró, voltadas a toda comunidade escolar (cerca de 1.600 estudantes, 54 professores, além dos outros funcionários e corpo administrativo da escola); 3) encontros com professores com foco na transversalização de conteúdos (conforme recomendação dos atuais parâmetros curriculares do MEC); e 4) grupos de pais de alunos e reuniões com a administração e funcionários de serviços gerais da escola.

A Oficina do Forró acima referida trata-se de uma oficina que alia cultura, saúde e educação, através da realização de atividades em grupo, tendo como elemento básico versões de forró tradicional, cujas letras foram

reescritas, visando criar canais de diálogo e desenvolver reflexões sobre comportamentos e práticas sociais, promovendo medidas preventivas em saúde, através do uso de recursos dinâmicos como a música e a dança, resgatando elementos do cancioneiro popular do Nordeste do Brasil. Em suas letras, essas versões trazem informações sobre o uso de métodos de contracepção, prevenção de DST e Aids, vivências da masculinidade e da paternidade, relações de Gênero, saúde reprodutiva, entre outros.

No município de Camaragibe/PE são realizadas oficinas periódicas buscando a sensibilização e troca de informações, promovendo medidas preventivas em saúde, particularmente no tocante às DST/Aids. São também realizadas atividades de intervenção em espaços de sociabilidade masculina (bares, rodas de dominó e campo de futebol, entre outros) a fim de realizar atividades pontuais, aos moldes da oficina de forró e oficinas de sexo mais seguro, delineando também espaços para distribuição de preservativos e oficinas temáticas e acompanhamento em visitas domiciliares, buscando promover a sensibilização da população e dos profissionais de saúde para essa temática.

Além das atividades continuamente desenvolvidas nas instituições citadas acima, também realizamos grupos de discussão e palestras realizadas com adolescentes vinculados a outras instituições. Em encontros com duração média de duas horas, buscamos promover a sensibilização e troca de informações sobre saúde e direitos sexuais e reprodutivos, mantendo como foco a questão da participação masculina nesse contexto.

### **Formação e Capacitação**

A formação constitui um dos eixos centrais do nosso plano de ação, assim, integram a equipe de trabalho do Programa PAPAI profissionais (coordenadores de campo), estudantes de graduação, que participam de projetos de pesquisa-ação, sob a supervisão dos coordenadores do Papai (profissionais em nível de pós-graduação). Além disso, realizamos atividades voltadas a profissionais de diferentes níveis de formação e campos de atuação, que trabalham junto a homens,



mulheres e jovens. Nessas atividades, apresentamos discussões metodológicas a partir das experiências e das lições aprendidas. Em congressos científicos, apresentamos resultados de pesquisa, com vista à produção de conhecimento e intercâmbio.

### **Mídia como parceira**

Com o objetivo de ampliar os limites de nossa intervenção, temos investido em várias e diversas estratégias, ativando mecanismos de sensibilização para atingir a população como um todo, por meio da produção de material para veiculação em diferentes instrumentos midiáticos.

Por meio dessas estratégias, buscamos criar um amplo canal de discussão, rompendo com a idéia da regionalidade de um projeto. Via mídia, o Papai tem ultrapassado barreiras geográficas, dialogando com outras realidades e atingindo públicos distintos.

Ao longo desses anos, temos investido na produção de pautas sobre temas relacionados à participação masculina no campo da sexualidade e reprodução, bem como sobre questões relativas à adolescência e juventude.

Entres as atividades desenvolvidas, destacam-se:

- ▄ Participação em programas de TV veiculados em âmbito nacional e local;
- ▄ Participação em programas de rádio;
- ▄ Realização de entrevistas e produção de artigos (opinião do leitor) e/ou releases para diversos veículos impressos;
- ▄ Veiculação de informes, via internet.

Além disso, considerando que, em Pernambuco, o carnaval é um dos mais ricos momentos de resgate da cultura popular e um momento oportuno para o exercício da cidadania, sensibilização e mobilização em torno de questões sociais, contruímos um boneco (inspirado nos tradicionais bonecos gigantes de Olinda) de aproximadamente 3,5 metros de altura, idealizado especificamente para despertar a atenção da população para o tema da participação masculina no campo da reprodução e do cuidado infantil. Trata-se de um jovem que carrega pelas ruas de Olinda e Recife seu animado filho, funcionando, em linhas gerais, como um dispositivo simbólico que associa uma imagem masculina ao cuidado infantil, arena culturalmente definida como de gênero feminino.



## ORGANIZAÇÕES COLABORADORAS NA VALIDAÇÃO DOS CADERNOS

### **BEMFAM - Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil**

É uma organização não governamental, de ação social, sem fins lucrativos. Atua prestando serviços à população em 14 Estados do país, através de Programas Estaduais, Clínicas de Saúde Reprodutiva, Laboratórios de Citopatologia e Análise Clínicas. Desenvolve pesquisas na área de demografia e saúde e presta assessoria técnica a órgãos governamentais e não-governamentais. É uma ONG comprometida com o Plano de Ação de Cairo, especialmente na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, na difusão da qualidade dos serviços sob a perspectiva da equidade de gênero.

*Avenida República do Chile 230 - 17º andar*

*20031-170 - Rio de Janeiro - Brasil*

*Tel: (21) 2210-2448*

*Fax: (21) 2220-4057*

*E-mail: [info@bemfam.org.br](mailto:info@bemfam.org.br)*

*Website: [www.bemfam.org.br](http://www.bemfam.org.br)*

### **INPPARES - Instituto Peruano de Paternidad Responsable**

INPPARES (Instituto Peruano de Paternidad Responsable) é uma organização não-governamental, cuja missão é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente aquelas de classes social e econômica menos favorecidas, oferecendo-lhes educação e serviços integrais com ênfase na saúde sexual e reprodutiva.

Suas ações são voltadas para mulheres e homens, incluindo populações em situações de risco como crianças, adolescentes, jovens e adultos. Possui sede nas principais cidades do Peru e seu trabalho inclui temas relacionados à prevenção de DST/Aids e à violência, com enfoque de gênero e de direitos sexuais e reprodutivos. INPPARES é o membro peruano da IPPF (International Planned Parenthood Federation)

*115 Gregorio Escobedo*

*Jesús María. Lima, Peru.*

*Tel: (511)261-5522, (511)261-5533, (511)463-5778*

*Fax: (511)261-7885*

*E-mail: [postmast@inppares.org.pe](mailto:postmast@inppares.org.pe)*

*Website: [www.inppares.org.pe](http://www.inppares.org.pe)*

### **MEXFAM - Fundación Mexicana para la Planeación Familiar**

É uma associação civil, dirigida por voluntários, e sem fins lucrativos, especializada em difundir a prática da regulação voluntária da fecundidade entre os setores mais necessitados da população mexicana: os mais pobres, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, os jovens e os homens.

Foi fundada em 1965 e é o membro mexicano da IPPF. Sua missão é proporcionar serviços de vanguarda e de qualidade nas áreas de planejamento familiar, saúde e educação sexual, de maneira prioritária a população mais vulnerável do México.

*Juárez 208, Tlalpan - C.P. 14000, México D.F.*

*Tel: (52 015) 573-7100*

*Fax: (52 015) 57-2318 / 655-1265*

*E-mail: [mexfinfo@mexfam.org.mx](mailto:mexfinfo@mexfam.org.mx)*

*Website: [www.mexfam.org.mx](http://www.mexfam.org.mx)*

### **PROFAMILIA**

PROFAMILIA é uma entidade privada, sem fins lucrativos e que desde sua fundação, há mais de 35 anos, se propõe ao bem-estar da família colombiana em especial, da população de mais baixos recursos. Por sua eficiência, na qualidade de prestação de serviços e de sua missão filantrópica, PROFAMILIA já recebeu inúmeras distinções nacionais e internacionais, e é considerada um modelo de excelência no âmbito mundial de programas de planejamento familiar e saúde sexual e reprodutiva, sendo a primeira instituição deste tipo na América Latina. Atualmente conta com 35 centros situados nas principais cidades do país, nos quais oferece programas clínicos, cirúrgicos e educativos em saúde sexual e reprodutiva a mulheres, homens e adolescentes a partir dos 13 anos de idade. Em cinco centros são oferecidos serviços de consultoria jurídica. PROFAMILIA é o membro colombiano da IPPF.

*Calle 34 N. 14-52 - Bogotá, Colômbia*

*Tel: (571) 339-0948*

*Fax: (571) 339-0946*

*E-mail: [info@profamilia.org.co](mailto:info@profamilia.org.co)*

*Website: [www.profamilia.org.co](http://www.profamilia.org.co)*





### **Save the Children**

Save The Children é uma organização internacional sem fins lucrativos, sem inclinação política nem religiosa. Foi fundada nos Estados Unidos em 1932. Trabalha em 40 países em desenvolvimento na África, Ásia, Europa e América Latina, fortalecendo processos compartilhados com as próprias comunidades, com intuito de lograr sucesso e obter melhores níveis de saúde e educação.

Na Bolívia, conhecida pelo nome de Desenvolvimento Juvenil Comunitário (DJC), existe desde 1990.

Todas suas atividades estão dirigidas ao cumprimento de sua missão institucional que consiste em “estabelecer trocas positivas e duradouras nas vidas das crianças e jovens em situação de desvantagem, incluindo também suas famílias”.

*Calle Luis Crespo, 2031*

*Casilla 15120*

*La Paz, Bolívia*

*Tel: (591) 241-3011, 591 241-2839*

*Fax: (591) 231-2455*

*E-mail: [bolivia@savechildren.org](mailto:bolivia@savechildren.org)*

*Website: [www.savethechildren.org](http://www.savethechildren.org)*

projeto

# ANEXO

## Prova de Campo dos Cadernos Série “Trabalhando com Homens Jovens”

Todas estas atividades foram testadas, em cinco países da América Latina, com 172 homens jovens entre 15 e 24 anos, em colaboração com IPPF/WHR:

- INPPARES, em Lima, Peru;
- PROFAMILIA, em Bogotá, Colômbia;
- MEXFAM, México, DF;
- Save the Children, em Oruro, Bolívia; e
- BEMFAM, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, Brasil.

Como foi mencionado na introdução, as técnicas incluídas nos manuais foram testadas em cinco países da América Latina. Em termos de resultados qualitativos da prova de campo, foram destacados os seguintes pontos:

**Primeira participação em grupos somente de homens.** Em diversos locais, os participantes mencionaram que foi a primeira vez que trabalharam em grupos somente de homens. A maioria elogiou esse tipo de trabalho somente com homens. Disseram que conseguiram falar sobre emoções, o que geralmente em grupos mistos não acontecia.

**Aumento de empatia e atenção com os outros.** Em termos de resultados positivos, um dos homens jovens disse que depois de participar das técnicas: “... nós nos vimos nos olhos do outro...”. Muitos participantes mencionaram que haviam refletido sobre os aspectos positivos da atenção e cuidado com os outros e questionaram por que os homens não cuidam mais das pessoas e coisas que os cercam.

**Questionamento do machismo.** Um dos participantes disse que as técnicas o ajudaram a quebrar a “armadura de ser um homem”. Um outro disse que: “Nós começamos a reconhecer o nosso próprio machismo. Reconhecemos que todos nós somos machistas”.

**Reflexões sobre paternidade.** Muitos grupos elogiaram o fato de se falar sobre o significado de ser pai, particularmente o

significado de seus próprios pais para eles, algo que eles nunca haviam feito.

**Mencionar o grupo aos seus amigos.** Como um resultado indireto dos grupos, muitos participantes disseram que comentaram sobre o grupo com outros homens jovens de seu círculo de amizade.

**Reconhecimento do ciclo da violência.** Em um dos locais do teste de campo, os participantes disseram num grupo focal de avaliação que após sua participação nas técnicas, perceberam a conexão entre a violência que assistiram ou experimentaram e a violência que praticavam. Um dos rapazes disse que passou a ver a ligação que existia entre a violência que sofrera de seus pais e o fato de cometer violência contra seu irmão menor.

**Mudança no estilo de interação entre os rapazes.** Em um dos locais da prova de campo, um rapaz disse que as técnicas propiciaram uma mudança na forma de falar e de interagir com outros rapazes, saindo de uma relação de competitividade e ameaças para uma relação de honestidade e respeito.

Em termos de recomendações ou aspectos que precisam ser melhorados, foi mencionado:

**O período de tempo.** Quase em todos os locais mencionaram que o tempo foi muito curto para a complexidade dos temas apresentados. Tanto os rapazes como os facilitadores demandaram por mais tempo.

**Usar as atividades somente com grupos de rapazes e em grupos mistos.** Muitos facilitadores notaram que as atividades podem ser ajustadas facilmente para grupos de meninas e mistos.

**Adaptar ao contexto local.** Em todos os locais, foi recomendado que as atividades sejam adaptadas ao contexto local.

**Mais tempo em grupos somente de homens.** Em vários locais, um interesse gran-



de nos temas fez com que os rapazes requisitassem mais grupos. Em quase todos os locais, os rapazes afirmaram que gostariam de ter mais tempo nesse tipo de grupo para continuar e aprofundar as discussões sobre gênero, masculinidade, violência, sexualidade e relacionamentos.

✎ **Mais temas.** Em termos de temas adicionais que quiseram incluir, muitos grupos sugeriram aqueles relacionados ao relacionamento de casal. [Respondendo a esta demanda, as organizações colaboradoras estão planejando uma série de manuais sobre relacionamentos].

✎ **Capacitação para facilitadores.** Os 10 facilitadores que executaram o teste de campo das técnicas não receberam nenhum tipo de treinamento prévio na utilização dos materiais. Eles receberam os manuais, em sua versão preliminar, e aplicaram as técnicas. Embora todos reconhecessem que eram capacitados para as aplicarem, todos afirmaram que era preferível a capacitação, particularmente para ajudar os facilitadores a refletir sobre seus próprios valores sobre homens, gênero e masculinidades. [Como resposta a esta demanda, as organizações colaboradoras estão promovendo uma série de workshops na utilização destes materiais, ainda que estes materiais possam ser adquiridos e utilizados sem a necessidade de participação nestes workshops.].

✎ **Tomar cuidado com o “discurso politicamente correto”.** Os facilitadores mencionaram que às vezes percebiam que os rapazes não estavam de fato refletindo sobre os temas tratados nas técnicas, mas que estavam simplesmente falando aquilo que os facilitadores gostariam de ouvir. Eles sugeriram que, falando como facilitadores, em estar trabalhando mais tempo com os jovens para ultrapassar esta etapa do discurso “politicamente correto”.

✎ **Fornecer mais informações através de apresentações audiovisuais.** Muitos facilitadores disseram que além das técnicas, seria útil considerar o uso de apresentações básicas com informações sobre vários temas como violência, gênero, uso de drogas, sexualidade, HIV/AIDS como um complemento.

Em termos de resultados quantitativos, foi usado um instrumento simples de pré e pós teste para avaliar as mudanças de atitudes e de conhecimentos após participação nas técnicas. Por conta de que diferentes técnicas foram testadas em diferentes contextos, e o número de participantes em cada um foi limitado, as mudanças avaliadas devem ser consideradas preliminares. Além disso, o fato de que o pós-teste foi aplicado imediatamente após a participação nas técnicas, não podemos afirmar mudanças de atitude a longo prazo. Ainda assim, podemos observar mudanças baseadas nas questões que se seguem. Cada uma destas perguntas foi apresentada como as opções: concordo plenamente, concordo mais ou menos, não concordo, não sei.

1- “O homem tem que ter muitas mulheres e divertir-se muito antes de constituir uma família.”

Houve uma significativa alteração nos percentuais de “não concordo”, sugerindo algum questionamento sobre a percepção tradicional de que os homens devem ter muita experiência sexual.

2- “O pai que é jovem, sempre é irresponsável e nunca assume seu filho.”

Aumentou o número de “não concordo”, sugerindo que eles perceberam caminhos em que pais jovens podem ser mais envolvidos com o cuidado de seus filhos e serem responsáveis.

3- “As etiquetas ou estereótipos que as pessoas põem nas outras afetam o desenvolvimento pessoal e as relações humanas.”

Muitos participantes concordaram com esta afirmação, sugerindo uma compreensão do fato de rotular e culpabilizar.

4- “Não há nada que se possa fazer para prevenir a violência.”

Com essa questão, houve uma significativa alteração em “não concordo”. Eles passaram a acreditar que podiam fazer alguma coisa para reduzir a violência.

5- “Como o homem é forte, sua vulnerabilidade em relação a AIDS é baixa”.

Um aumento de respostas “não concordo” com esta afirmativa sugere que eles são capazes de perceber o “mito da força masculina”.

6- “O preservativo diminui o prazer e pode romper-se.”

Apenas alguns rapazes concordaram com





essa afirmação.

7- “As redes sociais favorecem a saúde mental, pois servem para desenvolver vínculos afetivos, de cuidado e de apoio.”

Muitos dos rapazes concordaram com essa afirmação, sugerindo a possibilidade de aumento do comportamento de busca de ajuda.

8- “Se alguém me insulta, defendo minha honra pela força se for necessário.”

Apenas alguns rapazes concordaram, sugerindo o questionamento da honra masculina.

9- “O corpo do homem é muito simples: pê-

nis e testículos. Somente é necessário lavá-lo e pronto.”

Poucos rapazes concordaram, sugerindo uma maior conscientização da complexidade da anatomia masculina.

Baseados nestes resultados iniciais do teste de campo, as organizações colaboradoras estão planejando um estudo de avaliação de impacto a longo prazo para medir e compreender o impacto em homens jovens na participação nas técnicas por um determinado período de tempo.

projeto

violência



Sexualidade

projeto

violência

**Ilustração**

Newton Foot

**Edição de arte**

Gilson Nakazato

Samuel Paiva

**Direção de arte**

Reginaldo Bianco

**Projeto editorial e gráfico**

3Laranjas Comunicação

*www.3laranjas.com.br*

*3laranjas@3laranjas.com.br*

*Rua Mateus Grou, 260 cj 06 Pinheiros*

*cep: 05415-040 São Paulo - SP - Brasil*



O **Programa PAPAÍ** é uma instituição civil sem fins lucrativos que desenvolve pesquisas e ações educativas sobre sexualidade e saúde reprodutiva, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. Promove atividades de intervenção social junto a homens, jovens e adultos, em Recife, nordeste brasileiro, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir do enfoque de gênero, em nível nacional e internacional. Sua equipe é composta por homens e mulheres: profissionais (graduados e pós-graduados) e estudantes da área de Ciências Humanas e Sociais, além de inúmeros colaboradores e colaboradoras, diretos e indiretos. Principais temas de trabalho: paternidade na adolescência, prevenção de DST e Aids, comunicação e saúde, violência de gênero, redução de danos e drogas.

**Coordenação Geral:** Benedito Medrado; Jorge Lyra  
Karla Galvão; Pedro Nascimento

**Autores/as:** Benedito Medrado (coordenação)  
Jorge Lyra (coordenação)  
Karla Galvão; Maristela Moraes  
Dolores Galindo; Cláudio Pedrosa

**Colaboradores/as:** João Bosco Lima Júnior;  
Luciana Souza Leão; Maria do Carmo Adrião  
Moisés Barreto; Nadjanara Vieira

**Contatos:** Jorge Lyra / Benedito Medrado  
Rua Mardônio Nascimento, 119 - Várzea  
Recife, PE, 50741-380, Brasil  
Tel/Fax: (81) 3271-4804  
E-mail: [papai@npd.ufpe.br](mailto:papai@npd.ufpe.br)  
Website: [www.ufpe.br/papai](http://www.ufpe.br/papai)



A série *Trabalhando com Homens Jovens*, destinada a educadores e agentes de saúde, compreende cinco cadernos e o vídeo *Minha Vida de João*, disponíveis em português, espanhol e inglês. Cada caderno é composto por uma parte teórica e uma série de técnicas participativas para facilitar o trabalho em grupo com homens jovens (entre 15 e 24 anos). No vídeo, um desenho animado, é mostrado, de forma criativa e lúdica, como os homens jovens são socializados e como é possível questionar as maneiras tradicionais de ser homem.



Projeto H - Série *Trabalhando com Homens Jovens*, na promoção da saúde e da equidade de gênero.